

A BANDEIRA DO EXERCITO ALEMÃO JA' ESTA' TREMULANDO, VITORIOSA, NOS CIMOS DO OLIMPO

**O Avanço Das Forças Alemãs
Nos Despenhadeiros Gregos
Torna Inevitável A Democada Da Grecia**



Forças Militares
do Exército Alemão
em movimento na Grécia

Vasos Norte - Americanos

**Billie Townsend confirma
que O SENADOR TOBEY**

WASHINGTON - O senador republicano Billie Townsend, de Connecticut, afirmou hoje que o senador democrata Charles McNary, de Oregon, havia se declarado culpado por ter recebido dinheiro de fontes alemãs para influenciar a legislação do Senado. Townsend afirmou que McNary havia recebido 100 mil dólares de fontes alemãs para influenciar a legislação do Senado. Townsend afirmou que McNary havia recebido 100 mil dólares de fontes alemãs para influenciar a legislação do Senado.

DESCOBRINDO

Apesar De Não Usar Mais

o "Vozes" (revista de propaganda da imprensa internacional) para a imprensa internacional, a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional.

...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional. ...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional. ...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional.

DIARIO DE NOTICIAS

A Atividade Aereo Alemã

Aviões alemães sobre o território da Espanha. O General Goering, Chefe da Força Aérea Alemã, afirmou que os aviões alemães estavam sobre o território da Espanha.

Presidente Getúlio Vargas



Presidente Getúlio Vargas

VICHY

NEW NOTICIAS
Do Vichy
em Vichy

Fala

de Hitler
em Vichy

LAO ENHANTEN

Do Vichy
em Vichy

Coma Morte De Koritzis O Rei Jorge Assume Pessoalmente A Presidencia Do Ministerio Grego

Atenas, 19 - O Rei Jorge assumiu pessoalmente a presidência do Ministério Grego, após a morte de Koritzis. O Rei Jorge assumiu pessoalmente a presidência do Ministério Grego, após a morte de Koritzis.

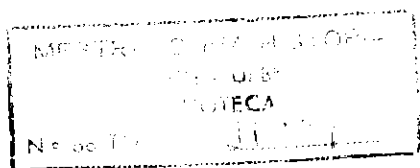
...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional. ...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional. ...a imprensa internacional continua a usar o "Vozes" para a imprensa internacional.

José Carlos Peixoto Júnior

A ascensão do nazismo pela ótica do Diário de Notícias da Bahia

1935-1941

Um estudo de caso



Dissertação de mestrado
apresentada ao Programa de
Pós-graduação em História
Social da Universidade
Federal da Bahia.

Salvador

2003

A Davi, meu amado filho.

*Que esses fatos jamais se
repitam.*

Não passará!

Agradecimentos

Este é um trabalho individual mas que deve sua efetivação à cooperação de pessoas e instituições que souberam compreender sua importância e que, de alguma forma, cruzaram meu caminho ao longo dos últimos anos.

Ainda lembro dos primeiros livros degustados sobre a Segunda Grande Guerra. Aqueles fatos que um dia horrorizaram a humanidade chamavam-me atenção, um adolescente ávido por conhecer os porquês de tamanha insensatez. As primeiras informações estavam logo ali, na estante da casa do meu pai, a quem devo os primeiros passos nesta instigante aventura chamada História. “Seu” Zé Carlos é um colecionador de obras interessantes e que me abriram o caminho rumo aos estudos da humanidade.

Tornei-me jornalista por este impulso.

Obrigado a Patrícia, minha mulher, por encorajar-me nesta empreitada. Obrigado a Davi, meu filho, pelo seu sorriso reconfortante. Desculpem-me pelas ausências.

Obrigado a minha mãe, dona Marlene, pelo seu amor infinito. A Cássio, Cláudio e Caio, meus irmãos, pela cumplicidade das nossas histórias.

Nossos acenos também se dirigem aos companheiros do mundo acadêmico, aqueles que comigo compartilharam dúvidas, incertezas, objetivos e, por vezes, aflições. Valeu colegas! Sinceramente agradecido aos professores Elizete Silva, Muniz Ferreira e Antônio Brotas. As conversas com eles foram determinantes e esclarecedoras.

Obrigado a Laís Cauduro pelo envio de preciosos documentos. Nossos agradecimentos aos funcionários da Biblioteca Central da Bahia, que, em diversos momentos, não se refutaram ajudar este pesquisador.

Obrigado àqueles que diminuíram esta iniciativa. Seus desestímulos serviram-me de combustível para comprovar que estavam enganados e desinformados.

Saudações ao professor Israel de Oliveira Pinheiro, meu orientador. No momento certo, a indicação correta.

Obrigado à vida pela existência!

*A nossa psicologia política não poderá ser outra coisa
que um estudo do “fator subjetivo da história”, da
estrutura do caráter do homem numa determinada época e
da estrutura ideológica da sociedade que ela forma (...) A
ideologia de cada grupamento social tem a função não só
de refletir o processo econômico dessa sociedade, mas
também – e principalmente – de inserir esse processo
econômico nas estruturas psíquicas dos seres humanos da
sociedade...*

(William Reich, Psicologia de massas do fascismo)

Sumário

Apresentação-----	Pág 09
Introdução: O jornalismo como construção social-----	- Pág 18
Iº Capítulo: Ode ao antiliberalismo-----	Pág 32
Iª Parte: A ação de mídia alemã no Brasil-----	Pág 49
IIª Parte: O discurso do Diário de Notícias-----	Pág 65
IIº Capítulo: O panfleto de guerra-----	Pág 100
Iª Parte: A Segunda Guerra é realidade; O DN muda de dono- Pág 101	
IIª Parte: A batalha no papel-----	pág 108
Defendendo o mundo contra o comunismo-----	pág 143
Considerações finais-----	pág 150
Bibliografia-----	pág 157
Edições do Diário de Notícias-----	pág 162
Outros órgãos de imprensa citados-----	pág 165
Documentos pesquisados e citados-----	pág 165
Audiovisuais-----	pág 165
Entrevistas realizadas-----	pág 166

Resumo

O presente trabalho é um estudo de caso referente à trajetória do jornal Diário de Notícias da Bahia entre os anos de 1935-1941. Ao longo desse período, o vespertino da cidade do Salvador desenvolveu ampla campanha favorável à Alemanha Nazista. Esta dissertação busca analisar o discurso do jornal sob a perspectiva histórica, contemplando algumas variáveis de cunho político e econômico que nortearam o episódio. O Diário de Notícias, jornal pertencente a figuras de destaque das elites políticas da Bahia, é avaliado como um órgão de imprensa enquadrado no modo de produção capitalista, suscetível às investidas dos diversos agentes que se interpuseram à sua trajetória no período em questão. Este trabalho também busca resgatar fatos que, até então, passaram despercebidos da atenção acadêmica ao longo dos últimos setenta anos. Trata-se de um estudo voltado à compreensão do desenvolvimento histórico da imprensa da Bahia e do Brasil.

Palavras chaves: fascismo, nazismo, imprensa, jornal

Abstrat

The present work is a case study regarding the path of the newspaper Diário de Notícias, from Bahia, Brazil, between 1935 and 1941. Throughout this period, the daily paper from the city of Salvador developed an ample campaign in favor of Nazi Germany. This dissertation intends to analyze its discourse in a historical perspective, contemplating some economic and political variables that influenced the episode. Diário de Notícias used to belong to well known politicians associated with the local ruling class. This newspaper is evaluated as a press enterprise which fitted into the capitalist way of production and it was susceptible to the interference of diverse agents of that period of time. This work also intends to rescue facts which have been ignored by the academic community for the last 70 years. Such study is geared towards understanding of the press and its development in Bahia and Brazil.

Key-words: fascism, nazism, press, newspaper

Apresentação

Ao Diário de Notícias! A palavra de ordem ecoou nas ruas do centro de Salvador no dia 22 de agosto de 1942. O Brasil finalmente havia declarado guerra às potências agressoras do Eixo e uma multidão enfurecida ameaçava empastelar o Diário de Notícias da Bahia, cuja sede ficava localizada à Rua Santos Dumont, no Comércio. A polícia fora chamada para conter os manifestantes, mas, ainda assim, não conseguiu controlar um grupo de populares que entrou na sede da empresa danificando máquinas e equipamentos. A fúria contra o vespertino baiano se confundia com o mesmo ódio que a população nutria para com os súditos dos países do Eixo.

O periódico fora incluso pela população de Salvador na seara da quinta coluna. Firms como a Westphalen Bach, Krohn e Cia, do setor de máquinas e ferragens, a Suerdick e a Danemann, ligadas ao setor fumageiro agroexportador, e a Viação Aérea Condor, pertencente à companhia de aviação germânica Deutsche Lufthansa, não por coincidência fortes anunciantes do jornal, também haviam sofrido represálias em decorrência da insatisfação popular. A marinha alemã havia atacado navios brasileiros na sua própria costa. O saldo foi trágico. Cerca de 300 pessoas morreram em decorrência da agressão nazista aos navios *Baependi*, *Araraquara*, *Aníbal Benévolo*, *Itagiba* e *Arara* e à barçaça *Jaciara*.

O movimento antifascista crescera no Brasil e a população, representada nas suas diversas instâncias, pedia a entrada do país na guerra ao lado das potências aliadas. Em Salvador, as manifestações cresciam a cada dia.

O que teria justificado o ato contra o Diário de Notícias? No decorrer dos oito últimos anos em questão o jornal baiano havia encetado aguerrida campanha a favor da Alemanha nazista, ou a “Nova Alemanha”, um país que mostrava extremo interesse em estreitar seus já consolidados laços comerciais com o Brasil e particularmente a Bahia. A colônia alemã controlava alguns setores da economia local, exercendo considerável influência na Associação Comercial da Bahia, entidade da qual o jornal havia se posto como porta-voz desde o início do século XX.

O jornal Diário de Notícias da Bahia foi fundado em 1º de março de 1875, um empreendimento do jornalista Manoel Lopes Cardoso. Com sua morte, em junho de 1887, durante dez anos o jornal é editado pelo redator-chefe e gerente Eduardo de Vicchi.

Em maio de 1897 o veículo foi vendido ao professor Cassiano Gomes e em seguida adquirido pelo coronel Vicente Lins Ferreira do Amaral, que o faz retornar à circulação em 16 de março de 1903. O negócio é desfeito em 1919, quando a empresa é vendida ao grupo incorporado pelo professor e posteriormente deputado federal pelo PSD Altamirando Requião. A nova sociedade era composta por 58 acionistas.

Em 1939 o jornal passa ao controle, econômico e editorial, de Antonio Balbino de Carvalho, que comanda o vespertino até 1942. Em 1943 a empresa é vendida por 300 contos de réis ao Condomínio dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand. O jornal passa a ser comandado pelo pernambucano Odorico Tavares, que inaugura uma nova fase no vespertino, caracterizada pelo estímulo às artes e às letras o que veio a provocar, no entender de Consuelo Novais, “uma revolução cultural no estado”. O Diário de Notícias encerrou suas atividades em 1979 e em 1981 a 17ª Vara Comercial de Justiça do Estado decretou sua falência.

Ao longo de um século o vespertino da Rua Santos Dumont exerceu forte influência na vida política e cultural do Estado, sempre sendo dirigido por figuras de destaque nos meios políticos e intelectuais da Bahia.

No período em análise, o Diário de Notícias atuou numa sociedade cuja base econômica era eminentemente agropastoril e a população do Estado contava com pouco mais de quatro milhões de habitantes. Salvador abrigava em torno de 350 mil pessoas e detinha um incipiente desenvolvimento industrial, com menos de 10 indústrias divididas entre os setores têxtil tradicional e de cigarros e charutos. Era uma capital com reduzido contingente operário. O setor universitário soteropolitano somava cerca de mil estudantes, divididos entre as faculdades de Direito, Medicina, Engenharia e Agronomia. Duas escolas de nível médio também se destacavam, as de Comércio e Eletro-mecânica.

No interior, as lavouras de cacau e fumo, voltadas à exportação, exerciam papel de destaque na economia regional, gerando inclusive divisas para o país, mas que não se traduziam em benefícios para o Estado, assim como a pecuária que já figurava como um dos maiores rebanhos do Brasil.

Após adquirir o jornal, em 1919, Requião introduzirá mudanças gerenciais e tecnológicas na empresa, “o que faz do Diário de Notícias um jornal novo, em condições de sobreviver por longo tempo na imprensa baiana” (Santos, 1985, p.56). O novo proprietário, ao alterar o padrão gerencial e tecnológico do veículo, o coloca também em sintonia com a nova dinâmica da imprensa mundial. A informação já é tratada como produto. Ao abraçar linha editorial de amplo apoio à causa nazista a partir de 1935, o Diário de Notícias esteve, de alguma forma, refletindo esta nova dinâmica (ver discussão no próximo capítulo).

Ao que tudo indica, o Diário de Notícias atuou, entre 1935 e 1941, como o elo entre a Alemanha que se reedificava sob o signo da suástica e a colônia dos seus cidadãos na Bahia. Estivera a serviço da causa nazista numa cidade de majoritária população negromestiça. Tal aspecto, ao que nos parece, não se apresentou como obstáculo à cristalização desses ideais por parte dos homens que comandaram o periódico baiano no período em voga. Tanto Altamirando Requião quanto Antonio Balbino de Carvalho não esconderam em diversos momentos suas admirações pela “obra” que se construía na Alemanha. Os fatos são muito claros, como veremos no decorrer deste trabalho.

Talvez o que tenha diluído esses acontecimentos da atenção dos estudiosos e pesquisadores seja o fato de que o discurso perpetrado pelo jornal baiano se confundisse com o imaginário cristalizado pelas forças políticas que haviam apeado o poder do país desde 1930. O temor do fascismo periférico eleito pelos tenentes comandados por Vargas em 30 e que se consolidara em 1937 com a decretação do Estado Novo integrava um espectro maior de discursos que se desencadeavam na Europa, Oriente e nas Américas.

Tanto Franco, quanto Mussolini, Adolf Hitler, Salazar, Perón e Getúlio Vargas se postavam como baluartes na defesa de um estado forte, capaz de forjar um novo homem, uma nova sociedade que se contrapusesse ao que a direita internacional daquele período classificava como a “nefasta” influência judaico-bolchevique e que encontrava no regime liberal as “brechas” para corromper a sociedade.

Nessa perspectiva, o trabalho realizado é um estudo de caso sobre o jornal baiano Diário de Notícias no período entre 1935 e 1941. Nosso objeto é a atuação deste órgão de imprensa no referido período quanto à cobertura política internacional dada à ascensão do regime nazista na Alemanha. O recorte de estudo situa-se, particularmente, neste foco, ainda que tangenciemos outros acontecimentos correlacionados ao fato em questão.

Aqui não nos propusemos realizar nenhuma abordagem complexa sobre a ideologia nazi ou mesmo o fascismo como espectro ideológico que se fez presente em diversos estados nacionais nas décadas de 30 e 40. Não é o nosso objetivo. Ainda assim, fez-se necessário estabelecer uma sucinta discussão sobre o tema e suas inter-relações com a política interna do Brasil.

Limitamo-nos a buscar entender o comportamento editorial de um veículo de imprensa situado numa cidade à época periférica e distante dos grandes centros de discussão nacional. E é justamente esta particularidade que mais nos chamou atenção. Qual o sentido de se fazer um tórrido discurso pró-nazista num jornal localizado no Nordeste do Brasil? A indagação impulsionou esta pesquisa. Trata-se de uma passagem ainda obscura da história da Imprensa na Bahia, a qual nos propusemos auxiliar desvendar.

Alguns estudos de caráter jornalístico e também histórico perpassaram o tema em questão. As contribuições de Hélio Silva, com sua série de obras sobre a era Vargas, o trabalho dos jornalistas Joel Silveira e Geneton Moraes a cerca do jornal carioca Meio Dia (O Pacto Maldito) e as incessantes investigações do brasilianista Stanley Hilton sobre a atuação nazista no Brasil levantaram uma série de pistas sobre o problema.

Na seara regional, a imprescindível leitura de dois trabalhos do jornalista e ex-militante comunista baiano João Falcão, *O Partido Comunista que eu conheci* e *O Brasil e a 2ª Guerra*, se fizeram determinantes para o entendimento daquele momento da vida política do país e do Estado. Além disso, a colaboração de Falcão se estendeu à sua participação como fonte oral neste trabalho, não se recusando o mesmo a conceder esclarecedora entrevista a este autor, apontando nomes e episódios que envolveram o Diário de Notícias com os fatos aqui levantados.

Outra pista de extremo valor foi o comentário feito pela professora aposentada da Universidade Federal da Bahia, Consuelo Novais Sampaio, sobre o Diário de Notícias no Dicionário Histórico Biográfico Brasileiro (2001): o jornal fora germanófilo na Iª Grande Guerra.

No campo acadêmico nacional, foram de singular importância os estudos desenvolvidos por Ester Cohen (*O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*) e Luis Edmundo Moraes (*Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer; A Seção Brasileira do Partido Nazista e a Questão*

Nacional) sobre a presença do Partido Nazista em solo brasileiro. Realizaram excelentes dissertações de mestrado sobre o assunto. Assim como as pesquisas do professor Francisco Carlos Teixeira ajudaram a elucidar o que apenas limitava-se ao campo da especulação: os nazistas efetivamente controlaram uma parte da mídia nacional. Estes trabalhos garantiram-nos valiosas e indispensáveis pistas.

Não podemos esquecer também os trabalhos de Eliana Dutra, *O ardil totalitário*, o qual aborda o enredo discursivo encetado na década de 30 pelo imaginário político do país, e *A Construção da Verdade Autoritária*, de Maria das Graças Ataíde de Almeida, que trabalha na mesma direção que Dutra, analisando o imaginário político de Pernambuco a partir da interventoria de Agamenon Magalhães naquele Estado. Obras importantíssimas que se preocupam em afirmar a inclinação para o fascismo que o país vivenciou na era Vargas, o que muitos tentam negar.

Retomando, falamos aqui da imprensa escrita e de suas relações com o mundo político e econômico. Relações calcadas em interesses que, muitas vezes, atropelam o fazer jornalístico. Como bem sugere Ciro Marcondes Filho, “a história do Jornalismo reflete de forma bastante próxima a própria aventura da modernidade” (2000, p. 9).

Ainda que Werneck Sodré (1999) não entendesse a imprensa escrita no Brasil como um meio de comunicação de massa, acreditamos que esta instituição historicamente tem chamado a si a responsabilidade de operar simbolicamente o discurso, transformando-o em capital político. O controle da informação funciona como forma de dominação.

O século XX foi a era dos médias. As guerras e conflitos que ocorreram neste período não ocuparam apenas seus campos de luta convencionais, outros palcos foram utilizados e a imprensa talvez tenha sido, e ainda é, o mais importante. Não sem razão que é sobre esta atividade que os estrategistas do Partido Nazista jogaram todas as suas fichas no sentido de propagandear suas ações, até mesmo nos mais longínquos recantos do planeta, como ocorreu na então pacata Cidade da Bahia de Todos os Santos.

Para o Ministro da propaganda do III^o Reich, Josef Goebbels, era na mídia onde travava sua guerra particular. O objeto com o qual nos deparamos nesse estudo apresenta-se como um pequeno mostruário do que foi esta guerra particular para o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães - NSDAP.

Aqui estaremos abordando alguns aspectos desse propósito em terras baianas, que tangenciou um jornal cuja importância na vida política e econômica do Estado é inegável. Pelo comando da Redação do Diário de Notícias passaram figuras de destaque do meio político local.

Desmembramos este trabalho em três partes. No capítulo introdutório abordaremos o papel da imprensa na sociedade moderna, que estará sob o controle do mercado das agências internacionais de notícias. Esta discussão tangencia o sentido da produção jornalística e os meandros éticos que norteiam a praxis da imprensa. Notícia e propaganda política se confundem num jogo açodado pelo capital e esta relação atuará na sedimentação do imaginário nazifascista na década de 30.

No capítulo seguinte discutiremos a cristalização do discurso antiliberal que veio a permear a política do Brasil no período. O processo de construção do fascismo periférico do país é absorvido e retroalimentado pelo Diário de Notícias da Bahia. Nessa parte, merece destaque a atuação dos dois diretores de Redação e proprietários do jornal que, em momentos distintos, se entrincheiraram nesta visão de mundo: o professor e deputado federal Altamirando Requião, político ligado ao Partido Social Democrático – PSD -, e o também militante da mesma agremiação, Antônio Balbino de Carvalho. Este último ligado à aristocracia agrário-comercial do oeste do Estado e que veio a ser eleito governador da Bahia em 1954.

Intelectuais menores, de envergadura regional, Requião e Balbino comungaram com os discursos encetados pela elite pensante que deu sustentação ao projeto cripto-fascistizante na sociedade brasileira, a exemplo de Oliveira Viana, Gustavo Barroso, Azevedo Amaral, Miguel Reale, entre outros. Estes integraram a imprensa que atua, conforme Gramsci (1968), no sentido de entender os leitores “como elementos ideológicos, ‘transformáveis’ filosoficamente, capazes, dúcteis, maleáveis” (...) (1968, p.163).

Outro aspecto abordado neste capítulo diz respeito ao entendimento do projeto político levado a cabo pelo presidente-ditador Getúlio Vargas. Até que ponto esse processo manteve relações e práticas com as matrizes do fascismo italiano de Benito Mussolini e o nazismo de Adolf Hitler? Como dito no segundo parágrafo desta apresentação, o assunto é tratado sucintamente. Adiantamos que este entendimento se dá sob a perspectiva da universalidade possível do fenômeno fascista.

No segundo capítulo nos deteremos na análise sobre a movimentação do Partido Nazista em terras brasileiras, que resulta na estrutura montada pelo NSDAP no país e na rede de mídia articulada por intermédio da Embaixada Alemã. A propaganda nazista se pôs em marcha no Brasil. O episódio é permeado por uma crise diplomática envolvendo os governos brasileiro e alemão. Nesse ínterim, abordaremos a presença de militantes nazis em Salvador assim como as relações entre as autoridades germânicas e alguns veículos de imprensa do país. Aqui surgem pistas de que esta relação permeou o Diário de Notícias da Bahia.

Ainda neste capítulo nos deteremos em analisar o discurso do jornal baiano a partir da publicação dos textos dos “colaboradores” supostamente alemães que freqüentaram com assiduidade o vespertino no período entre 1935 e 1939, período em que Requião estará à frente da Direção de Redação do jornal. Esses “colaboradores” construirão a Alemanha em multitemas, apresentado o novo país que surgia sob a égide nazista.

No terceiro capítulo nos debruçaremos sobre o que classificamos como o “panfleto de guerra”. A Segunda Guerra Mundial já é uma realidade e a barbárie nazista horroriza o mundo. É quando o jornal se transforma num mero publicador de textos da agência de notícias alemã Transocean. O conflito então é visto e lido apenas sob o ponto de vista germânico. Antonio Balbino estará no comando do veículo neste momento. Abre-se a discussão sobre as grandes manchetes publicadas no Diário de Notícias, que desprende-se quase que completamente da realidade regional, voltando-se única e exclusivamente à cobertura da guerra, vindo a se tornar um órgão panfletário.

A escolha do período que norteou metodologicamente a pesquisa, 1935 e 1941, recai na justificativa do comportamento editorial do Diário de Notícias, que estabelece um diferencial nesse espaço de tempo. O Partido Nazista chega ao poder em 1933 e no ano de 1935 o Diário de Notícias retoma o discurso germanófilo que proferira durante a Iª Guerra (Sampaio, 2001, p.1847 *in...*), época em que pertencia ao coronel Ferreira do Amaral. A partir de 1935 o jornal passa a contar com a presença constante dos já citados “colaboradores” supostamente alemães. A Alemanha nazista torna-se objeto sistemático de propaganda para o vespertino baiano, o que norteará a posição editorial do Diário de Notícias até 1941.

Em 1942 o jornal se apresentará com outra postura. A justificativa para esta mudança recai num conjunto de fatos. Os Estados Unidos declararam guerra às potências do Eixo, o que provoca alterações na política externa do Brasil, que rompe relações diplomáticas com a

Alemanha, Itália e Japão. Internamente, se inicia uma forte reação do Estado brasileiro contra as articulações da Embaixada Alemã e do NSDAP em solo nacional.

A correlação das forças políticas internas também se altera. O espaço político para as ações de imprensa por parte dos alemães fora eliminado e os militantes nazistas passam a ser implacavelmente perseguidos pelos órgãos de segurança. Encerrava-se a aventura do Diário de Notícias iniciada em 1919 e retomada em 1935.

No capítulo conclusivo, buscaremos compreender os níveis de relacionamento existentes entre o Diário de Notícias da Bahia e a sociedade local. A intenção foi entender até que ponto repercutiu na praça de Salvador a postura editorial encampada pelo vespertino baiano. Fatores externos à política local interromperam a atuação publicista do jornal. No entanto, o periódico registrou algumas contradições internas (regionais) no que se refere à interface política com as elites baianas.

Aspectos metodológicos

Ao nos depararmos com o objeto em questão, entendemos que pesquisá-lo exigiria duas frentes de trabalho. A primeira residiria na pesquisa do acervo do Diário de Notícias no período em discussão, o qual se constituiu em nossa fonte documental primária. Encontramo-lo na Biblioteca Central do Estado, na sua maior parte em condição razoável de manuseio. Foram vistas um total de 2200 edições do jornal. Desse universo, 345 matérias foram fotografadas e catalogadas por data de publicação, ano e número de edição. Oitenta matérias sofreram processo de digitalização. Este número refere-se também ao universo trabalhado para a realização da dissertação.

A extração das matérias por intermédio de imagens se deveu ao fato da impossibilidade do material ser retirado do acervo para quaisquer tipos de procedimentos de cópia. Seria impossível realizar a leitura desse material em horário de expediente da instituição, o que demandaria um tempo de pesquisa muito mais extenso.

A segunda frente de trabalho exigia a pesquisa das fontes secundárias. Percorremos os acervos do Arquivo Público do Estado da Bahia, onde encontramos pouquíssima documentação envolvendo processos da Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS - referentes à militância de partidários do NSDAP no Estado. A maior parte dos documentos sobre essa movimentação foi extraída da dissertação de Luís Edmundo Moraes, que se

utilizou do acervo do Arquivo Público do Rio de Janeiro, onde se encontra a maioria dos documentos relacionados a processos de militantes nazistas presos em Salvador pela DOPS. Na Junta Comercial do Estado da Bahia - JUCEB - encontramos as atas das assembleias dos acionistas do Diário de Notícias nos anos de 1939 e 1940.

No que tange ao manancial da documentação primária, enfrentamos o desafio de dar o devido tratamento para a análise do mesmo. Entendemos que a imprensa produz diariamente fragmentos de história e, ao contrário do que se pensa, os textos jornalísticos, sejam escritos ou por imagens, não se encerram no mero reportar dos fatos. Dizem mais do que apresentam. A ideologia manifesta-se na língua e na linguagem utilizadas. Como entender fatos narrados e comentados num período onde valores, costumes e sentidos comuns configuravam-se em outros eixos de compreensão?

Conforme Orlandi (2002),

A Análise de Discurso critica a prática das Ciências Sociais e a da Lingüística, refletindo como a linguagem está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua (Orlandi, 2002, p.16).

Elegíamos o instrumento metodológico à efetivação do trabalho. A intenção *do que comunicar* de grande parte dos textos era clara, óbvia. O jornal abraçara a propaganda germanófila. Mas a linguagem só faz sentido porque se inscreve na história. Cada termo, símbolo, expressão e imagem com os quais nos deparávamos constituíam-se no desafio de decifrá-los, entendendo-os como sujeitos constructos da história, posto que os mesmos projetavam simbolicamente determinado espectro ideológico. Evitamos os métodos quantitativos, resumindo-se apenas a uma única tabela necessária ao entendimento de uma breve análise econômica sobre as relações de comércio entre o Brasil e a Alemanha.

Frisando, aqui procuramos estabelecer um estudo de caso sobre o comportamento editorial do jornal Diário de Notícias da Bahia. Para tanto, estabelecemos os elos desta trajetória com os fatos que se processavam no Estado, no Brasil e no mundo naquele momento. Vale ressaltar que este é um trabalho de investigação histórica, mas que não perde sua essência jornalística. História e Imprensa se imbricam e, muitas vezes, até confundem-se, principalmente quando se trata de analisar o jornalismo político. Foi este o nosso intento.

Introdução

Jornalismo como construção social

Os métodos de elaboração e divulgação do jornal moderno nas décadas de 30 e 40 serão sustentados por sistemas industriais (Sodré:1980). O jornalismo impresso atuará não só com a palavra, mas também com a imagem e sua praxis discursiva será “sustentada” na presumível neutralidade e objetividade na construção da notícia. A reflexão deste paradigma se torna uma premissa necessária para entender a atuação da imprensa.

Diferente do que ocorreu nos séculos XVIII e XIX, quando o jornalismo limitava-se à prática panfletária, o chamado “jornalismo romântico”, a imprensa do século XX adicionará um novo componente: a mercantilização do espaço gráfico. Não só informação. A publicidade integrará esta nova dinâmica, enquadrando a imprensa no modo de produção capitalista (Sodré, *Ibidem.*, p.04).

Na fase industrial, a produção jornalística incorporará um novo modelo: a reportagem com publicação diária. Um novo produto para uma sociedade ávida de consumo, que se transforma e urbaniza.

Sua difusão deve-se a quatro fatores: a invenção da rotativa, aumentando a tiragem e reduzindo o preço; a utilização da publicidade, que traz novos recursos; aceleração da distribuição (estrada de ferro, automóvel, avião, que permitem transportar os exemplares no mínimo de tempo para quaisquer lugares); e a aceleração da informação (quando o telégrafo sucede aos pombos correios).

É no século XX que constituem-se as grandes agências de notícias (Domenach, 1963, p.16). Essa infraestrutura logística operará rápida transformação no mercado mundial da informação. De produto limitado a poucas pessoas, o jornal atingirá milhões de leitores em todo mundo na primeira metade do século XX. Implanta-se o jornal moderno.

(...) cujo baixo preço e cuja apresentação o transforma num instrumento popular e numa formidável potência de opinião. Ao mesmo tempo em que aumentam as tiragens, bem como sua influência, os jornais tornam-se negócios a serviço do capitalismo e do estado e dependem de agências de informação igualmente controladas (*Ibidem.*, p.16).

As agências de notícias se encarregaram de perpetrar na imprensa mundial uma espécie de padronização dos métodos de informação: as notícias serão enviadas em formato de mensagens telegráficas. Até a primeira década do século XX, o domínio francês foi quase hegemônico nesse mercado mediante a atuação da agência Havas. Logo após a Iª Guerra Mundial os norte-americanos passam a controlar a distribuição mundial das notícias através da agência Reuter. Assinado o Tratado de Versalhes, as duas empresas decidem quase que dividir o mercado mundial (Rangel, 1991, p.171-172).

O pós guerra é um período marcado pela afirmação política das potências vencedoras. O oligopólio da informação por parte de norte-americanos, ingleses e franceses refletia o esforço dessas potências em consolidar suas áreas de influência (Ibidem., p.172). A busca desse controle será conduzida mediante avassaladora divulgação de pontos de vistas e conceitos ideológicos introduzidos nas notícias enviadas por essas agências (Lage, 1981, p.21).

Repartia-se assim o mercado internacional do setor no início da década de 20: as agências Stefani, da Itália, Fabra, da Espanha e a Agência de Notícias de Portugal estavam sob o controle ou propriedade da Havas; a agência Belga, por sua vez, estava dividida sob o comando da Havas e da Reuter; a agência da Dinamarca era propriedade da Reuter, que também controlava os serviços de notícias russo, escandinavo e austríaco (Rangel, op., cit., p.172).

Em 1927 um novo acordo redefine o mercado. A Reuters, a Associated Press e a Havas redesenham geograficamente suas áreas de atuação. A Reuters passa a atuar nas seguintes regiões: Ilhas Britânicas, Holanda, Egito, Índia, Estados Malaios, Índias Holandesas Ocidentais, Extremo Oriente, Austrália, África do Sul, Nova Zelândia e outras partes do Império Britânico ou regiões que estivessem sob seu domínio.

A atuação da Havas foi destinada a França, Espanha, Marrocos, Portugal, Itália, América do Sul (com concessões à atuação da Associated Press) e protetorados, possessões e territórios submetidos ao protetorado da França.

A agência alemã Wolff, pelo fato de pertencer a um país derrotado, teve sua atuação limitada apenas ao seu território. Um golpe duro que seria revidado pelos alemães na década

de 30 com a atuação da agência Transocean, que passaria a ter forte penetração na América do Sul, inclusive no Brasil¹.

O controle da informação transforma-se numa poderosa arma de longo alcance. Após o Tratado de Versalhes, os governos utilizarão as agências como instrumentos não só de notícias, mas também de propaganda (Rangel, *ibidem.*, p.171.).

Entenda-se propaganda ações de mídia que visam a divulgação de uma ideologia política ou religiosa. O termo tem origem no latim pontifical (Domenach, *op.*, cit., p. 9-10) e é empregado, pela primeira vez, no período da Contra-reforma da Igreja Católica (*de propaganda fide*). Integrante do vocabulário eclesiástico (Colégio de Propaganda), a palavra é incorporada à linguagem secular durante o século XVIII, sem, no entanto, perder sua origem religiosa. No século XX a propaganda atuará de forma mais eficaz na esfera política-partidária.

Domenach afirma que a propaganda política moderna é posta em prática, pela primeira vez, durante a Revolução Comunista. “Em 1917, Lênine, genial propagandista e agitador, lança as palavras de ordem que vão dar o ritmo às etapas de conquista do poder” (Domenach, *ibidem.*, p.33.). O próprio Adolf Hitler se mostrou impressionado com a forma que as organizações comunistas operavam este instrumento: “Compreendi, desde logo, que a aplicação adequada de uma propaganda é uma verdadeira arte, quase que inteiramente desconhecida dos partidos burgueses” (Hitler, 2001, p.119) .

Joseph Goebbels, um doutor em filosofia e dramaturgia, que a partir da década de 20 passa a auxiliar o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP), vindo a tornar-se Ministro da Propaganda de Adolf Hitler quando da instalação do IIIº Reich, em 1933², assimilou diversos aspectos das técnicas de agitação e propaganda leninista. Bolcheviques e nazistas mobilizavam as massas utilizando seus respectivos aparelhos partidários. No entanto, a propaganda nazista terá um diferencial em relação à leninista, já que a mesma, para o IIIº Reich, terá grau de importância similar à diplomacia e às próprias forças militares, “constituindo-se em verdadeira artilharia psicológica” (Domenach, *op.*, cit., p.39).

¹ Discutiremos aspectos da atuação da Transocean no Brasil nos próximos capítulos.

² Este assunto também será tratado no capítulo II .

No caso da propaganda nazista, Arendt (1989) acrescenta que esta ação era utilizada como o meio mais eficaz para enfrentar o mundo não totalitário. A autora lembra que seus teóricos buscavam dar um caráter “cientificista” ao que se comunicava, procurando lastrear seu discurso com argumentos baseados em números, maniqueando a ciência. Conforme Arendt:

O cientificismo da propaganda totalitária é caracterizado por sua insistência quase exclusiva na profecia “científica”, em contraposição com o apelo ao passado, já fora de moda (Arendt, 1989, p.394).

A projeção de um futuro promissor, de progresso, no qual o Estado autoritário se encarregará de pavimentar, será a tônica das ideologias totalitárias nas décadas de 30 e 40. E esta propaganda política será impulsionada pela incrível penetração oferecida pelo jornal moderno e pelo rádio – este último com maior destaque. O objetivo era a conquista de formadores de opinião em diversas partes do mundo. Para Domenach, esta ação, encetada a partir de uma progressão tática, joga com todas as angústias humanas, pois,

Não se trata mais de atividade parcial e passageira, mas da expressão concreta da política em movimento, como vontade de conversão, de conquista e de exploração. Está (ligada às) sedutoras ideologias políticas, tais como o jacobinismo, o marxismo e o fascismo (...) (Domenach, op., cit., p.20).

Esse processo de reiteração ideológica consolida-se lançando mão de diversos recursos discursivos e “o sensacionalismo foi uma dessas formas” (Lage, op., cit., p.12-13). Tal recurso, apelativo, permitiu atrair atenção popular na disputa pelos leitores, já que o produto jornal será lastreado na maximização publicitária.

Nesta perspectiva, a relação entre os produtores de informação - jornalistas, editores, comentaristas e articulistas - e a sociedade - inclusive os formadores de opinião atingidos - será estabelecida por trocas comerciais calcadas na exploração do espaço gráfico do jornal. “Publicidade e relações públicas começam a brigar pelo privilégio da imprensa” (Marcondes Filho, op., cit., p.32). As empresas de jornalismo encetarão o que o autor sugere como a “indústria da consciência” decorrente da influência exercida pelas políticas de relações

públicas das empresas, partidos políticos e demais entidades da sociedade que vendem aos jornais fatos maquiados e fabricados como notícias (Marcondes Filho, *ibidem*, p.32).

Nesta concepção de jornalismo, de acordo com Nilson Lage,

Os produtores fornecem a informação, o público reage sobre a sociedade que remunera o primeiro grupo mediante verbas publicitárias, facilidades financeiras e fiscais e/ou recursos diretos (Lage, *op.*, cit., p.27).

A relação citada por Nilson Lage é determinante para entender os níveis de envolvimento existentes entre uma empresa de comunicação e o seu ambiente econômico. Refletindo sobre a linha editorial do Diário de Notícias na cobertura sobre a ascensão do nazismo na Europa, o jornal estará selecionando e ordenando as informações no sentido de atingir segmentos mais esclarecidos e prósperos da sociedade local. O jornal transmitirá os fatos que se passavam na Europa, à época, buscando relatá-los num processo de cumplicidade com seus públicos leitor e patrocinador (mercado publicitário), utilizando, basicamente, dois recursos lingüísticos: a proximidade e a intensidade (Lage, *ibidem.*, p. 43).

O primeiro recai na possibilidade do formador de opinião ser levado a uma situação de empatia com os acontecimentos, dando um caráter, ao receptor, de ambientação com as notícias; já o segundo remeterá à linguagem que buscará impressioná-lo, destacando a grandeza e minimizando dados no sentido de enaltecer a retórica do texto.

O processo de construção da notícia implicará na afirmação ideológica de determinado imaginário mediante a formulação de estereótipos como, por exemplo: o judeu-bolchevique, o imigo-público, a conspiração vermelha, a hidra comunista etc. As informações serão dadas como arremedos de tais, como aparências. Tais estratégias discursivas decorrem desse novo momento da imprensa escrita mundial. Duas modalidades de Comunicação Social, propaganda política e informação jornalística, passarão a atuar juntas. Uma e outra se confundirão num mesmo texto ou imagem.

Não só dar a notícia, mas apresentá-la com rituais de discursos. Combinação que se constituirá numa das armas mais potentes na disputa entre os blocos ideológicos que dominarão o cenário político internacional na década de 30. Traço que acompanhará a trajetória da grande imprensa.

O papel da imprensa política

Notícias, agências internacionais, propaganda, publicidade, anúncios, discursos, indústria de consciência, relações políticas, econômicas e sociais. O jornalismo é um campo de conflitos, de interesses em tensão, uma construção social estruturada e voltada à troca de fluxos comunicacionais entre os diversos agentes que contracenam com o mesmo.

Advindo dos ideais da iluminação filosófica, da razão, do conhecimento, o jornalismo vai gradativamente estabelecer seu lugar na sociedade como instituição voltada à legitimação política de determinados setores. A atividade não se apresenta na história com outra função. Seja evidenciando seus autofinanciadores-editores, quando o fazer jornalístico era compreendido na sua fase literária (panfletária ou romântica), seja buscando interceder na agenda pública como órgão presumivelmente capaz de influenciá-la, como se registra a conduta do jornal moderno a partir do final do século XIX.

Trata-se de uma reflexão do papel da imprensa no âmbito da esfera pública a qual, conforme Habermas (1984), essa atividade a integra por excelência, assim como a esfera política³.

Compreender a imprensa requer a compreensão da matéria prima que a alimenta: a notícia. Estamos falando de fatos, produzidos ou não, que de alguma forma foram eleitos para integrar um *rool* de temas diariamente abordados pelo jornal. A publicação desses fatos projeta-se na possibilidade de serem entendidos como supostamente verdadeiros e que devem ser informados ao público leitor. Deseja-se transformá-los em temas nas agendas públicas.

Esta dinâmica não se encerra entre o ocorrido, aquilo que poderá ser notícia, e sua publicação. No entendimento de Genro Filho (1987) “os fatos jornalísticos, objetos da notícia, constituem a menor unidade de significação”. E o que irão significar em conjunto esses fatos depende de alguns elementos. Do ocorrido à publicação existe a mediação de um certo número de agentes - repórteres, editores, *copy-desks*. É o trabalho de “recorte” dos fatos que ocorre na ante-sala da oferta de notícias.

³ Habermas diferencia a esfera pública da privada. Para ele, enquanto a primeira compreende a participação de todos como agentes econômicos, políticos e jurídicos, a esfera privada, no seu entender, estaria voltada à intimidade, à sexualidade e à efetividade sustentada nos laços de relacionamentos não universais entre os indivíduos (Habermas:1989).

E está esse “recorte” ancorado na presumível busca de uma “objetividade jornalística”, uma espécie de “salvo conduto” da imprensa que responde pela verdade, pela descrição exata do acontecimento, entendendo-o como algo distante, no qual aquele que o observa e pretende relatá-lo o fizesse se eximindo de emoções, juízos de valor, opiniões, ideologias etc. Entre o acervo intelectual de quem o descreve e o ocorrido socialmente não se interporia nenhum tipo de leitura que o enviesasse ou distorcesse como notícia a ser veiculada. Este é um traço questionável da imprensa, mas, ainda assim, a coloca numa situação de destaque no conjunto da sociedade. Os órgãos jornalísticos credenciam-se na perspectiva de serem porta-vozes do real.

Na opinião de Marcondes Filho:

Criar jornais é encontrar uma forma de elevar a uma alta potência o interesse que têm indivíduos e grupos em afirmar publicamente suas opiniões e informações. É uma maneira de se dar eco às posições pessoais de classe ou de noções através de um complexo industrial-tecnológico, que além de preservar uma suposta impessoalidade, afirma-se, pelo seu poder e soberania, como “a verdade” (1989, p.11).

Retratadores ou projetadores de fatos? A resposta à esta indagação reside na discussão de alguns problemas relativos ao fazer jornalístico, um objeto já observado sob diversos ângulos. Para Mouilland (2002), a produção da informação deve-se à “transformação de dados que estão em estado difuso em unidades homogêneas” (ibidem, p.42). Um processo, segundo ele, que não é apenas propriedade laborativa da mídia, mas “o fim de um trabalho social”.

O produto final da *praxis* jornalística está sujeito, portanto, à intervenção direta do mercado, daqueles que o consomem. Conforme Bourdieu (1997), o campo da imprensa é constantemente vulnerável à prova de veredictos, “...através da sanção, direta, da clientela, ou, indireta, do índice de audiência...” (ibidem., p., 106). E estes são fatores que têm determinado a produção jornalística inserida no modo de produção capitalista.

Retomando a questão da “verdade” como valor intrínseco da prática da imprensa moderna, Eugênio Bucci (2000) chama-nos atenção a cerca da deontologia do fazer jornalístico, a qual, segundo ele, “inspira-se na idéia do imperativo categórico de Immanuel

Kant (1724-1804)". Portanto, para Bucci, "dizer a verdade é um imperativo categórico fundador do jornalismo" (ibidem., p. 22). O autor observa que o estabelecimento de uma ética jornalística faz-se necessária para o que ele chama de "pacto de confiança entre a instituição do jornalismo e o público".

No entanto, esse "pacto de confiança", assumido por Bucci na perspectiva de entender o jornalismo numa sociedade democrática e plural, merece ser avaliado num sentido mais amplo. No nosso entendimento, a construção desse "pacto" se daria em meio às já mencionadas tensões e contradições que permeiam o fazer jornalístico.

Esse pacto de confiança não existe como entendimento de que o mesmo seria efetivado entre produtores e consumidores de notícias, colocados em situações estanques. O próprio Bucci admite que o jornalismo "é um estado de conflito". Com efeito, a atividade jornalística adquiriu potencialidades que ultrapassaram as necessidades sociais exclusivas de determinados grupos ou classe.

Frisando, trata-se do que há pouco nos referimos como o jogo de tensões que abarca a *praxis* da imprensa. Daí a necessidade de se enfatizar que a transformação do modelo de jornalismo opinativo e doutrinário, que perdurou até o século XIX, dará lugar a outra forma de imprensa, industrial, sustentada no pretenso discurso objetivo da realidade, que carimba sua mercadoria (informação) com uma espécie de atestado de *idoneidade/veracidade*.

A imprensa visa o acúmulo de capital social firmado no reconhecimento da sua atuação. Reconhecimento que deve ser dado, a priori, pelo conjunto da sociedade, entre todos os setores. É uma estratégia. E este reconhecimento, ao que nos parece, não se reflete necessariamente num pacto, mas sim num jogo de interesses, mútuos ou contraditórios, entre os diversos grupos que compõem a sociedade.

Por outro lado, esse "jogo" de tensões é traduzido por alguns autores como supostas táticas de "manipulação" das informações. Marcondes Filho (1989) conceitua a *notícia* como "um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político" (ibidem., p. 13). O autor entende que esse processo (de manipulação) se daria em três dimensões: como fator de sobrevivência econômica dos órgãos de imprensa; como veiculador de ideologias; e como estabilizador político.

Não queremos negar que estes propósitos citados por Marcondes Filho façam parte da dinâmica da imprensa. Mas acreditamos que eles não se encerram apenas como espelhos de atitudes do jornal como órgão político. Dentro das organizações de imprensa diversas outras contradições e tensões ocorrem no decorrer da produção das informações. Com efeito, o fazer jornalístico também deve ser compreendido dentro de um campo específico.

A abordagem de Mouilland (2002) entende que o conceito de campo jornalístico recai na divisão dos papéis no “espaço” jornal. E esses papéis, exercidos pelos diversos atores que constituem esse espaço, colocam-se em constante tensão.

De acordo com ele:

Uma tensão aparece, então, no âmago do conceito de informação. A disputa da visibilidade supõe o trabalho da condensação que permite apreender formas; o que é aparente na estrutura do jornal com a disposição em seções: não somente com os títulos de seções, habitualmente encontrados, mas com as nominalizações que, nos títulos, permitem apreender e diferenciar um “pré-acordo” e um “acordo”, uma “negociação” e uma “renegociação”, um “compromisso” e um “complemento”, uma “interpretação” e uma “leitura” etc (ibidem., p.43-44).

Franciscato (1998) vai ao encontro do que afirma o autor citado entendendo também o campo jornalístico a partir do reconhecimento das disputas e tensões de legitimações que envolvem os agentes internos do jornal. Diz ele:

O jornalismo é um espaço de produção de conteúdos informativos que apresenta peculiaridades e características específicas dentro do campo da mídia (...) É uma luta por legitimação não só de modelos textuais, mas também de papéis sociais dos jornalistas e de definições sobre o que é noticiável pelos jornais (ibidem, p.29).

A compreensão do jornalismo como campo estruturado, autônomo, nos remete ao entendimento da sua função enquanto instituição central da esfera pública.

O jornalismo na esfera pública

A passagem da fase do jornalismo literário ou romântico à fase do jornalismo sustentado no empreendimento comercial/empresarial é o momento, segundo Habermas (1984), no qual o estabelecimento do Estado burguês de Direito ocorre paralelo à legalização de uma esfera pública, politicamente ativa. De acordo com ele, a fase anterior do jornalismo, caracterizada pela imprensa opinativa, punha o lucro, resultado da atividade, numa espécie de segundo plano.

Na fase industrial, de empreendimento capitalista, as empresas jornalísticas atuarão em campos de “interesses estranhos, que procuram influenciá-las” (Habermas, *ibidem.*, p. 217-218). Estará a imprensa, no entender de Habermas, operando como entidades públicas, um espaço onde as investidas dos agentes da esfera privada o transformará num campo de disputas. É o momento que entram em cena os profissionais de relações públicas (*public relations*) que buscam atuar no sentido de introjetar no fazer jornalístico pontos de vista ancorados em estratégias publicitárias que utilizam a roupagem de “notícias”.

Agora, uma enxurrada de despachos, “subsídios” e *press-releases* inundarão as redações das empresas jornalísticas. A disputa se dará entre os diversos grupos sociais que pretendem compor a esfera pública, buscando a hegemonia da mesma mediante a projeção de suas opiniões como “consensos” travestidos em “opinião pública”. Essa operação será classificada por Habermas como “um aparelho que certamente representa um máximo de público, mas um mínimo de opinião” (Habermas, *ibidem.*, p. 230). O campo jornalístico passa a ser palco de tensões entre os diversos atores, inclusive o Estado e os partidos políticos, que também lançarão mão desse instrumento.

Entendendo jornalismo como uma construção de conhecimento, fica claro que sua *praxis* não só reproduz fatos, mas também se encarrega de organizá-los, direcioná-los, lê-los e publicá-los conforme os níveis de interesses que se interponham à sua dinâmica.

Os investimentos de imensas verbas canalizadas por governos, partidos políticos, empresários e entidades diversas para o que se convencionou chamar de veículos de comunicação de massa é uma realidade da imprensa moderna. Claro. O jornalismo moderno se consolida na sociedade do século XX como um dos maiores instrumentos de difusão e visibilidade na esfera pública internacional, a arena onde as agências de notícias – inclusive as internacionais – atuarão disputando espaços.

Sim. O capital político almejado pelo estado e pelas demais instituições políticas é uma forma de capital simbólico, posto que a notoriedade oferecida pelos mídias garante a visibilidade da imagem dessas instituições na esfera pública.

Informação e opinião confundem-se num só discurso. Conforme Habermas, nesse enredo, os critérios de noticiabilidade tendem a ser construídos em função dos fatos perpetrados pelos demais agentes que pretendem influir na esfera pública.

Assim sendo, a construção da notícia ocorre em função dos “recortes”, frutos de disputas entre os agentes, externos e internos, que compõem o campo da imprensa. O modo de tratamento, classificação e seleção do material noticioso decorre dos aspectos sociais nos quais estão inseridos produtores (repórteres) e “tratadores” (editores) das informações assim como os indivíduos e grupos econômicos proprietários das empresas jornalísticas. O desfecho desse processo, por vezes, pode se dar na disputa simbólica entre esses agentes (internos e externos) no sentido de “emplacar” determinado tema.

De alguma forma, todos esses agentes objetivam veicular na mídia fatos por eles considerados como *verdadeiros*. E esta, como visto, é uma diretiva do jornal moderno. Fazendo uma reflexão sobre o tema, Américo de Souza (2002) elimina a possibilidade de se estabelecer algum conceito sobre a “verdade jornalística”. Para o autor luso, “antes de ser verdade jornalística, a verdade já há de ser verdade, simplesmente” (Souza, *in* www.bocc.ubi.pt).

Nelson Traquina (1999) classifica os jornalistas como “construtores de realidades” e não apenas observadores passivos do processo. Para ele,

as notícias não podem ser vistas como emergindo naturalmente dos acontecimentos do mundo real; as notícias *acontecem* na conjunção de acontecimentos e de textos. Enquanto o acontecimento cria a notícia, a notícia também cria o acontecimento (ibidem., p.168).

Nesse contexto, o autor critica o que chama de “ideologia da objectividade”, um entendimento positivista do campo jornalístico. E esta compreensão, certamente, não consegue responder às questões que se impõem ao fazer jornalístico, que muito se distancia de uma ação estática, passiva, que se ordenaria apenas a partir de um empirismo

“despretençioso” do seu *modus operandi*. A prática da imprensa tem provado exatamente o contrário. O jornalismo insere-se no âmbito da esfera pública refletindo todas as suas contradições e tensões, colocando-se no palco, e como palco, dos mais diversos interesses.

Conclusão

Tal entendimento nos remete à necessidade de situarmos o estudo de caso em análise no contexto discutido. No período em foco, o jornalismo no Brasil se ajustará à realidade imposta pelos acontecimentos políticos. A Revolução de 1930 buscava colocar o país no trilho do desenvolvimento lastreado pela produção, jogando na modernização das instituições e dos meios de produção o desafio de encarar este novo momento.

Os meios de comunicação do país se adaptam à essa nova realidade (Bahia: 1990). O estudo de caso do Diário de Notícias da Bahia leva-nos a situar o jornal neste momento da sua trajetória como órgão de imprensa que assume essa condição moderna, pautando-se na perspectiva do jornalismo objetivo, principalmente no que tange à sua estrutura gráfica, onde a apresentação das notícias se dará no formato de *índice*, um mosaico de assuntos postos à disposição dos consumidores de informação. O leque de temas era amplo no jornal. Acontecidos espetaculares e histórias sombrias e misteriosas, assim como o enquadramento de fatos envolvendo pessoas em diversas situações, a exemplo de crimes, dramas passionais, destaques, projeções sociais etc, recheavam as páginas do Diário de Notícias na década de 30.

Todavia, o vespertino da Rua Santos Dumont ainda guardava diversas características da chamada imprensa literária ou publicista. Talvez aí tenhamos um traço que venha a permear diversos outros órgãos de imprensa da Bahia e do Brasil naquele período, seguramente. Neste sentido, a postura de jornal de “*dono-editorialista-escriptor*” mescla-se, mas não tenciona, com o *jornalismo-indústria*, que é marcante no veículo. A convivência dessas duas realidades é uma característica do Diário de Notícias entre 1935 e 1941.

Talvez aí tenhamos um plausível momento de transição do conjunto da imprensa baiana (soteropolitana) no que concerne entender a passagem do chamado jornalismo literário (romântico) para o jornalismo moderno. Transição marcada por um certo atraso em relação às praças do centro sul do país. Os principais jornais de Salvador na década de 30 ainda experimentavam diversas nuances do jornalismo do século XIX no que se refere à suas disposições de pautar suas linhas editoriais vinculadas ao interesse dos próprios proprietários,

que não são apenas os investidores capitalistas das empresas, mas também seus condutores editoriais.

Aqui não poderemos esgotar essa discussão, posto que a mesma, por si só, remete obrigatoriamente a estudos mais criteriosos sobre o tema.

Concluindo, a despeito das características literárias do jornal Diário de Notícias da Bahia, este veículo se impôs na sociedade local respaldando-se na condição de órgão de imprensa cuja missão ombrava-se à de diversos outros jornais do país e do mundo: vender a mercadoria informação na condição de agente da esfera pública política. Assim entendemos.

Iº Capítulo

Ode ao antiliberalismo

A trajetória do Diário de Notícias entre 1935 e 1941 decorre de um espectro ideológico que alcança boa parte do mundo à época, inclusive o Brasil. A perda de espaço do liberalismo na década de 30 (Hobsbawm, 1996, p.115), tanto na Europa quanto na América Latina, resultará na ascensão de ideologias que preconizavam o surgimento de um novo homem, uma nova sociedade. O fascismo, o nazismo e o comunismo estarão em evidência no período, lutando para ocupar o espaço que mostrava-se esgotado para os ideais liberais.

No Brasil, a Revolução de 1930 já sinalizara sua tendência fascistizante (Fausto, 1997, p.14). Um movimento que, na Bahia, encontrou pouca ou quase nenhuma receptividade por parte das lideranças políticas locais (Sampaio, 1992, p.57). No entanto, um jovem intelectual baiano, Altamirando Requião, foi um dos que saudaram a vitória dos tenentes. Lenço vermelho no pescoço, Requião juntou-se aos revolucionários aderindo à trajetória de Getúlio Vargas à frente do poder no país (Veiga, 1993, p. 86).

Desde que adquirira o jornal, em 1919, Requião conciliou as atividades de jornalista e político, ainda que tenha dado mais ênfase à primeira (Santos, op., cit., p.56). A posição ideológica abraçada por ele e, por via de consequência, pela linha editorial do seu jornal, compunha o imaginário político-cultural do país na década de 30.

Direita, volver!

A finalidade totalitária que permeava o caldo político-literário-intelectual do Brasil neste período sustentava-se, basicamente, em quatro palavras chaves: anticomunismo, trabalho, pátria e moral. Segundo Eliana Dutra,

A partir desses quatro pilares, espalhou-se pelo todo social um conjunto de práticas, normas e valores que confluíam para a preservação da ordem e da estabilidade social; para o controle das diferenças sociais, para o enquadramento do mundo do trabalho; para a racionalização do poder; unificando numa perspectiva totalitária empresários, integralistas, igreja, parlamentares, chefes de governo, burocracia estatal, intelectuais e imprensa... (Dutra, 1997, p.17).

Esse imaginário é reforçado no país com o golpe de 1937, tendo a Revolução de 1930 como precursora. O projeto do Estado Novo guardou diferenças com suas matrizes européias:

o fascismo italiano e o nazismo alemão. Aqui não se estabeleceu nenhum projeto imperialista, expansionista ou anexionista. No entanto, o regime de Vargas desvelou práticas políticas de nítida coloração fascista. O grupo político comandado pelo ditador formava um monolito de atuação que não admitia divergências nas diretrizes preconizadas pelos ideais de 1930 e reajustadas pelo golpe de 1937. Podemos classificar essa experiência como uma espécie de fascismo de periferia, ou filofascismo.

São inúmeros e valiosos os subsídios dados no trabalho Estado Novo; Ideologia e Poder, no que diz respeito à interpretação de Lúcia Lippi Oliveira (1982, p.25 *in* ...) em relação à natureza do regime que veio a ser implantado em 1937. Todavia, não coadunamos com a tese de que o regime de Vargas não refletia amplas associações com o fascismo. Discordamos da exclusividade desse movimento ser restrita à Itália e à Alemanha (De Felice, 1988, p.79). Trata-se de um fenômeno muito mais amplo (Reich, 1988, p. 20).

Admitimos que esse traço ideológico no Brasil recaiu na afirmação de um estado forte, comandado por um grupo político disposto a transformar o poder sob a ótica antiliberal e anticomunista e com fortes nuances anti-semitas (Carneiro, 1988, p. 249).

Concordamos com a opinião de Francisco Carlos Teixeira (2001) na qual a

tese da universalidade possível do fascismo implica na rejeição da exclusividade alemã do fenômeno, o que nos obriga aclarar previamente o que se considera, nesse caso, como fascismo (...) Poderíamos, de saída, afirmar que se reconhece como fascistas movimentos nacionalistas extremistas de estrutura hierárquica e autoritária e de ideologia antiliberal, antidemocrática e antisocialista, que fundaram ou intentaram fundar, após a Iª Guerra Mundial, regimes estatais autoritários (Teixeira, 2001, *in* www.ifcs.ufgj.br/tempo/pesquisadores.html).

Ao contrário do conservadorismo ou de qualquer outro posicionamento de direita, o fascismo busca estabelecer um projeto novo que pretende ser uma resposta à sociedade liberal. E esta resposta estava calcada na proposição do modelo corporativista de Estado. O fortalecimento das ideologias de extrema direita na Europa (Itália, Portugal, Hungria, Espanha e Alemanha) atuará como vitrine para grande parte da intelectualidade brasileira. Mas não só.

Na costa oeste do México, o movimento Sinarquista propunha a edificação de uma sociedade regida por uma autoridade “legítima”⁴.

No caso do Integralismo, são registradas amplas associações desse movimento com grupos fascistas formados por italianos residentes no Brasil. O “chefe” Plínio Salgado mantinha intensa colaboração com órgãos fascistas na cidade de São Paulo (Bertonha, 2001, p. 85-104). Eram colaborações mútuas, envolvendo troca de espaços físicos para reunião de grupos, subvencionamentos financeiros e atividades conjuntas. Mas, por vezes, os interesses entre os dois grupamentos davam lugar a tensões. Os militantes fascistas recebiam a cooptação de seus filhos por parte dos grupos integralistas. A despeito dessas contradições, pontuais, a ação do fascismo italiano foi útil à direita nacional no período do entre guerras (Bertonha, *ibidem*, p. 85-104). De acordo com Fábio Bertonha:

“É impossível prever se nós teríamos tido o Integralismo ou o Estado Novo, por exemplo, sem esse referencial externo, mas é certo que estes movimentos teriam tido características bem diferentes sem ele (o fascismo italiano)” (Bertonha, *ibidem*).

E este novo amálgama ideológico terá a necessidade de (a)firmar-se ante a todos os setores da sociedade, conduzindo à permanente mobilização das entidades de classe, como sindicatos, associações empresariais, imprensa, escolas etc, no sentido de legitimar o novo regime – o Estado Novo. E a forma do totalitarismo se estabelecer no poder é propiciando essa movimentação permanente nas massas (Arendt, *op.*, cit., p. 339). É a revolução conservadora (Bobbio, 2001, p. 57), que busca construir um “novo mundo”, cultural, econômico e político (De Felice, *op.*, cit., p. 29-30).

Retomando a seara local, como já dito, a Revolução de 1930 não vingou na Bahia. À frente da interventoria, na verdade Juraci Montenegro Magalhães compôs com as oligarquias do interior do Estado para governar, estabelecendo sólida base política entre os coronéis baianos (Sampaio, *op.*, cit., p. 76).

⁴O lançamento do Manifesto Sinarquista no México ocorreu em junho de 1937. De orientação eminentemente católica, o Sinarquismo propunha erguer uma organização “composta de verdadeiros patriotas, uma organização que trabalhe pela restauração dos direitos fundamentais de cada cidadão, que tenha como sua mais alta finalidade a salvação da Pátria”. Durante a Segunda Guerra Mundial o Sinarquismo foi acusado de colaborar com os alemães, buscando supostamente facilitar a penetração das forças nazistas na Costa Oeste do México para, a partir dessa região, iniciar a ocupação dos Estados Unidos da América. O movimento se mantém até hoje. O site oficial da União Nacional Sinarquista é: www.sinarquismo.americas.tripod.com/religion1.htm.

A despeito desse quadro, a força do integralismo baiano mostrava-se pujante, inclusive com forte penetração fora da capital. À mercê da pífia atuação do então proscrito Partido Comunista Brasileiro (PCB) na Bahia, a Ação Integralista do Brasil (AIB) crescia no Estado. Foram criados diretórios provinciais nas cidades de Ilhéus, Itabuna, Canavieiras, Belmonte, Tucano, Serrinha, Ribeira do Pombal, Santo Amaro e Feira de Santana. Em 1936, a entidade comandada por Plínio Salgado elegeu o prefeito da cidade de Santa Inês.

O Diário de Notícias estará sintonizado com esse momento, seja servindo de porta-voz à interventoria de Juracy Magalhães, seja apoiando a candidatura natimorta de José Américo de Almeida à Presidência, seja praticando um discurso inclinado para o fascismo, na condição de defensor do Estado Novo e de todos os regimes fortes de direita que se mostravam em evidência no período em voga.

Ao analisar a adesão de vários jornais brasileiros às idéias totalitárias de direita, Werneck Sodré entende assim o problema:

A conjuntura nacional assinalava a ascensão de formas direitistas e ditatoriais geradas no bojo da crise do capitalismo. Salazar vinha dominando Portugal, sob a proteção do imperialismo, que financiara a tomada do poder, na Itália, por Mussolini e lhe permitira consolidar-se, a ponto de lançar-se na aventura africana (Abissínia), em 1933. Finalmente o Partido Nazista de Hitler empolgara o poder na Alemanha. Tratava-se aqui de seguir a receita amarga, e por isso surgira o Integralismo, cujo discurso e falso apelo ao nacionalismo embalava os incautos (Sodré, op., cit., p. 378-379).

Todavia, a análise do historiador não permite contemplar outros fatores que julgamos necessários ao entendimento da questão. Diversos segmentos da sociedade estruturaram um discurso em torno de temas e imagens que remetiam à consolidação da ordem social vigente mediante a construção de um novo homem e de uma nova política. Se fazia necessário um discurso “inovador”, capaz de conduzir todas as classes sociais à compreensão de que esta mudança não residia na alteração nem na eliminação das contradições entre elas, mas sim na concepção de um estado forte, que forjasse um pacto no qual o corpo social seria substituído

pelo corpo estatal. E nesse corpo-estado a contradição entre suas “partes” não existe, posto que ele é algo “novo” e que superava esse antagonismo.

É a manutenção dos ideais liberais que está posta em cheque. O liberalismo é visto como ideologia complacente com a articulação do bolchevismo internacional “capitaneado pelo judaísmo predador e marxista” (Carneiro, op., cit., p.32). O jogo dessa representação de imagens vai unir, numa mesma seara, o banqueiro inglês Rothschild e o ministro das Relações Exteriores da Rússia, Litvinof, ambos judeus e que tinham como objetivo “destruir a sociedade-estado brasileira”. Se internamente não existe contradição de classe, também não existirá diferença entre os objetivos do capitalismo judeu e do comunismo soviético. Estas são ideologias alienígenas que porão em risco a “unidade” da pátria.

É o momento de fortalecer os aparelhos de Estado no sentido de preservar a moral, os costumes e a disciplina. Necessitava-se reforçar os alicerces para evitar o desmoronamento do monólito político que fora projetado pela Revolução de 1930 e que resultou no advento do Estado Novo.

O mês de novembro de 1935 é decisivo. As revoltas capitaneadas pela Aliança Nacional Libertadora (ANL) – frente de massas liderada pelo PCB - em Recife, Rio de Janeiro e no Rio Grande do Norte, deixam os segmentos à direita da sociedade política numa espécie de estado de alerta.

O Estado mobiliza-se. Com a promulgação da Lei de Segurança Nacional⁵, a famigerada Lei Monstro, que fora instituída em 4 de abril de 1935, milhares de prisões são realizadas por todo país e o comunismo é eleito como o mal maior a ameaçar a sociedade. Nesse momento é instalado o Tribunal de Segurança Nacional e decreta-se o Estado de Sítio, que fica comparado ao Estado de Guerra.

Paralelo a essas medidas, estabelece-se a censura à imprensa independente, fecham-se sindicatos e associações de trabalhadores que não coadunavam com a política de Vargas. Em 1936 são presos o líder comunista Luis Carlos Prestes e sua mulher, Olga Benário, que posteriormente seria enviada para os campos de concentração nazistas mediante trama urdida pela ala germanófila do governo de Getúlio, que contou com a complacência do próprio (Morais, 1994, p. 167).

Essa mobilização vai ganhar um aliado de peso: a Igreja Católica. A partir da Revolução de 1930, o clero do país buscará a reaproximação com o Estado, tentando recompor o espaço perdido durante a República Velha, que havia constituído um Estado laico.

Nesse mesmo ano é instituída a Ação Católica Brasileira, nos mesmos moldes da AC italiana. Tais organizações decorreram da ação diplomática do Vaticano, que estabeleceu concordatas com diversos países da Europa e das Américas afim de fortalecer a influência da Igreja (Gramsci, 1980, p.272-280). A década de 30 registrará uma série de congressos eucarísticos pelo país, a níveis nacional e estadual, demonstrando a força da religião católica na sociedade brasileira.

Um jornalista antiliberal

O Diário de Notícias foi o único jornal local que apoiou a interventoria de Juracy Magalhães na Bahia. Os outros órgãos de imprensa de Salvador daquele período, o Imparcial, o Diário da Bahia e A Tarde, não admitiram o processo intervencionista. A Tarde se postou como uma tribuna para o movimento Autonomista, formado por políticos locais que não digeriram um interventor cearense. Tratava-se de uma discordância meramente regional e sem nenhum teor ideológico (Sampaio, op., cit., p.102).

Ao escrever a biografia de Altamirando Requião – *Atravessando um século* -, Cláudio Veiga (1993) define a pena do jornalista como uma “trincheira” na luta contra as potências do Eixo. Talvez aí tenhamos apenas uma faceta de Requião, posterior à venda do seu jornal a Antonio Balbino, ocorrida em 1939. A atitude de Requião não é a mesma registrada entre janeiro de 1935 e dezembro de 1939, quando esteve à frente da Redação do jornal.

Nesse período, o jornalista refletirá todo o enredo discursivo perpetrado pela direita nacional e internacional, cedendo as páginas do seu jornal às incursões de diversos colaboradores alemães que se encarregaram de propagandear, informar e dar vivas à expansão nazista⁶.

A atuação do jornalista não dará margens a dúvidas quanto ao seu engajamento ideológico antiliberal. Seus editoriais não só condenarão à “morte” o “antigo regime”, liberal,

³ Coleção de Leis da República, Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, pp. 36-44, 1930.

⁶ Detalharemos a participação desses “colaboradores” alemães nos próximos capítulos.

como endossarão as formas ditatoriais de governos fortes, como se observará no editorial *Sobre democracia e ditaduras*, escrito por Requião e publicado em 1935 no DN.

(...) as últimas demonstrações de vitalidade da campanha do Sigma fizeram, todavia, nascer, brotar e expandir-se, no espírito dos amigos da Democracia, essa espécie de pudor político que procura um sentido novo de revigoração para aquela, no confessado culto pelas suas excelsitudes e bandeiras, postas em cheque e em rasa negação por decidios antagonistas (...) (Diário de Notícias, 12/11/1935, edição nº 9534, capa).

Aqui o autor deixa claro sua opção. Para ele, o integralismo era um exemplo político. A ameaça ao monobloco engendrado pela Revolução de 1930 poderia ser desencadeada pelo liberalismo num mecanismo de autofagia, ao permitir a convivência de idéias opostas (*decidios antagonistas*), o que poria em cheque a “Democracia”. Na opinião de Requião, esse sistema político só teria continuidade com o “revigoração” proposto pelo pensamento integralista.

A representação da sociedade como um corpo uno, inquebrantável, vai projetar imagens que estabelecerão a relação entre o corpo social e o organismo humano. Um e outro se confundirão. É o próprio Estado espelhado no indivíduo. E se este encontra-se com determinada tormenta, ou “doença”, deverá ser processado seu tratamento. É o que ocorre quando Altamirando Requião assina editorial comentando a necessidade de implantação da Lei de Segurança Nacional, a “Lei Monstro”.

O regime de governo existente no Brasil encontra-se no grave estado a que muitos morbos assaltaram (...) propõe-se a junta médica que, hoje o socorre e orienta, fazê-lo recuperar a sua saúde para a obra urgente do futuro. O tratamento vai começar, ao que se afirma, com a Lei de Segurança Nacional, prestes a entrar na Câmara Federal. Depois será completado com os mais oportunos recursos da Ciência do Direito, da Moral e da Economia. Não nos desiludamos, por enquanto. Vamos esperar (...) Mas, se, depois de todos os esforços, notificarmos afinal que a doença é incurável,

não haverá outro caminho...Paz à alma do extinto... (Diário de Notícias, 12/11/35, edição nº 9534, capa).

Vemos aí que o jornalista reporta-se à sociedade imputando-lhe a ameaça do “tratamento” para a “debilitação” do Estado, “a que muitos morbos assaltaram”. Dessa forma, o autor vai justificar a brutal repressão que será desencadeada contra os opositores do regime, equiparando-a a um remédio necessário. E esses “medicamentos” serão representados pela estado de exceção (os recursos da Ciência do Direito e da Moral) e pelo processo de intervenção gradual na vida econômica. É a própria negação da individualidade e da pluralidade social, transformando, a fórceps, a sociedade num monolito de interesses.

O jornalista comentará a situação internacional condenando os partidários republicanos da Espanha que lutavam contra o exército franquista numa das guerras civis mais sangrentas da humanidade. O artigo *O Castigo aos Reprobos!* traz insinuações racista e anti-semita e o governo espanhol, constitucionalmente legítimo é visto como uma “horda de aventureiros”. Segue trecho:

Deus vela pelas boas causas! (...) Para a honra da latinidade e das linhas raciais arianas, podemos nós assignalar a existência, também, entre os espanhóis, das figuras insignes e reabilitadoras, como a desses generais Francisco Franco e Emílio Molla (...)

A estas horas os responsáveis por tantas vidas sacrificadas, os causadores de tantas ruínas (...) fogem de Madrid para Valencia (...) se os libertadores penetrassem as portas da capital, aquele mesmo Largo Caballero, de incomensuráveis audacias, em vez de cumprir sua promessa, sentindo próximo o castigo, voa, pusillanime, de parceria com o judeu Rosenberg, embaixador dos soviets para as costas do Mediterrâneo (...)

Deus vêla pelas boas causas!

Ponhamos bem alto o coração, e saudemos os defensores da memória de tantos martyres sublimes, gritando, como castigo severo, aos vendilhões da própria Pátria:

Avé Franco! Avé Molla! Avé legionários nacionalistas!
(Diário de Notícias, 09/11/36, edição nº 9828).

Ao trabalhar a dualidade bem x mal, Altamirando Requião estará apontando a conexão existente entre o poder e a estrutura religiosa, conforme afirma Mafessoli citado por Eliana Dutra (op., cit., p.197). O sagrado legitima o poder dos golpistas comandados por Francisco Franco (*Deus Vela pelas boas causas!*).

A simpatia de Altamirando Requião pelo ideário integralista não é negada por Cláudio Veiga. Ainda assim, ele aponta a opção ideológica de Requião como algo passageiro, que viera a se modificar com o desenrolar dos acontecimentos nos âmbitos nacional e internacional. Conforme Veiga:

Altamirando Requião se encontrava entre os simpatizantes do Integralismo. Na verdade, parece que nunca viu com bons olhos o comunismo. No entanto, distanciou-se cada vez mais do Integralismo, de acordo com a evolução política regional e até mundial (Veiga, op., cit., p.90).

Cláudio Veiga afirma um suposto distanciamento do Integralismo por parte de Requião já no ano de 1936 (Veiga, *ibidem*, p.91). Não é o que se constata. Após decretado o Estado Novo, quando a AIB já fora posta na ilegalidade, Requião, ainda que nunca tenha se filiado à entidade, não esconderá sua simpatia à organização, que passara a se chamar Associação Brasileira de Cultura por conta da extinção dos partidos políticos em decorrência do golpe de 1937.

Uma dessas demonstrações de simpatia se deu no dia do aniversário de Plínio Salgado, em 22 de janeiro de 1938. Nesta data, Requião publica em seu jornal o editorial *Homem de Fé*. Segue trechos:

Noticiam-se os jornais o aniversário, hoje, do Sr. Plínio Salgado (...) Quando consideramos que de fato está extinta a ação política do Sr. Plínio Salgado, em face da carta norteadora da democracia autoritária, de mais nada careceremos, para reconhecer o grande valor cívico, já assinalado, naquilo que ele doutrinou, organizou e erigiu: a sua campanha de salvação do Brasil das

garras do comunismo eversor e materialista (Diário de Notícias, 22/01/38, edição nº 10.179).

Plínio Salgado, segundo o jornalista, conseguiu construir uma obra doutrinária que arregimentou aqueles que “pelos vícios do passado (liberalismo), estavam, antes, habituados a pensar mais no próprio ego do que nos impositivos do bem público!”, conforme publicou em outro trecho no mesmo editorial.

Ainda que desvelasse simpatias pela Ação Integralista, Requião não se distanciará do seu lugar tenente na defesa do golpe do Estado Novo. O jornalista colocará seu jornal a serviço da propaganda política do recém instalado regime. Os textos serão publicados, em destaque, acima da cabeça de página, funcionando como uma espécie de aviso ao leitor. Eram peças propagandísticas, em formato de editorial, com agudo teor de alerta contra o comunismo.

Um desses textos justificará o golpe de 1937 utilizando discursos que remeterão a imagens da “destruição” causada pelos constitucionalistas na Espanha. O Brasil “salvo” por Getúlio e a Espanha por Franco têm suas situações políticas comparadas no editorial propagandístico *A Espanha deve ser um espelho aos nossos olhos*, publicado uma semana após a decretação do Estado Novo.

Os seus templos destruídos. Massacrada a sua gente. Sem respeito aos lares, a patulêa comunista a tudo enxovalha e degrada. Cenário de todas as ignomínias, a gloriosa Pátria de Cervantes e de Blasco, apodreceria e dentro em breve desapareceria do mappa das Nações, se a dignidade e o patriotismo do seu povo não a libertassem do bolchevismo, da lepra moscovita que ameaça todo mundo! (Diário de Notícias, 17/11/37, edição nº 10.127, capa).

Aqui, novamente, o recurso da linguagem médica associa a ideologia comunista à doença da lepra, um mal contagioso (a lepra moscovita) “que ameaça todo o mundo”. É a “saúde pública” do organismo político do Estado que está sob ameaça. Conforme Dutra:

Essa concepção é que dá sentido às metáforas médicas e ideológicas, estabelecendo analogias entre o comunismo e a

doença, pois é a realidade que reproduz o esquema de funcionamento de organismos vivos (Dutra, op., cit., p. 44).

Na mesma edição, como numa espécie de reforço ao alerta dado pelo texto anterior, os brasileiros são convocados a apoiar a ditadura estadonovista. Segundo Requião:

Nenhum brasileiro verdadeiramente patriota, póde vacilar, na hora actual, em dar o seu apoio, aos poderes da República, no combate, sem tréguas, ao communismo. Prossigamos, pois, com o mesmo vigor, de início, na campanha contra os agentes de Moscou! (Diário de Notícias, 17/11/37, edição nº 10.127, p. 2)

Dois anos depois, em 15 de setembro de 1939, mês em que a Alemanha invadia a Polônia e iniciava a Segunda Grande Guerra, Altamirando Requião classificará a ação do IIIº Reich de “O colosso”. Em editorial publicado nesse dia, o jornalista usa alguns adjetivos para definir Adolf Hitler: “Homem-lábaro”; “Homem-fé” e “Homem-predestinado”. Na conclusão do seu editorial, ele escreve: “*A Alemanha de novo engrandecida e revigorada...maior do que a Roma de Júlio César*”.

Em editorial anterior, publicado na edição de 27 de março de 1939, Altamirando Requião destaca o pronunciamento do líder fascista italiano Benito Mussolini:

(...) Roma apresenta-se-nos, mais uma vez, naquele momento, como definidora de situações, traçando em nossos espíritos o diagrama representativo do amanhã da humanidade, cujo destino está oscilando...estas são palavras (de Mussolini) de fé (...)

No Diário de Notícias desse período não só seu dono encetará um discurso articulado com as ações em curso perpetradas pela direita internacional. Comentarista de política internacional do jornal, Eusébio Cardoso foi outro jornalista que endossou estas ações. A disputa envolvendo a Alemanha e a França pela região fronteiriça do Sarrebruck, cujas minas de carvão foram cedidas ao governo francês como forma de compensação de guerra prevista no Tratado de Versalhes, levou o comentarista a desenvolver tórrida campanha pró-Alemanha em 1935. Escreve Eusébio Cardoso:

O mal é poderoso, por vezes, parece mais poderoso que o bem, contudo, o final é, sempre, a vitória da Justiça Divina. O Sarre será alemão e a Alemanha terá um grande futuro glorioso e assinalado entre as nações do porvir (Diário de Notícias, 12/01/1935, edição nº 9287, p. 2)

Cardoso era um admirador da Alemanha Nazista. Isso está claro. Mas o que vale registrar no texto do comentarista é sua forma discursiva, a qual associa a ação pré-expansionista do nazismo à “Justiça Divina”. O bem e o mal novamente figuram na imagem criada pelo jornalista.

O segundo aniversário do regime nazista à frente do poder é marcado por um editorial sintomático do Diário de Notícias, publicado no dia 29 de janeiro de 1935. De título *O primeiro ano de evolução Nacional-socialista na Alemanha*, o texto não se constringe em afirmar que aquele regime poderia servir de exemplo para o mundo. Segundo a opinião do jornal:

O ano de 1933 foi o da Revolução alemã (...) A Alemanha de Hitler vive, tornando-se uma realidade fortíssima que ninguém mais pode eliminar (...) o Nacional-socialismo alemão está predestinado a fazer escola e servir de exemplo para o mundo (Diário de Notícias, 29/01/1935, edição nº 9302, p. 3).

Intelectuais a serviço da causa

Tais posicionamentos indicam a participação do Diário de Notícias como órgão de imprensa voltado à construção do processo de fascistização do país. A linha editorial do jornal, à época, compôs o bloco histórico (Portelli: 1983) que norteou as diretrizes ideológicas do regime implantado em 1937. O engendramento desta ação se deu mediante a propagação dessa concepção de mundo, que estabelecia relações com suas matrizes européias. O enredo discursivo perpetrado por Requião assimilava o de diversos intelectuais que se encarregaram de “pensar” o país naquele momento, a exemplo de Gustavo Barroso, Oliveira Viana, Tenório de Albuquerque e Azevedo Amaral.

O cearense Gustavo Barroso em 1933 traduziu a obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sião*. O livro lançava a idéia de um suposto complô israelita internacional para

dominar o mundo e esmagar a sociedade cristã. Barroso chegou a ser respeitado na Alemanha nazista pela sua produção literária, tendo suas obras elogiadas pelo jornal *Der Sürmer*, pertencente a Julius Streicher, o “papa” do racismo alemão (Carneiro, op., cit., p. 355).

Já Tenório de Albuquerque exaltou a figura de Adolf Hitler. Foi o autor de *A Alemanha Grandiosa*, um trabalho recheado de odes à atuação do governo nazista. O jurista e integralista Miguel Reale, por sua vez, posicionava-se contra o “espírito judaico”. Reale deixava evidente que a luta contra o capitalismo (liberal) passava pela condenação da influência judaica no país (Carneiro, *ibidem*, p. 379).

Altamirando Requião e alguns dos seus colegas de redação, a exemplo de Eusébio Cardoso, seriam intelectuais de menor grau hierárquico em relação ao “primeiro time” de pensadores do Estado Novo (Portelli, op., cit.). Requião, ainda que tivesse assumido o cargo de deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD) da Bahia até dezembro de 1937, orbitava em torno da sociedade política nacional sem no entanto exercer maiores influências sobre o pensamento da mesma⁷.

Ao longo do período em que o jornalista esteve à frente da Redação do Diário de Notícias, o jornal manteve-se aberto à participação de intelectuais de maior envergadura no tocante à influência que exerciam no Estado Novo. É o caso de Azevedo Amaral, cujas participações no vespertino sempre eram acompanhadas pelo enunciado: *Comissão de Doutrina e Divulgação; Exclusividade para o Diário de Notícias da Bahia*. Numa dessas participações, Amaral discorre sobre o sentido da democracia, buscando uma nova interpretação do termo. O documento é publicado no DN com o título *Democracia e superstições democráticas*. Segue trechos:

No Brazil vivemos mais de um século envolvidos numa atmosfera de ilusões, através da qual nunca podemos perceber o que constituía a essência da democracia. A Constituição do 10 de novembro concretizou a mais profunda revolução na nossa história, por isso que nos emancipou do ambiente de ficções e de credíces

⁷ Enquanto deputado federal no período de 1935 a 1937, Altamirando Requião apresentou-se como um parlamentar em defesa da classe dos bancários. Na Câmara Federal, apresentou Projeto de Lei no sentido de regulamentar a profissão, estabelecendo um piso mínimo do salário para a categoria.

políticas, em que havíamos vivido durante tantas gerações (Diário de Notícias, 12/01/38, edição nº 10.170, p. 2)

O Diário de Notícias não altera sua linha editorial quando Antonio Balbino de Carvalho assume o controle da empresa. Para adquirir o jornal, Balbino teve como avalista o coronel Franklin Lins de Albuquerque, chefe político da cidade de Pilão Arcado, nordeste da Bahia, que também controlava outro jornal na capital baiana, O Imparcial, que durante algum tempo assumiu postura editorial de nítida tendência integralista.

De acordo com o escritor e jornalista Walfrido Moraes⁸, que militou na imprensa local no período em questão, o coronel se autodeclarava germanófilo por uma “questão angular”. A informação é confirmada pelo advogado Rubem Nogueira⁹, líder integralista baiano na década de 30 e jornalista do Diário de Notícias de março a dezembro de 1935. Walfrido Moraes acrescenta ainda que o coronel Franklin Lins de Albuquerque detinha a maioria das ações do Diário de Notícias enquanto Balbino esteve à frente do comando do jornal¹⁰.

Um dos primeiros editoriais do DN, estando Balbino à frente do vespertino da Rua Santos Dumont, é publicado com o título *O conceito de opinião*, em 04/01/1940. O texto sintoniza com a mesma linha editorial do antigo diretor de redação. O liberalismo é novamente condenado mediante a afirmação dos ideais propostos pela Revolução de 1930 e consolidados no Estado Novo. Pois...

Estavamos no paraíso da mystificação. Franquias liberaes só para a rethorica dos seus falsos apostolos, a serem notadas de longe, para inglês ver.

A revolução de 30 veio com o seu programa de restauração moral dos nossos costumes políticos. Para corrigir erros do passado.

Nesse mesmo texto, o Diário de Notícias de Balbino reiterará as excelsitudes do regime do Terceiro Reich, que há sete anos assumira o poder na nação germânica.

⁸ Walfrido Moraes concedeu entrevista a este autor em 21/03/2003.

⁹ Rubem Nogueira concedeu entrevista a este autor em 29/04/2003.

¹⁰ Discutiremos essa relação na conclusão do trabalho.

Na Alemanha, no governo militarizado de Hindenburg, num pleito presidencial – Hitler, o seu grande adversário, conseguiu uma votação que, entre nós, jamais alcançaria um oposicionista, embora este se chamasse Ruy Barbosa. E só com um regime de justiça, de aproveitamento de aptidões, de largo desenvolvimento de educação popular, chegaremos a essa situação. Não é bastante que neste grande país os governos sejam operosos e honestos (Diário de Notícias, 04/01/1940, edição nº 10.776, capa).

Estando a serviço da consolidação do regime de Vargas e tendo como referência positiva a ascensão da Alemanha nazista, já em guerra nesta data, assim como Requião, Balbino também comporá o grupo de intelectuais que difundirá a visão de mundo dos segmentos dominantes (Gramsci: 1968). No texto citado, a “educação popular”, na verdade doutrinação, projeta a possibilidade de uma trilha comum entre o Brasil e a Alemanha, onde, segundo o editorial, havia se instalado “um regime de justiça, de aproveitamento de aptidões, de largo desenvolvimento de educação popular”.

A “honestidade” e a “operosidade” do governo alemão em pleno ano de 1940, quando os nazi já massacravam populações civis européias, inclusive com assassinatos em massa, demonstra o nível de influência exercido pela propaganda ideológica nazista em segmentos intelectuais do país.

Os exemplos expostos definem a construção de novos paradigmas ideológicos no Brasil. O Estado Novo exercia forte controle às diferenças de opinião que viessem por em risco a hegemonia do poder político dominante. O combate ao comunismo como mal maior, demonizado, judaizado e desagregador da sociedade brasileira, encontrará na poderosa campanha internacional movida pelo regime nazista da Alemanha uma referência que atravessará fronteiras e contagiara diversos órgãos de imprensa no Brasil, que realizarão esse trabalho com afinco.

A partir de 1935, o jornal de Altamirando Requião e posteriormente de Antonio Balbino engrossará essa fileira, tomando emprestado - ou mesmo negociando espaços - (a)os engenhosos instrumentos de comunicação criados por Josef Goebbels e Adolf Hitler. Vamos aos fatos.

II Capítulo

O nazismo como referência

Iª Parte

A ação da mídia alemã no Brasil

Um comentário muito comum nas páginas do Diário de Notícias durante o ano de 1935:

A mensagem salvadora de Hitler, que num apelo à idéia nacional, exige das classes abastadas sacrifícios enormes e auxilia, visivelmente, as classes populares mais expostas a toda sorte de sofrimentos, dando-lhes trabalho e auxiliando grandes transformações econômicas jamais testadas anteriormente, faz nascer naquele povo de grande cultura novas esperanças contra as forças destruidoras que emanam do tratado de Versalhes (Hermann Dudenhoefter, Diário de Notícias, 1935, edição nº 9321, p. 2)

A primeira pergunta que surge: qual a intenção dessa narrativa, feita por um suposto alemão e publicada num jornal do Nordeste do Brasil? Não sendo notícia e sim comentário, e com alto teor propagandístico, a que público se queria atingir?

Trava-se de propaganda germanófila, da Alemanha, e não necessariamente de propaganda da ideologia nazista. Segundo Hanna Arendt (op., cit.):

“...o domínio totalitário (nazista) procura restringir os métodos propagandísticos unicamente à sua política externa ou às ramificações do movimento no exterior, a fim de lhes fornecer material adequado (...) Na medida do possível, estabelece-se, logo na fase anterior à tomada do poder, a diferença entre a doutrina ideológica (...) e a propaganda para o mundo exterior” (Arendt, ibidem, p.392).

E é esta propaganda para o “mundo exterior” o que vai ser observado, seguramente, no Diário de Notícias. Um jornal que atuará numa sociedade que, à época, registrava alto índice de analfabetismo: cerca de 92% da população (Sampaio, 1995, p.86 *in*). Este percentual deduz

um diminuto número de leitores de jornais¹¹. A Salvador dos anos 30, ainda que empreendesse um processo de transformação urbana, contava com reduzidíssimo público consumidor de bens culturais. Mantinha-se estagnada neste aspecto e colocava-se à margem do processo de modernização que se processava em outros centros do país (Miguez, 2002, p. 87).

A despeito desse quadro, a partir de 1935 o DN passará a contar com diversos colaboradores alemães em suas páginas. Corroborando com o imaginário construído pelo jornal, esses colaboradores apresentarão a Alemanha sob vários ângulos: social, econômico, político, religioso etc. Hermann Dudenhoeffer, Ernest Müller, Walter Gros, Otto Ernest, Conde Sohwerin von Krosigk, o Barão von Rheinbaben e Karl Schwendemann estarão entre os primeiros a ocupar as páginas do jornal para propagandear os feitos do governo do Terceiro Reich. As mensagens por eles construídas, persuasivas e conativas (Chalhub, 1990, p. 23), terão como alvo, indubitavelmente, os formadores de opinião, brasileiros e estrangeiros aqui localizados.

A campanha estava em marcha. O posicionamento de jornais em favor da Alemanha Nazista naquele período não é um fato desconhecido da trajetória da imprensa no Brasil. Órgãos germânicos já operavam em colônias dos estados do sul, onde o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP)¹² atuava desde 1931 (Moraes, 1996, p.104). Movimentação que se dava com frequência na imprensa de língua alemã que circulava entre os moradores das colônias (Choen, 1988, p. 7).

Como já discutido anteriormente, a imprensa moderna, ancorada na maximização publicitária, atuou, e atua, em extremo nível de imbricação com os segmentos financiadores do produto jornal. Tal fato estabelece um fio condutor com a performance do DN entre 1935 e 1941. Neste período registramos farta participação de material publicitário de empresas alemãs no jornal. Conforme já visto, firmas como a Westphanlen Bach, Krohn e Cia, a

¹¹ Não encontramos nenhum documento que exibisse os números de circulação do Diário de Notícias neste período. Os exemplares do jornal não traziam esta informação.

¹² Sobre a atuação do NSDAP no Brasil, dois trabalhos são significativos para entender a presença desse partido no Brasil. O primeiro, lançado em 1988, trata-se da dissertação de mestrado de Esther Cohen na Universidade Federal Fluminense (UFF), *O Governo Federal e o Partido Nazista no Brasil*. O segundo é o de Luis Edmundo de Souza Moraes, *Ein Volk, Ein Reich, Ein Führer!*; A Seção Brasileira do Partido Nazista, dissertação de mestrado defendida no Museu Nacional da UFRJ, em 1996. São excelentes pesquisas que apresentaram um panorama detalhado sobre a movimentação do NSDAP no Brasil. A dissertação de Cohen aborda as relações políticas entre o NSDAP e o governo de Vargas, enquanto que o trabalho de Moraes concentra-se mais na organização interna da agremiação, estabelecendo uma discussão sobre os seus objetivos no Brasil.

Suerdick e a Danemann e a Viação Aérea Condor, pertencente à companhia de aviação germânica Deutsche Lufthansa, estavam entre os anunciantes de peso do periódico soteropolitano.

Com efeito, o capital alemão que atuava no Estado, por sua vez, exercia significativa influência na Associação Comercial da Bahia (Sampaio, 2001, p. 1847 *in*), entidade que representava a elite econômica regional. O Diário de Notícias mantinha-se como porta-voz desse organismo desde o início do século XX.

É plausível que o apoio do jornal à Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial já fosse um reflexo desse quadro. Conforme Consuelo Novais (2001):

(...) Esta posição do Diário de Notícias refletia não somente os sentimentos germanófilos do seu proprietário, coronel Ferreira do Amaral, mas também a grande dependência da elite comercial baiana (...) em relação a firmas e capitais alemães. O embargo interposto ao comércio com a Alemanha teve efeito catastróficos para a economia baiana, de modo geral, e para o Diário de Notícias, em particular (...) (ibidem, p. 1847).

Quando da compra do vespertino baiano pelo grupo incorporado por Requião, Consuelo Novais informa que a sociedade anônima da empresa, constituída após essa operação comercial, era “integrada por altos comerciantes”. No início da década de 20 o Diário de Notícias abocanhava a totalidade dos investimentos em ações nos jornais locais por parte da Associação Comercial da Bahia, que detinha 20 cotas de ações da empresa (Santos, op., cit., p. 49).

Considerando a influência do capital alemão nesta entidade, conforme citado por Sampaio, o peso dos anúncios publicitários de empresas teutos será expressivo no Diário de Notícias. As inserções eram diárias e todas as contracapas (integrais) da última edição do ano eram ocupadas por anúncios de empresas alemãs.

Tais fatos nos obriga a remeter a um breve entendimento acerca das relações comerciais entre brasileiros e germânicos nessa época, posto que estas atuaram em sintonia com a movimentação política engendrada pelo IIIº Reich no Brasil.

Relações comerciais em ascensão

Não iremos (nem podemos) aqui esgotar a análise que recai nas transações comerciais que envolveram os dois países no período em voga. Não é o nosso objeto. Todavia, alguns aspectos do campo econômico merecem ser mencionados, posto que o mesmo exerceu forte influência nas relações políticas entre Brasil e Alemanha no período em questão.

René Gertz (1996) chama-nos atenção para o fato de que muitos integrantes do NSDAP no país mantivessem relacionamento de trabalho com empresas alemãs que aqui operavam, sendo (por parte deles) “a adesão ao partido quase uma obrigatoriedade” (Gertz, 1996, *in* www.tau.ac.il/eial/VII_1/index.html#articulos).

No tocante à Bahia, vale lembrar que o setor fumageiro local mantinha profícuo comércio com a nação germânica, que figurava então como o principal país importador do produto baiano. Os empresários alemães, ou descendentes dos mesmos estabelecidos no Estado, chegaram a financiar linhas de créditos para os produtores locais de fumo. Nos anos 30, a média anual da quantidade de fumo em folha exportada para a Europa, com destaque para o mercado alemão, atingiu cerca de 25 mil toneladas, o equivalente a quase 350 mil fardos de 75 quilos (Ramos, 1990, p.35). No comércio de cacau, as firmas alemãs também eram responsáveis por grande parte das exportações do produto.

Em 1934 a Alemanha ocupava o quarto lugar no comércio externo com o Brasil, contribuindo com 14% das importações e 13% das exportações. Quatro anos depois, o Brasil já era o principal comprador de produtos alemães. Em 1938, 25% do total importado pelo país era de origem germânica. Nas exportações, nesse mesmo ano, a Alemanha situava-se em segundo lugar, contribuindo com 19% das compras dos produtos nacionais (Corsi, 1999, p.60).

O quadro exposto reflete a guinada diplomática brasileira que buscava se distanciar da área de influência norte-americana. Luiz Corsi esclarece que o Tratado Comercial efetuado em 1935 com os EUA previa a liberalização do câmbio e enquadrava o Brasil à política econômica estadunidense, coibindo qualquer possibilidade de uma atuação comercial mais independente por parte do país. Contudo, o Governo de Vargas não seguiu tal procedimento, passando a incrementar, a partir de 1936, o comércio bilateral com a Alemanha. Fora contrariado o acordo efetuado com o Governo dos EUA e o Brasil se distanciava da área de

influência norte-americana (Corsi, op., cit., p.59). A tabela que se segue nos dá uma noção mais detalhada desse quadro (Cohen, op., cit., p.80):

Evolução do comércio brasileiro com a Alemanha (1933-1937) – em milhares de cruzeiros.

Ano	Exportação	Importação
1933	228.920	262.887
1934	433.579	350.763
1935	679.504	799.732
1936	645.639	1.002.597
1937	871.741	1.270.348

Fonte: Seintenfus, Ricardo Antônio da Silva – O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942. – São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985, p.81. (O autor baseou-se na seguinte fonte: Ministério das Relações Exteriores, Boletim nº 11, junho de 1940, p.17)

Vendendo uma ideologia – a ação do NSDAP

Paralela a essa movimentação de caráter econômico, o governo alemão passou a desempenhar forte campanha ideológica na América Latina (Corsi, op., cit., p.50). No Brasil, esta ação ficará a cargo da Embaixada alemã, no Rio de Janeiro, e dos seus consulados espalhados pelo país.

Corroborando com a questão econômica, Stanley Hilton (1977) afirma que à medida que a crise política se agudiza na Europa, a partir de 1935 crescerá o interesse por parte de militares e diplomáticos germânicos pelo Brasil: “Os estrategistas alemães consideravam o Brasil um país basicamente amigo, do ponto de vista político (...) em relação ao Reich” (Hilton, ibidem, p.22).

A estratégia de atuação da propaganda alemã em solo brasileiro se articulou mediante a movimentação do NSDAP, através da Organização do Exterior¹³ do partido. Esta ação ganhou corpo nos primeiros anos da década de 30. Vale lembrar que o NSDAP nunca constituiu qualquer vínculo jurídico no Brasil (Moraes, op., cit., p.120) (Cohen, op., cit., p.78). Antonio de Lara Ribas (1944), citado por Luiz Edmundo de Souza Moraes, faz a seguinte consideração sobre a atuação do Partido Nazista fora da Alemanha:

(O NSDAP) em obediência ao velho sonho de expansão, voltou desde logo as suas vistas para o exterior, promovendo uma propaganda de agitação político-racista que atingiu os recantos mais pacatos e longínquos de todas as nações do globo (...) através de células políticas subordinadas à Organização do Exterior do NSDAP (...) (Ribas, 1944., p. 205 in....).

A implantação de núcleos do NSDAP no Brasil se deu a partir de 1933. Segundo Esther Cohen (1988), ficaram assim distribuídos os círculos do partido: Círculo I – Rio de Janeiro; Círculo II – São Paulo; Círculo III – Paraná; Círculo IV – Santa Catarina; Círculo V – Rio Grande do Sul; Círculo VI – Bahia; e Círculo VII – Pernambuco. Estes formavam um *Landesgruppe* (grupo-país) que, por sua vez, se subdividiu em *ortsgruppen* (grupos locais). Cohen nos lembra também que toda a organização do partido nazi no exterior “baseava-se no sistema estrutural-político da Alemanha Nazista” (Cohen, ibidem, p. 50).

A concentração de alemães no país nas décadas de 30 e 40 é significativa. A presença desses cidadãos passa a ser registrada, oficialmente, a partir de 1884, quando os primeiros colonos chegaram, principalmente nos estados do sul, onde até hoje se concentra a maioria dos seus descendentes. Willems, utilizando dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nos indica que “entre 1884 e 1933 um total de 170.645 alemães haviam imigrado para o Brasil” (Willems, 1980, p.40). Conforme o mesmo autor, já a estatística alemã registra a imigração de 71.467 cidadãos para o solo brasileiro entre 1919 e 1934 (Willems, ibidem, p.41).

¹³ Esse organismo era responsável pela organização de todas as seções do Partido Nazista que se movimentavam no exterior. Era dirigida pelo Marechal Goering, homem de confiança de Hitler.

A massiva concentração de germânicos em território nacional, fruto de 49 anos de imigração, indica a preocupação do governo do Terceiro Reich em querer controlar essas colônias num momento em que esse governo se preparava para ampliar seu espaço vital¹⁴.

Como visto, a Bahia sediava o sexto círculo de mobilização do NSDAP no Brasil. Posteriormente, os militantes da agremiação no Estado foram hierarquicamente rebaixados à condição de grupo local (*ortsgruppen*), assim como os militantes das cidades de Vitória, Recife, Belo Horizonte, Terrenos (MT), Rio Tinto (PB) e grupos menores em outras localidades (Moraes, op., cit., p. 114).

Sobre a atuação dos militantes do NSDAP na Bahia, como de resto no Brasil, Edmundo Moraes nos informa que o partido se constituiu no país com o propósito de “ocupar espaços entre os alemães com o fito de reconstruir, ou manter o que ainda restava da comunidade nacional aqui estabelecida” (ibidem, p.114). Para tanto, o engendramento desta ação deveria ocorrer sem ferir a Legislação Nacional, conforme afirmou o líder de grupo da Bahia, Johannes Hans Spredtke. Moraes reproduz as palavras do líder: “(...) o objetivo principal (do NSDAP) foi o de propor a idéia nazista, fazendo dos colonos bons alemães e bons nazistas, dentro das leis brasileiras” (Moraes, ibidem, p.126-127).

O partido nazi perpetrará no país a atividade tida por Adolf Hitler como a mais importante: a propaganda política (Hitler, op., cit., p. 363). A tática do NSDAP será convencer os alemães aqui residentes a cerca dos progressos da “Nova Alemanha”. A tática é confirmada por outro militante da Bahia, Wilhem Alexander Schwarz: “a finalidade do partido era manter em contato os alemães aqui residentes para que tomassem conhecimento das idéias do partido e propagá-las (...)” (Moraes, op., cit., p. 127). O reerguimento econômico da Alemanha na década de 30 se apresentava como a grande vitrine para atrair o ingresso desses cidadãos no NSDAP que atuava no Brasil (Gertz, op., cit., in www.tau.ac.il/eial/VII_1/index.html#articulos).

¹⁴ A concepção do espaço vital (*lebensraum*), para Adolf Hitler, é de que “não se pode julgar a extensão de uma área somente pelas exigências do presente, nem mesmo pela capacidade de produção da terra em referência ao número de habitantes”. Para Hitler, a Alemanha, para se tornar uma grande potência, deveria buscar conquistar novas áreas no sentido abrigar todas as populações germânicas espalhadas pelo mais recônditos locais do mundo. Desta ação, decorreria a formação da “grande Alemanha”.

Apresentando documentos do Tribunal de Segurança Nacional, Edmundo Moraes nos dá conta do testemunho de Hans Paul Rautenberg, um outro membro da direção do NSDAP do grupo de Salvador, sobre o mecanismo de arregimentação de militantes em terras baianas:

“cada alemão que já era sócio efetivo do partido tinha a oportunidade de convidar um não-sócio para fazer parte, (podendo ele então) ser admitido como aspirante (...) (Outras reuniões) eram privativas dos membros do partido, que liam livros de doutrina nazista, que trocavam impressões acerca dos novos candidatos ao partido, discutiam medidas internas ao partido e instruções chegadas do Rio de Janeiro”. (Arquivo Nacional - TSN – Proc.3752: p.12 *in* Moraes, op., cit., p.130)

A conquista de simpatizantes para a causa nazi entre os alemães residentes na capital baiana se deu, com ênfase, no âmbito do Clube Germânia de Salvador, entidade teuto que reunia nos seus quadros sociais cidadãos alemães e descendentes desde o início do século XX (Moraes, *ibidem*, p.134). Muitos desses militantes do NSDAP na Bahia já atuavam na agremiação desde 1932.

Documentos da Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS) localizados no Arquivo Público do Estado dão conta da presença desses militantes nazistas na vida social de Salvador, o que pode ter se dado de forma tranqüila e com bom nível de relacionamento entre os soteropolitanos. É o que nos indica o despacho de 6 de novembro de 1943 do secretário de Segurança Pública da Bahia, Major Hoche Pulchário. O documento versa sobre o militante nazista e joalheiro Herman Volz. O despacho foi enviado à DOPS e continha abaixo assinado de 14 comerciantes de jóias da cidade que pediam às autoridades que Hermann não fosse afastado da capital por conta da sua participação no NSDAP. Nesse período, o Brasil já havia declarado guerra aos países do Eixo e o Partido Nazista vinha sendo sistematicamente reprimido pelo Governo de Vargas. Segue o texto de preâmbulo do abaixo assinado:

Os abaixo assinados, negociantes de joalheria, tendo em vista que o cidadão Hermann Volz é o único técnico de cravação e gravação de jóias que existe nesta capital, sendo quem lhes faz os trabalhos, vem rogar a Vossa Excelência que se digne conceder a permanência do referido cidadão nesta cidade, pois os suplicantes

se responsabilizam pela conduta do mesmo, que apesar da sua nacionalidade alemã, aqui reside no distrito de Brotas, já estando no Brasil há 19 anos e sendo casado com uma senhora brasileira há 9 anos.

Conforme afirmaram acima, os suplicantes assumem inteira responsabilidade pela conduta do senhor Hermann Volz, pois o mesmo vai se dedicar inteiramente, como tem feito até agora, ao serviço da sua arte.

Confiando no elevado espírito de Justiça de Vossa Excelência, os suplicantes pedem e esperam deferimento (Apeb, Setor Republicano, Cx15, pact 01, f.14).

O processo que recaía sobre Volz datava de 23/08/1942, quando o alemão fora acusado de, “junto com outros elementos de sua nacionalidade”, freqüentar reuniões secretas do Partido Nazista em Salvador. Nesta data, o joalheiro havia sido preso e processado na DOPS da capital baiana por suspeitas de atividades anti-nacionais. Seu processo foi remetido ao Tribunal de Segurança Nacional, no Rio de Janeiro, tendo sido posto em liberdade posteriormente.

Hermann fora preso novamente em 1943, quando o pleito dos seus colegas joalheiros foi indeferido pelo Delegado da DOPS de Salvador, Joel da Rocha Lyra. O alemão foi afastado do litoral, “por medida acautelatória”, e encaminhado à cidade de Maracás. A cautela, nesse caso, encontrava argumento pelo fato de que, encontrando-se no litoral, o militante nazista poderia, de alguma forma, auxiliar seu país nos ataques à costa brasileira, onde vários navios da nossa bandeira haviam sido afundados em 1942 pela Marinha alemã.

Entre altos e baixos

O relacionamento do Partido Nazista com as autoridades brasileiras alternou entre momentos de difícil entendimento e de ampla diplomacia. Desde que a agremiação começou atuar no país, várias autoridades se mostraram preocupadas com as atividades do NSDAP. Em carta dirigida ao Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, datada de 10 de março de 1939, o comandante da Primeira Região Militar e Primeira Divisão de Infantaria denuncia a existência do NSDAP (Cohen, op., cit., p. 77).

Suas atividades foram sempre clandestinas, como ocultos foram e são seus objetivos e parece incrível que as autoridades estaduais, sempre prontas a destruir os partidos políticos adversários, caso não estivessem registrados, jamais tivessem pensado em verificar a legalidade de funcionamento de um partido estrangeiro (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1328 *in* Cohen, op., cit., p. 79).

O clamor do militar apócrifo (o qual a autora não cita o nome no documento) não encontra resposta entre seus pares. Na verdade, o próprio Dutra assim como outros integrantes do Governo Vargas, a exemplo de Góes Monteiro, Filinto Müller e Francisco Campos, eram considerados como integrantes da ala germanófila do Estado Novo. Nutriam simpatias pelo IIIº Reich e influenciavam o governo trabalhando pelo distanciamento diplomático e econômico do Brasil para com os Estados Unidos e demais países aliados.

Ainda assim, o NSDAP vai encontrar alguma resistência à sua atuação. O acúmulo de funções da Embaixada Alemã, servindo ao trabalho de diplomacia e ao mesmo tempo à organização partidária, resultará numa crise diplomática com o Governo Vargas, em particular com o seu Ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha. O cerne da questão estava no Decreto Presidencial de 18/04/38, que proibia a existência de partidos estrangeiros em território nacional. No documento, o presidente Vargas declarara que o direito a se organizar em partidos políticos era negado até mesmo aos brasileiros e portanto era inadmissível a presença do NSDAP em solo nacional (Silva, 1971, p.104).

A reação da embaixada alemã foi enérgica. O embaixador Karl Ritter formulou queixa ao chanceler Osvaldo Aranha informando ao mesmo que “o Partido era a Alemanha (...) e sem todos os penhores para o seu funcionamento, a não conformidade do seu governo teria que se positivar” (Silva, op., cit., p. 100).

O pomo da discórdia das autoridades alemãs com a chancelaria brasileira residia na atuação do adido de Imprensa da embaixada, Hans Von Cossel, que articulava as ações da agência de notícias germânica Transocean entre rádios e jornais brasileiros. Cossel atuava num escritório da embaixada em São Paulo com mais de 100 pessoas “fazendo propaganda

antiamericana por meio de panfletos e através de jornais e estações de rádio favoráveis ao Eixo” (Falcão, 1999, p.43). Conforme Hélio Silva:

Foi a Embaixada alemã, pelo acúmulo das funções diplomáticas com as partidárias, que veio a criar ambiente difícil, subvencionando jornais de pouco significado e até desprestigiados... (Silva, op., cit., p.101).

O embaixador alemão atendeu ao apelo de Aranha e prometeu por fim à intromissão do NSDAP na imprensa do país. Mas a crise diplomática ainda não estava amainada. O Governo brasileiro exigiu a substituição do corpo diplomático alemão, pois as autoridades nacionais tinham provas da participação de elementos do NSDAP no *putsch* integralista ocorrido em maio desse mesmo ano (Silva, *ibidem* p.306). Os camisas verdes, liderados por Plínio Salgado, haviam tomado de assalto o Palácio Guanabara e feito o presidente Vargas refém. A tentativa de golpe foi sufocada.

A crise entre os dois países foi superada em primeiro de junho de 1939, quando a diplomacia alemã entendeu necessária a troca dos seus diplomatas. O que parecia uma vitória das forças anti-germânicas do governo de Vargas, na verdade se traduziu num grande cavalo de Tróia para a atuação, ainda com mais vigor, da propaganda alemã em jornais brasileiros. O Decreto Lei nº 383, de 18 de abril de 1938, que criara restrições de caráter político para que estrangeiros pudessem se manifestar na imprensa nacional, seria alterado no ano seguinte, após a Embaixada alemã reclamar da publicação de artigos e matérias em jornais do país que teriam ofendido a Alemanha (Cohen, op., cit., p.94).

Em 12 de junho de 1939, o governo modifica o decreto, afirmando o seguinte:

(...) Evitar, sobretudo agora, campanhas jornalísticas violentas contra a Alemanha, país com que o Brasil acaba de normalizar plenamente as suas relações diplomáticas (...) (Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – IJ 1422 e IJ1362 *in* Cohen, *ibidem*, p.94.)

A medida também se estendia à proibição de vendas de livros contrários à Alemanha ou ao nazismo. O barco vai correr frouxo e a ação de propaganda agressiva do IIIº Reich no

Brasil ganhará volume e instrumentalizará vários órgãos de imprensa do país. No ano seguinte o fato é percebido com preocupação pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. A informação foi transmitida a esse órgão por intermédio de memorando despachado pelo assessor especial da Embaixada Norte-americana no Rio de Janeiro, Theodore Xanthaky, em maio de 1940 (Silveira, Moraes, 1990, p.415).

Desde o início da Guerra os alemães têm largamente concentrado seus esforços de propaganda na imprensa, através da agência de notícias Transocean, que atua sob supervisão direta da Embaixada Alemã (...) e com um número de 101 empregados (...) Três jornais de reputação duvidosa - Gazeta de Notícias, Meio Dia e a Pátria – são, segundo se sabe, subsidiados pela Transocean. Recebem dez contos (Us\$500), cada um, por semana. Nós temos informações confiáveis de que O Globo (...) descartou uma oferta da Transocean de 75 contos (Us\$3.750) por semana (...) Jornais de considerável importância em São Paulo, Pernambuco, Santos e Bahia publicam agora despachos da Transocean e têm recebido subsídios. A Transocean prepara igualmente uma grande quantidade de panfletos de guerra em português (Silveira, Moraes, *ibidem*, p.415).

Uma malha articulada

Agora não estamos mais falando de jornais alemães, escritos em alemão e destinados às colônias alemãs, mas sim em periódicos que eram publicados em diversas capitais do país. A rede de comunicação nazista que se implanta no Brasil, com maior ênfase a partir de 1940, foi explicada pelo professor Francisco Carlos Teixeira, do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ¹⁵. Segundo Teixeira, que pesquisou documentos no Arquivo Federal da Alemanha, esta rede reunia na América do Sul 40 emissoras de rádio, sendo que quinze delas operavam no Brasil. Além disso, a malha propagandística nazista alugou jornais e cinemas no país. No Rio de Janeiro, o historiador informa que os jornais O Meio Dia e a Gazeta de

¹⁵ A informação foi divulgada através de matérias publicadas no mês de janeiro de 2001 em dois órgãos de imprensa do país: o jornal O Globo e a Revista Veja. No primeiro veículo, a publicação ocorreu em 21/01, e no segundo em 31/01. Em ambos os órgãos o título das matérias foi homônimo: *Nas ondas do Reich*.

Notícias foram cooptados pela Embaixada alemã e passaram a realizar a propaganda nazi nas suas páginas.

A participação do NSDAP nesta tarefa é confirmada por Edmundo Moraes:

De fato, o partido dedica-se a este tipo de atividade (de imprensa) de forma bastante intensa, sendo estas realizadas de forma pública e mobilizando quadros e instituições que muitas vezes extrapolou as fronteiras formais do partido, alcançando, não poucas vezes, até mesmo a imprensa em língua portuguesa. Pautando seus objetivos tanto pela divulgação da ideologia nazista quanto pela demonstração dos desenvolvimentos alcançados com o “nosso governo alemão” sob a direção de Hitler e do Partido Nazista, o partido lança mão tanto do material editado (em alemão ou em português) na Alemanha ou no Brasil (Moraes, op., cit., p.127).

Os nazistas objetivavam levar sua mensagem a todas as partes do planeta. Marcondes Filho (1989), utilizando como fonte Willi Mützemberg, informa que a propaganda do Terceiro Reich controlava mais de trezentas publicações em língua alemã no exterior e “exercia influência sobre um número pelo menos igual de jornais estrangeiros”. Segundo o autor:

(a propaganda nazista) mantinha todo um sistema de “agências noticiosas” que publicavam notícias de fontes tidas como húngaras, polonesas, inglesas ou francesas mas que, na realidade, originavam-se em Berlim, encontrando, dessa forma, espaço na imprensa partidária alemã como “opiniões estrangeiras neutras (Marcondes Filho, *ibidem*, p.103).

Em relação à atuação do jornal carioca *Meio Dia*, o fato não é inusitado. No trabalho de investigação jornalística realizado pelos jornalistas Joel Silveira e Geneton Moraes – O Pacto Maldito -, os autores comentam sobre a relação mantida entre a diplomacia alemã e o veículo de imprensa carioca, pertencente ao empresário Joaquim Inojosa: “um jornal, que além de oferecer apoio ao Estado Novo, logo se transformaria em um entusiasmado propagandista da política de Adolf Hitler” (Silveira, Moraes, op., cit., p.351).

Ainda que não haja indícios de ter recebido subsídios alemães, o periódico *Folha da Manhã*, do Recife, fundado pelo interventor Agamenon Magalhães - que o colocou em circulação duas semanas antes de sua posse no governo - foi outro veículo que destilou ampla propaganda à causa do Terceiro Reich (Almeida, 2001, p. 32).

Fazendo apologia do regime nazista, o jornal do interventor em Pernambuco, segundo Maria das Graças Ataíde de Almeida, “(atuava) de forma sistemática, com mensagens diárias de primeira página, exaltando o nazismo como mola propulsora do reerguimento da Alemanha e exemplo a ser imitado” (Almeida, *ibidem*, p. 222).

No que tange ao *Diário de Notícias da Bahia*, o jornalista e ex-dirigente do Partido Comunista no Estado, João Falcão, comentando o apoio dado pela imprensa baiana aos universitários locais que protestavam contra os afundamentos dos navios brasileiros por parte da marinha alemã, lembra que o único periódico da cidade que não abria espaço aos estudantes era o *Diário de Notícias*, “dirigido por Antonio Balbino de Carvalho que dava inteira cobertura à Alemanha nazista” (Falcão, 1988, p.198). Falcão, assegura que o jornal fora alugado à Embaixada alemã em 1940 por Balbino¹⁶.

A afirmação do ex-militante do PCB confirma a assertiva de Joel Silveira, a qual nos informa que “(...) jornais de considerável importância em São Paulo, Pernambuco, Santos e Bahia publicam agora (em 1940) despachos da Transocean e têm recebido subsídios (alemães)” (Silveira, Moraes, *op.*, cit., p.415). No entanto, João Falcão desconhece que esse procedimento tenha ocorrido antes de 1940, ao longo da gestão de Requião¹⁷.

Indo ao encontro à linha de raciocínio de Falcão, Consuelo Novais (2001) nos lembra que:

(...) a posição do *Diário de Notícias* em relação à Segunda Guerra Mundial foi de integral apoio às potências do Eixo, especialmente a Alemanha. Em que pese considerações de fator ideológico, razões de ordem econômica ligavam estritamente a burguesia comercial baiana à Alemanha. Poderosas firmas alemãs, como a Westfalen Bach, eram responsáveis por grande parte das

¹⁶ Este comentário foi feito durante entrevista concedida a este autor em 26/09/01. Comentaremos esta informação no capítulo seguinte, quando trataremos da atuação do DN a partir de 1940.

exportações de cacau e pela importação de artigos manufaturados requeridos pelas altas classes baianas. Em consequência, a posição germanófila do Diário de Notícias contribui para aumentar-lhe a tiragem (...) (Sampaio, *ibidem*, p. 1848 in ...)

De acordo com os comentários de Sampaio, não resta dúvidas que existiu forte subvencionamento no Diário de Notícias por parte de capitais alemães, o que possibilitou ao periódico baiano “aumentar a tiragem”.

Retomando a discussão em pauta, esse nível de movimentação na mídia impressa e radiofônica do país, num momento de violenta repressão às liberdades de imprensa e expressão, denota, a partir de 1939, o plausível entendimento entre o Governo brasileiro e a diplomacia alemã.

A compreensão dessa articulação recai no papel desempenhado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). Criado em 1939 em substituição ao Departamento Nacional de Propaganda (DNP), esse organismo tinha como função a reificação dos ideais do Estado Novo mediante a instrumentalização dos órgãos de comunicação social, a exemplo do que foi visto no capítulo anterior no que tange à propaganda do regime de 1937 no Diário de Notícias. Conforme Huges Portelli, a utilização dos meios de massa visava o exercício pedagógico junto à sociedade civil no sentido de sedimentar e cristalizar a ideologia dominante, trabalho no qual a imprensa terá papel determinante (Portelli, *op.*, cit., p.27-28).

Ao que nos parece, as autoridades desse departamento não viam contradição entre a divulgação dos princípios ideológicos do Estado Novo e a atuação do aparato de mídia alemã no país. No que pese os embaraços diplomáticos registrados em 1938, a atuação da propaganda germânica foi conduzida procurando atingir seus objetivos, sem que o DNP e posteriormente o DIP tenham importunado esse trabalho, ao contrário do que se verificava com a imprensa e jornalistas que se opunham à ditadura de Vargas.

Teixeira (2001) observa que esta facilidade de movimentação dos agentes de mídia alemães chegava à prática da colaboração com os agentes do DIP. Em entrevista publicada no jornal O Globo, em janeiro de 2001, o historiador reproduz trecho de documento do Arquivo Federal da Alemanha encaminhado àquele país no início de 1942 por espiões nazistas:

¹⁷ Debateremos logo mais essa questão.

Este (o DIP) controla a totalidade do jornalismo na imprensa escrita, no rádio e na literatura e, desse modo, qualquer propaganda de forças estrangeiras. Daí resultou até agora a possibilidade singular na América do Sul de uma ação direta de nossos responsáveis pelo setor junto a esse órgão estatal de propaganda, com o objetivo de reprimir informações difamadoras inimigas e de garantir nossa própria propaganda ativa (O Globo, 04 de janeiro de 2001, edição nº 24.615, p03).

O fim das facilidades encontradas, “até agora”, pelos agentes teutos em atuar na imprensa nacional se deu no dia 29 de janeiro de 1942. Nesta data, o Brasil rompia relações diplomáticas com os países do Eixo. É quando o governo passa a exercer forte censura às atividades dos súditos da Alemanha, Itália e Japão e desencadeia feroz repressão contra as ações do NSDAP no país.

Concluindo, os fatos expostos nos indicam conexões existentes entre jornais brasileiros e as ações de propaganda política desencadeada pelo Terceiro Reich no país. No que pese o envolvimento desses órgãos de imprensa com o caldo literato-editorial da época, potencializado pelo processo de fascistização que o Brasil atravessava, cremos que a valorização da ideologia nazi por parte desses veículos não se deu apenas em decorrência da mesma integrar esse imaginário. A cristalização desse ideal de mundo em jornais do país associava-se aos circuitos políticos e econômicos que se interpuseram na trajetória dessas empresas. Eram peças de um mesmo encaixe.

IIª Parte

O Discurso do Diário de Notícias

Ao longo dos sete anos em questão, o jornal de Altamirando Requião e posteriormente Antônio Balbino de Carvalho estará reproduzindo o discurso praticado na Alemanha Nazista, seja pelo punho dos seus próprios editores e jornalistas, ou por intermédio dos “colaboradores” e “colaborações” editoriais alemães que infestaram o jornal no período. Esses textos sempre traziam no título de apoio a seguinte vinheta: *Linha de colaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias, da Bahia.*

Os temas envolvendo a Alemanha se colocarão em sintonia com o programa do NSDAP, seja para legitimar os feitos do governo do IIIº Reich, ou mesmo elogiar, seja para neutralizar informações contrárias à Alemanha, seja para discutir assuntos ligados às questões de trabalho, economia, antisemitismo, anticomunismo, política externa, gênero, raça, juventude, desenvolvimento tecnológico e, por fim, a participação do país teuto na Segunda Guerra Mundial. “A Nova Alemanha” será pauta quase que diária no Diário de Notícias a partir de 1935.

Nessa parte, vamos discutir como esses temas eram abordados pelo Diário de Notícias, buscando estabelecer uma leitura crítica em relação ao tratamento dispensado aos mesmos pelo jornal.

A “vanguarda” alemã

O conturbado clima diplomático na Europa da segunda metade da década de 1930 servirá como um manancial de assuntos a serem discutidos pelo vespertino baiano. Sob o ponto de vista dos “colaboradores” alemães, a nação do IIIº Reich terá tratamento de país injustiçado e perseguido pelas forças vencedoras da Primeira Grande Guerra.

Os “colaboradores” procurarão externar à opinião pública as posições do governo alemão ante os percalços diplomáticos da Europa nesse período. O reexame do Tratado de Versalhes e o direito alemão a dispor de armas e territórios são, para os “colaboradores”, condições indispensáveis ao soerguimento alemão. E esta nação, soerguida, estará na vanguarda mundial no combate ao comunismo.

É a tentativa de se “reconstruir” a história a partir de um novo ponto de vista. A humilhação de Versalhes fora uma espécie de marco divisor do tempo. Os princípios preconizados naquele tratado haviam decretado o engessamento do país quanto à possibilidade de contar com um exército regular. Era a decadência. E esta se refletia na perda da condição da potência imperial alemã. Segundo Elias (1997) este fato potencializou entre os nazistas alemães a busca da reorientação de sua auto-imagem e dos seus ideais nacionais (Elias, *ibidem.*, p.319).

Estava nas mãos da propaganda política perpetrada pela diplomacia teuto a tarefa de “recompor” historicamente o “império alemão” e suas relações externas, colocando-se na dianteira da luta anti-bolchevista, um dos ideais nacionais da “Nova Alemanha”. A justificativa era usada para contrariar as determinações de Versalhes e angariar adeptos na Europa e no Brasil.

É presumível que a atuação desses “colaboradores” no Diário de Notícias seguisse uma estratégia externa. O jornal impresso não era a mídia preferida dos propagandistas nazistas, que se inclinavam mais para comunicar por intermédio de som e imagem. Todavia, na imprensa escrita a utilização de artigos como meio de convencimento era um recurso largamente aplicado pela comunicação nazi. Goebbels, citado por Marcondes Filho (1989), define esta “missão”:

A essência de um bom artigo consiste exatamente em ser um pequeno discurso propagandista apaixonado, que se ocupa dos mesmos argumentos dos que falam das coisas e das nações oralmente (...) (a imprensa) realiza, propositada e conscientemente a influência política. Todo o seu pensar e sentir deve ser levado de qualquer jeito com seus meios, numa determinada direção ideológica (Goebbels, 1934, *in* Marcondes Filho, *op.*, cit., p.104).

E era exatamente este o teor dos artigos assinados pelos “colaboradores” na *Linha de Colaboração Exclusiva*. Um exemplo notório foi a série de artigos publicados em março de 1936, *As razões da Alemanha*, Hermann Dudenhoeffler argumentará sobre o Tratado de Versalhes. Segue trechos de um desses comentários publicado em 13/03/1936:

Quando, em 1918, cessaram os clamores da Guerra, apoderou-se dos povos a esperança de que chegaria tempos melhores para a humanidade (...) a Paz de Versalhes veio destruir todas esperanças (...) Eis o raciocínio do Chanceller Adolf Hitler que o decidiu de empreender, corajosamente uma investida contra todos os erros acumulados durante 18 anos na Velha Europa (...) Para preservar o povo alemão do caos bolchevista (se decidiu) armar o povo (...) contra esta organização (...) como ainda, ha pouco, o Brazil experimentou de forma tão dolorosa (...) (Diário de Notícias, 13/03/36, edição nº 9632, p. 02).

O texto busca estabelecer a relação entre as realidades alemã e brasileira, colocando a conjuntura da Alemanha como uma espécie de referência para o Brasil. O que o Brasil experimentara, “ainda há pouco”, se referia à Intentona Comunista de novembro de 1935, a qual fora esmagada pelo Governo de Vargas e que, nesse mesmo texto, servia de justificativa para endossar as iniciativas repressoras de Adolf Hitler para com seus opositores na Alemanha.

Importante notar que os textos dos “colaboradores” trarão no seu discurso a relação intrínseca entre o Partido Nazista e a nação alemã, como se ambos fossem uma só entidade. A divulgação da Alemanha, ou de fatos a seu respeito, estabelecia um fio condutor entre essa nação e o partido. É o *Volk* (comunidade nacional) identificado no Partido Nazista. Tal síntese passou a fazer parte da propaganda nazista como estratégia eleita pelo NSDAP (Moraes, op., cit., p. 131).

No sentido de cristalizar essa construção, o nacional-socialismo será alvo de diversos comentários por parte dos “colaboradores” do Diário de Notícias a partir de uma perspectiva didática de explicação ao leitor. Os textos, antes de tudo, exporão os pensamentos desses articulistas estabelecendo um nível de cumplicidade entre o indivíduo e a pátria alemã. Era a nação que “falava” pelos seus artigos e comentários, cristalizando a auto-imagem da pátria por intermédio deles. A crença nos valores da germanidade marcará, para eles, o que, para Norbert Elias, resultará no “nós-imagem (da nação)” (Elias, op., cit., p.121).

O país teuto será refletido a partir de uma explosão de multitemas em conexão com a “Nova Alemanha”. Um estratagema da propaganda política do nazismo, que, conforme

Domenach “não se tratava tanto de raciocinar, e sim de convencer para vencer” (Domenach, op., cit., p. 49). O falseamento da realidade estava intrínseco nesta estratégia. A ficção deveria se sobrepor à verdade.

Constata-se que mesmo se dirigindo a pequenas comunidades alemãs na Bahia, como de resto no Brasil, a forma de comunicar as diretrizes do Partido Nazista não sofrerá alteração pelo fato dessas comunidades se encontrarem a milhares de quilômetros da pátria-mãe. A propaganda era uma só e a arregimentação de alemães à causa deveria ser levada a cabo da mesma forma que no país teuto, conforme explicado no capítulo anterior pelos militantes do NSDAP na Bahia.

Um dos aspectos registrados nesses textos diz respeito à incessante explicação sobre a realidade alemã vivenciada sob o tãção das primeiras medidas do Partido Nazista. O nazismo será comentado sob diversos ângulos. Os artigos buscarão fazer ver ao leitor como o NSDAP estava transformando a Alemanha, tratando o nazismo como uma “nova concepção de mundo”.

A linha demarcatória entre a velha e a nova Alemanha será pontuada na ascensão de Adolf Hitler à Chancelaria, que ocorreu em janeiro de 1933. O VIIº Congresso do NSDAP, realizado em setembro de 1935 na cidade de Nueremberg, servirá então como parâmetro dessa nova realidade. Nesse encontro, ficam estabelecidas as primeiras medidas concretas de segregação racial para com judeus e ciganos, assim como as restrições impostas a homossexuais, testemunhas de Jeová e opositores do regime em geral.

A meta será neutralizar as possíveis informações contrárias lançadas pela imprensa internacional contra as diretrizes preconizadas pelo NSDAP. Jean Marie Domenach nos informa que o Ministério da Propaganda alemão planejou sua atuação na mídia internacional se sustentando em cinco leis básicas de propaganda política: a lei de simplificação do inimigo, ou do inimigo único; a lei da ampliação e da desfiguração; a lei da orquestração; a lei de transfusão; e a lei da unanimidade e do contágio (Domenach, *ibidem*, p. 55-81). Fica bastante claro que a ação de mídia movida pelo NSDAP em jornais brasileiros, incluindo aí o Diário de Notícias, obedece à lei da ampliação e da desfiguração, a qual, segundo Domenach, trata-se da, “ampliação exagerada das notícias (...) as “informações” importantes (...) ao aparecerem, vinham já valorizadas, carregadas de um potencial de propaganda (Domenach, *ibidem*, p. 59).

“Matéria” publicada em novembro de 1935, sem assinatura e de título *Depois do Congresso Nacional Socialista de 1935*, traz uma forma peculiar de reportar o congresso de Nueremberg. Nela não existe nenhum elemento que assemelhe-se a um texto jornalístico. Trata-se de uma mensagem dirigida àqueles que não se encontravam naquela cidade alemã para participar do evento. O texto é claro quanto aos procedimentos que os cidadãos teutos deveriam ter, de agora em diante, para obedecer as diretrizes traçadas pelo NSDAP durante o encontro. Segue trechos:

O Congresso do Partido Nacional Socialista sómente se torna eficaz se todos que participaram do Congresso de Nueremberg continuam ocupando o seu lugar no meio da família e da coletividade do trabalho e informam aos que ficaram nos seus lugares de costume por não poderem assistir ao Congresso as fortes impressões que receberam.

A finalidade do Congresso principalmente é crear da nação unida e a communhão da vontade nacional. Os indivíduos que foram a Nueremberg neste anno, regressaram para seus lares e seus serviços animados de uma nova fé na immortalidade da nação e do Reich, animando o organismo do povo e do Estado com a idéa viva e consolidando o prestígio do Fuehrer.

As directivas, porém que o Fuehrer deu aos seus discursos so depois terminados os actos officiaes e a variedade multipla das disposições empolgarão todos os alemães dentro das fronteiras do Reich e expandindo-se os grupos de allemães que vivem dispersos no mundo, e afinal todos os povos civilizados (...) o nacional-socialismo (...) declara guerra ás concepções baseadas nos conceitos do materialismo e do liberalismo que ainda domina quase o mundo inteiro (...) (Diário de Notícias, 11/11/1935, edição nº 9533, p. 03).

De forma concisa e clara, o texto convoca os cidadãos alemães, “dispersos no mundo”, assim como a “todos os povos civilizados” à responsabilidade da tarefa proposta pelo Partido Nazista de combater o liberalismo e o materialismo (bolchevismo). O inimigo comum,

liberalismo-materialismo, é simplificado no discurso. Conforme Domenach, nessa frente de combate “atacar-se-á sempre, consequentemente, a indivíduos ou pequenas frações e nunca a massas sociais ou nacionais em conjunto” (Domenach, *ibidem*, p. 57).

Nesse mesmo ano, outro “comentarista” alemão, Ernest Muller, escreveria uma série de artigos sobre o nazismo seguindo a mesma linha didática proposta pela campanha de divulgação da ideologia por parte do NSDAP. Novamente o congresso de Nueremberg vem à baila. Nesse comentário, de título “*O nacional-socialismo como concepção de mundo*”, o “colaborador” Muller tratará de explicar o que seja o nacional-socialismo, utilizando como fonte entrevista coletiva dada na abertura do próprio congresso pelo chefe de Imprensa do NSDAP na Alemanha, dr. Otto Dietrich. Segue trechos:

(...) O dr. Otto Dietrich demonstrou claramente mas sem acrimonia até que ponto e por que razões o nacional-socialismo alemão se sentia de sucessor contemporâneo das concepções antigas de mundo (...) A era liberalista (levou) à despersonalização das grandes massas (...) o dr. Dietrich comentou (...) a idéia de que o nacional-socialismo alemão não pretende eliminar a desigualdade dos homens, mas sim a desigualdade das condições sob as quais estes vivem e trabalham (...) o nacional-socialismo alemão esforçar-se a criar para cada indivíduo iguaes possibilidades de ascensão (...) a substância do nacional-socialismo consistia justamente em revocar á ecusciência das leis naturaes da vida (...) o homem do século 20 (...) não é um Robinson moderno. Pelo contrário, elle vive como membro de uma comunidade (...) (Ernst Muller, *Diário de Notícias*, 06/12/1935, edição nº 9554, p. 2)

Mesmo distante da pátria, a sucinta explicação da ideologia nazi vai provocar, novamente, a convocação àqueles que vivem como “membros de uma comunidade”. A referência ao personagem do escritor Daniel Defoe, Robison Crusoe, um aventureiro desgarrado de qualquer identidade de pátria, perdido nos trópicos brasileiros como um plantador de fumo, nos indica que esta aventura não deveria ser reproduzida pelos cidadãos teutos aqui residentes, pois estes deveriam se integrar à “comunidade” e seguir os destinos traçados pelo nazismo para a nação alemã, mantendo suas identidades nacionais intactas.

Trata-se de um discurso “nativo” em terras estrangeiras. É a nação que está em construção, que deve ser explicada e continuada mesmo que a distância. O recado enviado pelo chefe de Imprensa do NSDAP através de Ernest Muller no Diário de Notícias busca discernir a ideologia nazi como aquela que se contrapõe à igualdade entre os homens, mas que ainda assim devem conviver num espírito de comunidade nacional.

O trabalho enobrece

No elenco dos temas “informados” pelo Diário de Notícias, a questão do trabalho na Alemanha será outra pauta incessantemente debatida no jornal. A partir da ascensão de Adolf Hitler ao poder, uma perspectiva totalitária a cerca da organização do trabalho vai ser construída na “Nova Alemanha”. Visava esta fundar a idéia de uma comunidade de trabalhadores, onde estes se constituíriam em molas mestras da edificação de uma pátria na qual as contradições seriam anuladas pelo “voluntarismo coletivo”.

Nessa perspectiva, à semelhança do que se projetava no Brasil, onde o Estado totalitário em marcha anulava a pluralidade sindical, cooptando lideranças trabalhistas para integrá-las no futuro projeto do Estado Novo, na Alemanha nazista não será diferente. No país teuto, a relação com o trabalho “inserir-se na elaboração de um discurso capaz de propor ao trabalhador alemão uma nova visão de si próprio, integrante da Comunidade Alemã do Povo (*Volksgemeinschaft*)” (Agostino, 2002, in www.ifcs.ufrj.br/tempo/gilbertoagostinho4). O caráter autoritário da política nazista, no que tange à supressão da livre manifestação dos sindicatos e trabalhadores, dará lugar ao forjamento de uma “felicidade” coletiva, calcada no “bem estar” geral.

“O movimento nacional-socialista deve reconhecer a necessidade de uma atividade sindical própria” (Hitler, op., cit., p.373). A assertiva do Fuherer conduzia, segundo ele, à formação de um sindicato que não se colocasse como um organismo voltado à luta de classe, mas um órgão de representação profissional (Hitler, ibidem, p.373). Ao assumir o Ministério da Propaganda, uma das primeiras medidas de Goebbels foi inserir o Primeiro de Maio no calendário alemão onde inauguraria a “nova” relação entre o nacional-socialismo e o trabalho. Logo esta data seria transformada na Alemanha em Dia Nacional do Trabalho.

Nesse aspecto, a propaganda nazista se deparará com um dos temas mais críticos do Brasil nos anos 30. O ordenamento do trabalho alinhavava-se às diretrizes da fascistização do

país nesse período, enaltecendo-o como fator de virtude e não de transformação social. A organização sindical poderia ser contagiada por ideologias “alienígenas” e ser utilizada como instrumento de subversão da ordem vigente. Um novo ordenamento sindical, corporativista, se implantava no Brasil.

Não sem razão que o Estado Novo enviará emissários à Alemanha no sentido de registrar impressões sobre o ordenamento do mundo do trabalho naquele país. Um deles foi o deputado federal Daniel Carvalho, que estivera em Berlim, em 1938, cumprindo programa de estudos de Economia, Finanças e Legislação Social. De sua estada naquele país, Carvalho teceu o seguinte comentário:

A Alemanha estava em fase de grande progresso (...) o Terceiro Reich era uma oficina de trabalho na qual os alemães sob uma chefia inteligente e audaz demonstrava as qualidades tradicionais de a ferro à labuta, tenacidade e eficiência. (*in* Dutra, op., cit., p.229).

Indo ao encontro do imaginário construído no Estado brasileiro sobre o tema, tendo como referência a Alemanha nazista, chama-nos atenção a série de comentários publicada no Diário de Notícias sobre o mundo do trabalho na nação germânica. Artigos comentarão sobre diversos aspectos desse item, frisando sempre as novas condições de vida do operariado alemão após a tomada do poder pelos nazistas.

O Estado corporativo que lá se edificava será explicado pelo Diário de Notícias nas colunas destinadas especificamente aos comentários sobre a “Nova Alemanha”. Frisando: assim como os outros temas, todos os artigos referentes à questão do trabalho também serão acompanhados pela vinheta *Linha de colaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias da Bahia*. Um dos mais explicativos comentários foi publicado no ano de 1935 com o título *As novas organizações de trabalho na Alemanha*. Segue trechos:

Um dos mais interessantes problemas para o estudo do visitante estrangeiro na Nova Alemanha é a forma como foi regulada a relação entre empregadores e empregados. A Alemanha atual acaba de substituir quase todos os conceitos (...) fala-se do chefe de empresa e do seu séquito (...) O estado dirige (a relação)

elle não supporta opposição (...) A “Lei para a Ordem do Trabalho Nacional” de 20 de janeiro de 1934 deu então o princípio regulador, no qual deviam basear-se futuramente as relações de todos os colaboradores de uma empresa (...) Assim, no futuro não se reunirão os representantes dos empregadores e os secretários dos sindicatos, mas sim um círculo pequeno de empregadores e de membros do séquito (...) E isso, como muitas coisas da Nova Allemanha é uma instituição completamente nova (...) Se os chefes da Nova Allemanha conseguirem manter em permanencia essa mentalidade, devemos constatar que alcançaremos uma grande obra, em bem de seu país ficando aberto o problema se applicação de princípios iguaes é indicada em outros países, sob ciscumstancias diferentes. (Diário de Notícias, 19/08/35, edição nº 9466, p. 2).

A “receita” sindical alemã poderia ser applicada a outros países mesmo “sob ciscumstancias diferentes”. Na Alemanha, o Partido Nazista organizou um dos seus mais importantes instrumentos de cooptação de lideranças políticas operárias, a entidade *Vigor pela Alegria*. Essa organização será alvo de três artigos publicados no Diário de Notícias durante o ano de 1936, todos assinados pelo comentarista Ernest Muller.

No primeiro deles, de título *O tempo de folga do operário allemão*, Ernest Muller descreve as conquistas do operariado em seu país, onde essa classe, segundo ele, havia sido contemplada com o acesso a teatros, balneários, cinemas, viagens e vasta gama de serviços voltados ao entretenimento e lazer. De acordo com o comentarista, todas essas conquistas foram propiciadas pelo NSDAP. No comentário, Muller reproduz as palavras do ministro da Propaganda do IIIº Reich, Josef Goebbels, para quem,

(...) o operário allemão possui de facto, actualmente, seus theatros, suas orquestras, seus salões de festas, como também uma frota de vapores própria. Quer dizer, elle recebeu deveras aquilo que os outros, desde o anno de 1910, lhe prometteram mais nunca cumpriram (...) (Ernst Muller, Diário de Notícias, 23/06/36, edição nº 9640, p. 2).

Muller encerra seu texto com a promessa de que o Partido Nazista disponibilizaria seis vapores pertencentes à organização *Vigor pela Alegria* no sentido de propiciar, “aos alemães residentes no estrangeiro uma viagem à pátria”. Em outro momento, o comentarista escreve sobre balneários que o NSDAP estaria construindo para servir ao operariado alemão. Novamente a entidade citada vem à baila, pois a mesma estaria realizando um plano, “como em nenhum outro ponto do mundo, até hoje, foi concebido” (Ernst Muller, Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749, p. 2).

O congresso realizado pela *Vigor pela Alegria* em julho de 1936 também será destacado por Ernst Muller nas páginas do Diário de Notícias. No texto, o autor afirma que os próprios críticos do nazismo,

reconhecem que a organização nacional-socialista (...) conseguiu resultados apreciáveis nesse terreno (da organização sindical) já tendo induzido numerosos ‘leaders’ do movimento de recreio e descanso de outros países para viagens de recreio e estudos de instituições alemãs” (Ernst Muller, Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749, p. 2).

Note-se que a visão sobre a organização sindical da Alemanha passada ao leitor pelo Diário de Notícias resume-se na ação paternalista do NSDAP frente à questão operária. O entretenimento e o lazer se sobrepunham a quaisquer outras discussões que recaíssem sobre a realidade dessa classe. Nada diferente do que se processava no Brasil.

Nesse período, o Estado brasileiro já iniciara o controle da organização sindical. O decreto nº 19.770, editado em 1931, impactara nas organizações dos trabalhadores, minimizando suas atuações e força. Em 1934, o número de sindicatos (367) ainda era inferior do que antes da Revolução de 1930 (Sampaio, op., cit., p.48). Após o decreto nº 24.694, editado em 1934, proliferam-se sindicatos no Brasil.

Ao veicular informações sobre o mundo do trabalho na Alemanha durante os anos de 1935 e 1936, o Diário de Notícias, de alguma forma, endossava a política sindical getulista. Na Bahia, existiam 86 entidades de trabalhadores, todas atuando de acordo com o modelo corporativista já previsto na Constituição de 1934 (Sampaio, ibidem, p.49).

Vargas cimentava o endurecimento do seu regime mediante a utilização das instituições sindicais. Em abril de 1936 realiza-se o Iº Congresso da União Sindical dos Trabalhadores Baianos. O encontro foi aberto pelo próprio interventor Juracy Magalhães, constituindo-se, para Consuelo Novaes, num “processo de descaracterização das organizações operárias” (Sampaio, *ibidem*, p.49).

O presidente de honra do evento, o advogado trabalhista Agripino Nazaré, que havia participado das greves que sacudiram Salvador entre 1917 e 1919, foi uma das lideranças cooptadas pelo novo sindicalismo de Vargas. Agripino já se apresentava na condição de procurador do Ministério do Trabalho.

A Nova Alemanha

Os “colaboradores” alemães do Diário de Notícias buscarão neutralizar a campanha movida pela mídia internacional que alardeava os primeiros efeitos das leis de Nurembergue, postas em prática a partir de setembro de 1935. Essas leis, de caráter racista, definiam quem era judeu e quais as restrições impostas àquele povo na Alemanha. A nova legislação condenava os judeus alemães a se tornarem “socialmente mortos” (Goldhagen, 1997, p.152), conforme denunciava as imprensas norte-americanas e inglesa. O fato não passará incólume no Diário de Notícias. Diversos comentários serão publicados no jornal no sentido de contra-informar as notícias veiculadas na imprensa internacional a cerca da questão. No DN, um dos mais atuantes “colaboradores” que enfrentará essa batalha de letras será Hermann Dudenhoefler. E é ele quem assina artigo, publicado um mês antes da decretação dessas leis, com o título *Por que sempre contra a Alemanha?* Segue trechos:

Estamos no auge de uma campanha de difamação contra a Alemanha. Não passa dia em que não se leiam informações sobre pretensas “perseguições religiosas” ou “sofrimentos a que estão expostos os israelitas” e outras “barbaridades” mais (...) as coisas germânicas no mundo inteiro, são julgadas com medida diferente do que se emprega a respeito de ocorrências em outros lugares (...) a imprensa inglesa (...) especialmente o *Morning Post*, não quer compreender que os jornais alemães comparem os incidentes nas ruas de Berlim com os das ruas de Belfast, o nariz sangrando de um judeu com a morte de doze pessoas nas lutas religiosas na Irlanda

(...) parte da imprensa mundial acha absolutamente justo que o direito que se eleve um nariz esmurrado em Berlim á altura de acção do Estado enquanto os doze irlandeses mortos não merecem maior destaque (...) Quando na Rua das Chitas, em Bangú, Districto Federal, o brasileiro Manoel Rodrigues, de 22 anos de idade, é ferido por desconhecidos na côxa ao assistir o serviço religioso de uma seita protestante, essa notícia desaparece entre as menores da reportagem policial. Ninguém pensaria em fazer dela “uma luta religiosa” ou uma “perseguição” (...) Por que esse tratamento diferente das coisas alemães, tratamento esse que, aliás, não sempre redundava numa discriminação? (...) um nariz esmurrado no Kurfaerstencamm não teriam ingresso nas columnas da imprensa mundial, tomando o espaço, sempre tão ansioso, a que teriam direito dos negros linchados nos Estados Unidos, e o mundo não se preocuparia tanto com os valores culturais e espirituais da Alemanha! (...) o povo alemão não precisa nem deve enxergar uma razão para queixas. Bem entendido! (...) Deante desses fatos, levanta-se a pergunta: - Por que haurir as informações sobre a Alemanha sempre em fontes anti-germânicas? Rio de Janeiro, 07 de agosto de 1935 (Hermann Dudenhoefter, Diário de Notícias, 21/08/1935, edição nº 9468, p. 2).

Aqui o recado é dado em várias frentes. Interessante notar as relações estabelecidas pelo comentarista alemão no que diz respeito aos negros dos Estados Unidos, protestantes do Brasil e católicos da Irlanda. O ataque ao jornal londrino *Morning Post* ancora-se no argumento de que o destaque dado ao antisemitismo alemão por parte do mesmo soa como hipocrisia ante a indiferença do veículo quanto à sangrenta luta entre católicos e protestantes (pró Inglaterra) na Irlanda, onde a Coroa Britânica exercia domínio militar e político.

Em outra frente, Dudenhoefter denuncia o racismo norte-americano (*negros linchados nos Estados Unidos*), que, segundo ele, não ocuparia espaço nessa mesma mídia que denunciava o antisemitismo alemão.

O mais significativo dos recados é dirigido à situação interna do Brasil, onde as minorias alemãs eram majoritariamente protestantes. Dudenhoefter utiliza a imagem de um

suposto atentado a um certo “brasileiro Manoel Rodrigues, de 22 anos de idade”, que “é ferido por desconhecidos na côxa ao assistir o serviço religioso de uma seita protestante”. Segundo o comentarista, a “notícia desaparece entre as menores da reportagem policial”.

Os ideários da direita brasileira, sedimentados na hegemonia católica, e os da direita alemão, que têm suporte na religião luterana, não chegam a ser comparados no texto de forma clara. No entanto, o recado recai na notória discriminação que pesa sobre os seguidores do protestantismo no Brasil nesse período.

O pensador conservador católico Alceu Amoroso Lima, o Tristão de Athayde, ao condenar os “excessos” liberais da Constituição de 1934 alertava contra os “perigos do judaísmo, da maçonaria, do espiritismo, do comunismo e do protestantismo” (Carneiro, op., cit., p.111). Tal associação não deveria ser vista com bons olhos pelos alemães.

É assim que Hermann Dudenhoefter desvela sua crítica à pouca importância dada pela imprensa nacional ao suposto atentado no bairro de Bangú, no Rio de Janeiro, contra um seguidor brasileiro do protestantismo. Para o comentarista, o anti-semitismo, que ganhava status de lei em seu país, é minimizado como um fato “isolado”, trabalhado na imagem do “nariz sangrando do judeu em Berlim” e que não deveria ser alçado à questão de Estado.

Os argumentos do “colaborador” nazista do Diário de Notícias, ainda que não fugissem à verdade quanto à discriminação racial nos Estados Unidos e a opressão a que estavam submetidos aos católicos irlandeses do norte por parte da Inglaterra, apoiavam-se na dissimulação dos fatos que aconteciam internamente no seu país. O discurso da Alemanha grandiosa, que desenvolvia-se e projetava-se para o mundo, não coadunava com a incivilidade de perseguir quem quer que fosse. Se existiu problema com “algum” judeu em Berlim, como dito, este foi um fato menor. A divulgação de mentiras deliberadas e hipócritas constituía uma prática muito comum entre os nazistas (Elias, op., cit., p. 280-281).

Tais argumentos foram classificados por Jean Marie Domenach como a técnica de propaganda voltada ao despistamento. O autor comenta o estudioso alemão W. Hagemann, que examinou as cinquenta mil diretivas enviadas por Goebbels à imprensa mundial.

(...) Em regra, o silêncio é acompanhado de ofensivas de despistamento. (W. Hagemann) relata que, em 1935, ao tempo em que as perseguições anti-semitas escandalizavam a opinião

estrangeira, Goebbels desfecha na imprensa alemã uma campanha contra a perseguição a católicos pelos irlandeses britânicos (...) (Domenach, op., cit., p. 66).

Não é coincidência o que é afirmado por Hagemann, citado por Domenach, no que tange à publicação do Diário de Notícias. Fica claro que as “diretivas” do ministro da propaganda alemão eram reproduzidas pelo jornal baiano por intermédio do punho do “colaborador” Dudenhoeffer.

Nesse mesmo ano, Hermann Dudenhoeffer e Ernst Muller comentarão sobre a situação do catolicismo na Alemanha. Ao final da década de 20, o movimento pancristão, formado por membros de diversas seitas protestantes, ganha corpo na Europa. Este propunha criar uma federação que conglomeraria as correntes protestantes que buscavam unificar todas as linhas do cristianismo em igualdade de direitos, incluindo aí a Igreja Católica. Tratava-se de um ofensiva contra o poder do Vaticano (Gramsci, 1980, p.293).

Nessa mesma década, o Papa Pio XI encetou diversas gestões para que a Ação Católica ganhasse força na Alemanha, onde o domínio do protestantismo luterano era quase absoluto. A Igreja não ousava atacar essa hegemonia de forma contundente (Gramsci, ibidem, p.298). O pancristianismo, assim como outros movimentos, punham em alerta o Vaticano. A resposta contra esse processo de enfraquecimento da Igreja veio por intermédio das Concordatas, uma gestão diplomática do Vaticano na qual, conforme Gramsci, “o Estado consegue que a Igreja não dificulte o exercício do poder, mas favoreça-o e sustente-o, assim como uma muleta sustenta o inválido”(Gramsci, ibidem, p.304).

Na Alemanha, essa ação vai encontrar dificuldades em decorrência de tensões políticas entre o NSDAP e o Partido do Centro, católico, que tem sua atuação reduzida em função do domínio nazista.

Essa tensão na terra do Bispo Martinho Lutero ficou registrada no Diário de Notícias. Em agosto de 1935 Hermann Dudenhoeffer chamava à atenção dos leitores do jornal sobre a “*Origem e significação da chamada 'luta religiosa' na Alemanha*” (H. Dudenhoeffer, Diário de Notícias. 1935), título do seu artigo no qual o “colaborador” do jornal afirmava que no seu país,

O Estado nacional-socialista, que de todos os cidadãos allemães exige pesados sacrifícios a fim de se salvar a Nação da morte certa no abysmo da anarchia vermelha, absolutamente, não pode consentir em excepções e privilegios, capazes de ferir os interesses sagrados da Nação (...) Não ha, portanto, razão para que continuem a existir associações catholicas com objetivos políticos (...) na Alemanha (...) (Hermann Dudenhoefter, Diário de Notícias, 24/08/35, edição nº 9471, p. 2).

A disputa religiosa na Alemanha explicada por Dudenhoefter sob a perspectiva do Partido Nazista voltaria à baila no Diário de Notícias dois meses depois. Em artigo publicado em outubro de 1935, de título *Nacional-socialismo e catholicismo político*, Ernest Muller discorrerá sobre os entendimentos diplomáticos entre a Igreja e a Alemanha nazista, Segue trechos:

Em discursos ministeriais e artigos jornalísticos discute-se agora (...) a relação entre o Estado e a Igreja Catholica na Allemanha (...) verificaram-se nos últimos tempos certas tensões (...) Do lado do Estado salienta-se neste assumpto a nação do “catholicismo político” (...) o nacional-socialismo (...) deseja conceder a qualquer igreja cristã (...) absoluta liberdade de annunciação religiosa e parocha! (...) Entre o Terceiro Reich e a Igreja catholica effectivamente não está ainda tudo em ordem (...) contudo (...) ninguém na Allemanha deseja um combate cultural no sentido grave da palavra (...) Trata-se apenas de impôr e harmonizar na esphera ecclesiastica os novos e completamente modificados princípios de Estado, oriundos da revolução nacional-socialista na Allemanha (Ernest Muller, Diário de Notícias, 18/10/35, edição nº 9517, p. 2).

Tanto o título quanto o conteúdo do texto sugerem um tom explicativo a cerca da questão, tratada de forma mais amena do que no texto anterior, posto que este era um problema extremamente delicado para ser publicada num país preponderantemente católico. No entanto, ao que parece, os artigos de Muller e Dudenhoefter não externavam quaisquer

tipos de preocupação no que tange em afirmar a hegemonia das diretrizes do Partido Nazista no seu país perante a Igreja Católica.

Conforme Muller, o NSDAP buscava “impôr e harmonizar na esfera ecclesiastica os novos e completamente modificados princípios de Estado, oriundos da revolução nacional-socialista na Alemanha”. E é o que irá ocorrer na Alemanha a partir da gestão de Pio XII à frente dos destinos do Vaticano. O pontífice se mostrará simpático às políticas interna e externa do Terceiro Reich, a ponto de ter sido considerado o Papa de Hitler¹⁸.

O trabalho de relações públicas alemão, se não admitia a ocorrência de perseguição religiosa e política naquele país, não admitirá também a existência da supressão às liberdades de expressão e imprensa. O “colaborador” Ernest Muller se encarregou de forjar uma Alemanha onde nos primeiros anos do governo de Adolf Hitler esse país estará vivendo uma espécie de paraíso construído, onde os cidadãos têm todas as liberdades garantidas. A produção cultural na “Nova Alemanha” será impulsionada com o advento da “Revolução Nacional-Socialista”, que “liberaria” as forças intelectuais daquela nação.

Um dos primeiros comentários publicados no Diário de Notícias sobre essa questão se deu em setembro de 1935. *A liberdade de pensamento na nova Alemanha* foi o título do texto de Ernest Muller, que analisa o problema em seu país. Segue trechos:

Quem de fóra tentar formar um juízo sobre a nova Alemanha, depara sempre com as maiores dificuldades (...) A índole nacional e a cultura são para o liberalismo resultado da seleção individual (...) Na antítese a essa política liberal de cultura exprime-se a substancia da vida cultural nacional-socialista (...) Toda a jurisdição nova póde ser expressa pela concepção de índole nacional (...) Isso conduz a considerar-se o Estado como uma comunidade natural do povo colligado pelo sangue, pela língua, pelos costumes e pela convivência (...) O Estado julga a obra e a eficiencia cultural do indivíduo (...) Dentro dos moldes estabelecidos de acôrdo com a psychologia do povo, há liberdade

¹⁸ CORNWELL, John – O Papa de Hitler; A história secreta de Pio XII. Rio de Janeiro: Imago, 2000, pp. 407. O trabalho do historiador inglês relata a vida de Pio XII e as relações do Sumo Pontífice com a Itália fascista e a

ilimitada de pensamento e actividade cultural (...) Em nenhum outro país leem-se, percentualmente, tantos livros, frequentam-se tantos theatros e concertos como na nova Alemanha (Ernest Muller, Diário de Notícias, 24/09/35, edição nº 9490, p. 2).

Novamente o marco histórico fixa-se em antes e depois do regime liberal. A concepção do controle do Estado sobre a produção cultural na Alemanha, externada pelo Diário de Notícias, corrobora com as ferramentas intelectuais que construíam a variante fascista periférica que caracterizou o regime de Vargas. O comentário de Ernest Muller acerca do controle do Estado nazi na cultura alemã coaduna com a concepção de cultura proposta pelos setores intelectuais que deram sustentabilidade aos projetos de 1930 e 1937. O regime liberal era visto como desagregador e sem compromissos com uma verdadeira cultura nacional.

As constantes inserções dos “colaboradores” alemães no Diário de Notícias não se limitavam apenas à atuação da contra-informação em relação ao posicionamento da imprensa adversária. Os comentários e artigos também estavam vinculados às campanhas de mobilização do Partido Nazista, o que vai ao encontro ao que Luiz Edmundo Moraes identificou como divulgação da *Weltanschauung*, a visão de mundo nazista. (Moraes, op., cit., p.129).

Várias datas foram destacadas nas páginas do Diário de Notícias citando eventos patrocinados pelo NSDAP, a exemplo do Primeiro de Maio, que foi transformado na Alemanha em Dia Nacional do Trabalho, o aniversário e a renovação de voto de fidelidade ao Führer, o *Parteitag*, o dia do partido, a celebração da *Machtgreifung* (a conquista do poder pelos nazistas em 1933) e todas as atividades desenvolvidas na ocasião da *Winterhilfswerk* (trabalho de auxílio de inverno), que eram campanhas de arrecadação de fundos para o NSDAP. A divulgação desses acontecimentos fazia parte da estratégia de propaganda em terras estrangeiras, conforme afirmado pelos próprios militantes da agremiação na Bahia.

Em relação ao trabalho de auxílio de inverno, a campanha ocorrida em 1936 foi divulgada com destaque no Diário de Notícias, pois se anunciava *O resultado-record da Obra de Assistência Invernal Allemã* (Diário de Notícias: 1936). A matéria, sem assinatura, acompanhada apenas pela vinheta *Linha de colaboração directa para o Diário de Notícias*

Alemanha nazista. De acordo com Cornwell, o papa era anti-semita e anti-comunista e se refutou a auxiliar

da Bahia, jubilava-se do incremento da campanha de 1935/36 em relação à realizada no período anterior. Nesta última, o NSDAP teria arrecadado 370 milhões de marcos contra os 364 milhões arrecadados no inverno de 1934/35. O texto comentou a satisfação de Adolf Hitler com a *Winterhilfswerk* desse ano, destacando sua fala no tocante à questão do senso de comunidade germânico. Segue trecho:

(...) queremos mostrar ao mundo inteiro e ao nosso povo que nós, alemães, não consideramos a palavra “comunidade” uma frase vulgar, mas que esta palavra para nós contém uma obrigação íntima. Eis a nossa guerra (...) (Diário de Notícias, 22/07/36, edição nº 9739, p. 2).

Um fato curioso, do ponto de vista jornalístico, foi a dupla publicação dessa matéria sem que a mesma fosse submetida a algum tipo de edição ou mesmo comentário pela sua segunda divulgação, que ocorreu dois meses depois, em 18/09/1936. Uma prática de reificação da informação, como se a mesma não apenas cumprisse o papel do ineditismo jornalístico, mas também o de consolidar uma informação, fixá-la.

Em 1936 o Diário de Notícias inaugura um novo espaço em suas páginas, denominado *Dos sectores alemães*. Essa coluna, além de noticiar toda a movimentação envolvendo os preparativos e a realização das Olimpíadas de Berlim, informava também a respeito de aspectos internos do país, particularmente aqueles voltados à pesquisa e desenvolvimento tecnológico em diversas áreas do conhecimento. As matérias eram enviadas de Berlim *por via aérea*, assim destacado.

A coluna deixa de ser publicada em 1937, quando outro espaço do jornal é destinado às informações germânicas, as *Cartas alemãs*. A respeito dessa seção, convém lembrar que a mesma é simultaneamente publicada no jornal pernambucano Folha da Manhã, que, como já dito, também destilava ampla simpatia à causa do Terceiro Reich (Almeida, op., cit., p. 224). Os textos dessa coluna eram enviados por um certo *Serviço Especial da R-D-V para o Diário de Notícias*.

Interessante notar os conteúdos dessas cartas, geralmente escritas como se endereçadas a um parente ou amigo no Brasil. Os textos falavam das cidades alemãs e o cotidiano do seu

povo, contando em detalhes reuniões de famílias que ouviam rádio reunidas, de viagens pitorescas pelos diversos locais daquele país, com dicas de hospedagem, visitas e atrações diurnas e noturnas. As cartas buscavam enaltecer o estilo de vida alemão e, em muitas delas, ficava patente o convite à visita, ao reencontro com a pátria-mãe. Funcionavam como uma espécie de *folder* turístico sem imagem gráfica, apenas as construídas pelos textos dos apócrifos emissores.

Registram-se em vários desses documentos o apelo à unidade da família germânica, que se esmerava em contribuir com o governo do seu país nas campanhas da *Obra Assistencial de Inverno*. Um desses momentos é passado ao leitor pelo emissor anônimo da carta, que narra a seguinte situação durante um programa de rádio em Berlim.

(...) Os nomes dos offerntantes são sempre citados com a importância global de todos elles antes de principiar a desejada peça de música (...) Eis, pois, como uma simples e pacata festa de família (...) contribuiu sem que ninguém o pensasse, para uma das mais interessantes obras de solidariedade social!(Cartas alemãs, Diário de Notícias, 11/02/37, edição nº 9903, p. 2).

As cartas alemãs foram freqüentes durante o ano de 1937. Reforçando o que havíamos sustentado na primeira parte desse capítulo, acreditamos que tais mensagens não tinham como objetivo atingir a maior parte dos leitores do Diário de Notícias. Não haveria porque¹⁹.

Nos textos, fica clara a idéia do *Volk* (povo) neles associados, um aspecto marcante do nacionalismo alemão que fora instrumentalizado pelo NSDAP. O conceito de uma cultura (*Kultur e Zivilisation*) original, única, estava reunida, no entender de Norbert Elias, no “nós imagem” que essas cartas procuravam espelhar, estabelecendo um fio condutor de comprometimento e proximidade entre os acontecimentos da Alemanha e os cidadãos teutos que se encontravam distantes da terra natal.

Se a Alemanha era passada à comunidade internacional como o país do progresso, da paz, da harmonia social e do desenvolvimento, de acordo com a propaganda nazista esta nação não poderia ter sido co-responsável por um dos mais insanos atentados aos direitos humanos ocorrido durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939). Às 16:40h do dia 26 de

abril de 1937, os bombardeiros alemães *Heinkel* e *Junker*, da *Legião Condor*, foram testados durante três horas na destruição da cidade basca de Guernica, no norte da Espanha. Cerca de 2500 pessoas morreram. Foi o primeiro ataque aéreo da história desfechado a uma localidade desmilitarizada. As armas nazistas atuaram para socorrer as falanges do ditador golpista fascista Francisco Franco (1892-1975).

A reação da imprensa internacional ao ataque foi enérgica. A resposta da “colaboração” alemã nas páginas do Diário de Notícias se deu com a nota - sem assinatura e apenas destacando a vinheta já citada - de título *A propaganda anti-germanica*. O texto procurava estabelecer um contraponto às “acusações infundadas” dos opositores do IIIº Reich. Segundo o Diário de Notícias:

As afirmações, diariamente repetidas, de pretensas “barbaridades” alemãs, no teatro da guerra civil espanhola, estão causando, na Alemanha uma indignação cada vez mais intensa. A informação, absolutamente, infundada de que aviadores alemães teriam destruído a cidade basca de Guernica, matando mulheres e crianças, pelo fogo de suas metralhadoras, seguiu, logo, a igualmente tola informação do desembarque de 13.500 alemães na costa basca, destinados a socorrer o general Franco (...) A Alemanha estranha (...) que uma fonte de carácter oficial inglesa possa propagar informações, que caso fossem verdadeiras, constituiriam uma acusação muito séria contra a Alemanha (...) por seu visível carácter mentiroso (...) Após a tomada de Guernica pelas tropas do General Franco, inúmeros jornalistas de todos os países verificaram que a cidade não tinha sido destruída por bombas, mas sim incendiada pelos vermelhos, em retirada (...) (Diário de Notícias, 31/05/37, edição nº 9993, p. 2).

A mentira e a calúnia, como já frisado, compunham duas marcantes características da comunicação nazista. O texto exposto reflete a tentativa de negar um fato concreto, que se utiliza de dados verdadeiros (aviadores alemães teriam destruído a cidade basca de Guernica, matando mulheres e crianças; desembarque de 13.500 alemães na costa basca, destinados a

¹⁹ Discutiremos essa questão na conclusão do trabalho.

socorrer o general Franco). Essa forma de convencimento por parte dos regimes fascistas corrobora com o que Hanna Arendt (1989) afirma como uma “propaganda totalitária (que) prospera nesse clima de fuga da realidade para a ficção” (Arendt, *ibidem*, p.401). A negação do ocorrido se dá com a reificação do mesmo, só que negando-o, banalizando-o, desconstruindo.

Aspectos relativos à mulher e à juventude alemãs também serão exaustivamente debatidos nas páginas do Diário de Notícias. No primeiro caso, as notícias, textos, artigos e comentários repousam na preocupação que passava pela restauração da sociedade alemã, na qual era destacado o papel feminino. Para o ideário nazista, a pureza racial vinculava-se à “regulamentação” do papel da mulher na nova sociedade que os nazi almejavam construir. Se fazia necessário um ordenamento da vida conjugal, que se desgarrasse do “antigo” conceito de união da era liberal. A maternidade, para Hitler, dirá muito mais respeito à nação do que ao casal. Este tinha que gerar filhos para a pátria e esta era uma condição para preparar a Alemanha às suas futuras ações beligerantes.

Tal raciocínio balizava-se nas supostas leis da natureza “que buscavam impedir a reprodução de elementos que progressivamente degenerassem as qualidades da raça ariana” (Moraes, *op.*, cit., p.50). Em 14 de julho de 1933 o governo alemão promulgou a Lei de Prevenção de Doenças Hereditárias, que obrigava a esterilização de qualquer pessoa que não se enquadrasse nos padrões raciais, “saudáveis”, presumivelmente satisfatórios à multiplicação da raça ariana. Medidas como a legalização do aborto, que garantiria a “qualidade futura do feto” e a instituição do divórcio eram vistas pelos nazi como necessárias à preservação do seu conceito de raça.

Criava-se assim uma “malha de proteção” social para a mulher, elemento decisivo para os planos do Terceiro Reich. Matéria publicada com título *A posição da mulher no Terceiro Reich*, resume essa preocupação utilizando como gancho para o tema uma exposição de pinturas realizada em Berlim sobre a vida de famílias camponesas na Alemanha. De acordo com a matéria:

Affirmam os adversários do Terceiro Reich que os seus dirigentes nutriam a intenção de reduzir a mulher a inferioridade, restringindo as actividades femininas ao lar (...) Seis grandes quadros artísticos symbolizavam a importância que o nacional-

socialismo attribue ao papel biológico e cultural da mulher (...) É óbvio dizer que todas as figuras representavam o typo racial idealizado pelo nacional-socialismo – altas, delgadas e fortes, mas não todas com olhos azuis e cabelos loiros. A realidade, naturalmente, apenas aproxima-se desse ideal (...) Toda essa secção mostra uma mudança para o lado positivo da idéa racial, ficando apenas esboçada a defesa racial contra elementos estranhos, principalmente judeus, para ceder lugar a uma exposição de valor qualitativo pela escolha matrimonial e do augmento quantitativo dos nascimentos dentro da própria raça (...) (Diário de Notícias, 15/03/37, edição nº 9930, p 2).

Num momento anterior, o jornal expôs, de forma ousada, a instituição do divórcio na Alemanha, um tema que fugia ao senso comum do Brasil à época. Artigo assinado por Ernest Muller, publicado em 1936 com título *Novo direito allemão de divorcio*, explica a relação existente entre esse instrumento jurídico e a política racial do Reich. De acordo com Muller, “(não) possui a comunidade nacional nenhum interesse de manutenção de matrimonios que constituem até um perigo para a perpetuidade biologica e cultural do povo “ (Diário de Notícias, 15/05/36, edição nº 9683, p. 2). O divórcio é visto como um instrumento que poderia ser acionado para eliminar relações indesejáveis na nova sociedade (interraciais), preservando a pureza racial do povo.

Assim como a mulher, um outro alicerce de sustentação do ideário nazista será exaustivamente propagandeado no Diário de Notícias: a Juventude Hitlerista. Para o jornal, a mocidade alemã torna-se um exemplo de comportamento cívico. O Diário de Notícias veiculará notícias sobre a movimentação dessa organização, cujas matérias terão sempre títulos apologéticos, buscando entusiasmar o leitor. Um desses momentos, muito curioso, ocorreu em outubro de 1936, quando um militante da organização envia, pela matéria, saudações a parentes que residiam na Bahia. *A Juventude Hitlerista visita, oficialmente, a Italia; E offerece espectáculo pelo seu garbo e por sua disciplina!; Saudações a um parente na Bahia.*

O título e os subtítulos do texto não escondem seu entusiasmo, potencializado pela saudação do militante nazi a um parente “baiano”. Interessante notar que esta matéria foi enviada por um correspondente do Diário de Notícias em Florença, que não assina o texto.

Segundo este, ao final da cerimônia (a marcha da Juventude Hitlerista em Florença) foi pedido aos militantes da organização que se identificassem aqueles que tinham parentes no Brasil,

E um destes, com agradável surpresa nossa, declarou chamar-se Gustavo Schneider e ter, na Bahia, um tio, o sr. Hugo Flatten, director do Club Alemão nesse Estado. Promettemo-lhe mandar, para este, as suas saudações, por intermédio do Diário de Notícias (...) (Diário de Notícias, 16/10/36, edição nº 9810, p. 2).

O “correspondente” supostamente alemão do Diário de Notícias, que cobria na Itália uma parada da Juventude Hitlerista, possivelmente articulava a saudação do militante à comunidade alemã no Estado. Isso está claro. O mais interessante no entanto é a confirmação da ligação do aparato de mídia do NSDAP com o jornal baiano, sugerindo aí algum tipo de interveniência do Clube Alemão da Bahia, o mesmo citado na primeira parte deste capítulo como o principal centro de movimentação do NSDAP no Estado.

Ao longo dos anos de 1936 e 1937 as informações sobre a movimentação da Juventude Hitlerista foram freqüentes no Diário de Notícias. Estas eram, na maioria das vezes, publicadas na coluna *Dos sectores allemães*, que trazia notícias enviadas, via aérea, das agências alemãs, particularmente a Transocean.

Uma economia pujante

Um outro tema que manteve presença constante no Diário de Notícias versou sobre a economia alemã. Buscaremos retomar algumas considerações feitas na primeira parte desse capítulo no tocante as relações comerciais entre os dois países. Em 1934 a Alemanha buscava ultrapassar a posição ocupada pelos Estados Unidos no que diz respeito às vendas para o Brasil (Corsi, op., cit., p. 60). O mercado alemão ocupava o terceiro lugar quanto à importação de produtos brasileiros, contribuindo com 14% do total exportado pelo Brasil. No que tange aos produtos alemães exportados para o mercado local, o IIIº Reich colocava-se na segunda posição, contribuindo com 13% do total. Perdia apenas para os Estados Unidos. Em 1938 o mercado germano passou à frente, colocando-se como o maior fornecedor de produtos para o Brasil, contribuindo com 25% do total vendido. Analisando o caso isolado do algodão,

a partir de 1934 esse produto sofre significativo incremento de exportação para a Alemanha, “ferindo interesses dos Estados Unidos” (Corsi, *ibidem*, p.60).

Tendo a Alemanha como país parceiro, o Governo Vargas buscava alternativas para escoar produtos agrícolas no mercado externo, minorando assim a crise que abatia este setor no início da década de 30. O governo alemão, por sua vez, via nessa aproximação a perspectiva de estabelecer uma política de compensação. A importação de matérias primas do Brasil, essenciais no período, acenava como uma saída por parte da Alemanha ante a dificuldade de adquirir esses produtos em outros mercados.

O governo Franklin Delano Roosevelt pressionou o Brasil no sentido de reduzir o comércio bilateral com a Alemanha. No caso do algodão, a exportação do produto para este país significava prejuízos para plantadores e exportadores norte-americanos da fibra. O governo dos Estados Unidos argumentava também que o comércio entre brasileiros e alemães era lastreado em subsídios por parte dos segundos, o que indicava uma prática de *dupping* dos importadores germânicos (Corsi, *ibidem*, p. 61).

Em 1935 inicia-se no Diário de Notícias um caudaloso debate sobre esse problema. Um dos primeiros posicionamentos do jornal foi o artigo *O plano de exportação alemão e seus críticos*, cuja assinatura limitava-se às letras S.E. O texto continha a mesma vinheta de observação da origem da fonte informativa: *Linha de colaboração, exclusiva, para o Diário de Notícias da Bahia*. De acordo com o jornal,

(...) absolutamente não se póde falar dum dumping, pois a importancia, de dinheiro, posta á disposição pelo plano de exportação, não chega de forma alguma para isso e porque a Allemanha mesma tem o maior interesse em uma livre política de preços (...) (Diário de Notícias, 23/08/35, edição nº 9470, p. 2)

A partir desse artigo outros se sucederão no sentido de cristalizar o ponto de vista alemão na disputa por mercados com os Estados Unidos, Inglaterra e França assim como as pretensões germânicas em relação ao mercado brasileiro. Para o “colaborador” Ernest Muller, autor do comentário *Intensificação artificial da vida economica na Allemanha?*, no seu país estava se produzindo uma experiência inteiramente nova em termos de política econômica mundial, “que não poderá mais ser concebida para com as nações tradicionaes” (Ernst Muller,

Diário de Notícias, 17/09/35, edição nº 9490, p.2). A justificativa em relação às práticas ensejadas pelo comércio exterior alemão era um recado direto às pretensões norte-americanas, uma “tradicional” nação com a qual o Brasil havia se tornado parceiro numa relação de grande desvantagem.

Os subsídios dispensados aos produtores locais de fumo por parte de empresários germânicos que dominavam, à época, o setor no Estado (Ramos, op., cit., p.36) será outro tema constante. O Diário de Notícias explicará esse quadro trazendo comentários enviados pela *Linha de colaboração directa* quanto à situação do mercado de fumo na Alemanha. A preocupação em explicitar esse panorama era lugar comum no jornal. Comentário publicado em outubro de 1935, de título *A situação actual da industria de fumo na Allemanha*, traça a situação do consumo do produto no país teuto, onde,

(...) o número de charutos fabricados aumentou de 20% , isto é, de 6,6 bilhões (de unidades) em 1933 a 7,8 bilhões no ano passado (...) O problema do abastecimento da industria de fumos allemã com materias primas não offerece grandes dificuldades. . Cerca de 80% da matéria prima devem ser importados do estrangeiro, mas excepto a importação dos Estados Unidos, toda essa importação realiza-se pelo systema de compensação (...)
(Diário de Notícias, 11/10/35, edição nº 9511, p. 2)

A nota evidencia as relações econômicas dos alemães na Bahia, que se daria pelo “systema de compensação”. Por outro lado, a disputa pelo mercado brasileiro por parte dos alemães também estará presente na *Linha de colaboração directa*. A intenção era frisar a superioridade dos produtos germânicos no que tange à já citada concorrência com mercadorias produzidas nos Estados Unidos e Inglaterra. Segundo Ernst Muller, “A qualidade das mercadorias allemãs de exportação” (Diário de Notícias, 27/12/35, edição nº 9751, p.2), superava, segundo ele, as que eram produzidas nos Estados Unidos, França e Inglaterra, pois “o carimbo *made in Germany*”, indicava preços mais competitivos que decorriam de uma política econômica voltada à satisfação dos consumidores e não exclusivamente ao lucro, conforme o raciocínio do comentarista.

Outras matérias enviadas de Berlim comentavam, por exemplo, sobre “*apparelhos de radio que satisfazem os mais requintados desejos*” (Diário de Notícias, 05/10/36, edição nº

9801, p. 8). O Diário de Notícias informava sobre a visita de um certo Richard Metzner, “chefe de vendas no Brasil da conceituada Companhia Brasileira de Eletricidade Siemens Shcukert S/A”. Essa “reportagem” se encarregou de vender, “os novos aparelhos Telefunken” (Diário de Notícias, ibidem, p.08). Além de se apresentar como veículo de divulgação da propaganda nazi, o jornal também se transformara num espaço de publicidade dos produtos alemães, veiculadas não apenas em linguagem publicitária, mas também jornalística.

Quanto à comunicação com os patrícios residentes na Bahia, o conde Sohwerin von Krosigk se encarregará de explicar a esses cidadãos nas páginas do Diário de Notícias como se operava a política financeira do seu país. Segundo o conde, as práticas econômicas levadas a cabo pelo NSDAP tinham produzido uma “maravilha alemã”, onde “o povo alemão reconhecendo que o caminho era certo e seguro abandonou o desespero e a resignação e de novo (retomou) a confiança” (Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563 p. 2). Sohwerin escrevia também que uma das facetas dessa política sustentava-se no grande volume de encomendas efetuado pelo Governo alemão às empresas do seu país, o que tinha dinamizado a economia local.

As medidas adoptadas por Adolf Hitler, que assumiu a chefia do povo alemão no momento mais agudo (...) foram applicadas no momento opportuno (...) O governo nacional-socialista já provou ter encontrado o caminho certo (Diário de Notícias, 18/12/35, edição. nº 9564, p. 2).

A barreira anti-bolchevique e anti-semita

Paralelo à campanha de divulgação dos seus produtos e da pujança da sua economia no mercado internacional, a Alemanha nazista se desdobrará em outra frente de propaganda, colocando-se como o país-barreira “ante a ameaça bolchevique-judaica internacional”. Esta será mais uma faceta da ação de mídia do Terceiro Reich que se apresentará nas páginas do Diário de Notícias. Conforme comentado no primeiro capítulo, a luta anticomunista perpetrada pela Alemanha nazista na década de 30 corroborará com o imaginário construído no Brasil nessa década. O comunismo será alçado à condição de ideologia demonizada, em permanente associação com o “judaísmo internacional” e o “liberalismo burguês”.

Esse arcabouço discursivo fora projetado pelo próprio Adolf Hitler quando este se encontrava preso em Landsberg no ano de 1924. De acordo com o Führer, “o marxismo marchará com a democracia até que consiga, por via indireta, os seus criminosos fins (...)” (Hitler, op., cit., p.237).

Aproveitando o Estado de Guerra decretado pelo presidente Vargas no sentido de coibir a ação dos comunistas brasileiros – a Intentona de 1935 –, o Diário de Notícias desencadeará a propaganda anti-soviética seguindo o receituário do discurso nazista.

Interessante notar que esta campanha ocupou as páginas do Diário de Notícias entre os anos 1935 e 1938, arrefecendo em 1939 e voltando a carga a partir de 1940. Esses marcos demonstram a sintonia dessa campanha não com a perpetrada pelo Governo de Vargas, antes ou depois de decretado o Estado Novo, mas com a encetada a partir do Ministério da Propaganda da Alemanha. O arrefecimento em 1939 se dará em função do pacto político firmado entre Hitler e Stalin²⁰.

A perspectiva de unir todos os estados nacionais “fortes” contra o bolchevismo estará presente nos discursos dos “colaboradores” alemães do Diário de Notícias. Chamando atenção da *Propaganda Comunista*, Hermann Dudenhoefler coloca o Estado nacional-socialista como vanguarda desse processo. Segundo o colaborador, apenas nos países que acataram as vozes de Berlim foi onde se conseguiu debelar a influência moscovita. Nesses países,

(...) se ouviram vozes proféticas como a do Dr. Goebbels, prevendo maiores desgraças iminentes (...) por isso ella, agora, por preservar outros povos de igual destino, chammando incessantemente, a atenção mundial sobre os perigos do bolchevismo, e é compreensível que a imprensa germanica, segundo informam as agencias telegraficas, se regosije e felicite o presidente Getúlio Vargas pela enérgica repressão da revolta comunista e como um dos poucos estadistas que compreenderam a extensão da desgraça que cairia sobre o povo brasileiro com a victoria bolchevista (...) (Hermann Dudenhoefler, Diário de Notícias, 07/12/35, edição nº 9555, p. 2).

²⁰ Desdobraremos esse problema no próximo capítulo.

As vozes “proféticas” do Dr. Goebbles, ouvidas e “acatadas” pelo Estado brasileiro, marcarão presença no Diário de Notícias a partir da publicação desse comentário de Dudenhoeffer. Material enviado diretamente pelo Ministério da Propaganda alemão buscará explicar aos leitores como se articulava a Internacional Comunista segundo a ótica do Terceiro Reich. Os textos demonstravam, quase sempre, preocupação com a movimentação dos militantes comunistas no Brasil, como se a Alemanha estivesse desvelando atenção em relação ao problema.

E essa preocupação não se limitava apenas a uma observação política estratégica com o que se passava internamente no Brasil. É conhecida a participação de agentes da polícia secreta do Reich, a Gestapo, na ação investigativa e de combate à atuação de militantes comunistas germânicos que aqui se encontravam a mando do Komintern para realizar a revolução brasileira. Um deles, Arthur Ernst Ewert, conhecido como Harry Berger, preso pela DOPS no Rio de Janeiro após apurada sua participação na Intentona de 1935, foi intensamente torturado por homens da Gestapo em solo brasileiro (Moraes, op., cit., p.112).

Três reportagens enviadas diretamente de Berlim e produzidas pelo ministro Goebbles, de título *O comunismo e a sua obra mundial; Milhões de criaturas sacrificadas, pela fome, pelo fogo, pela corda e pelo ferro; Um relatório sinistro baseado nas próprias declarações dos soviets*, são veiculadas nos dias 16, 17 e 18 de dezembro de 1935. A série é publicada logo após o levante da Intentona:

(...) o bolchevismo procura conscientemente revolucionar todos os povos (...) o brutal e impiedoso domínio desta desvairada organização partidária e do Estado, por uma pequena minoria terrorista constituída na sua maior parte por elementos judeus (...) Depurado e unificada pelo Nacional Socialismo, a Alemanha sabe bem, ao conduzir, á frente de todos os grupos com a mesma tendencia esta luta contra a bolchevização internacional do mundo, que a missão que tem a cumprir é uma missão mundial, a qual ultrapassa seus objetivos nacionaes e de cujo exito depende o destino de todos os povos civilizados (...) (Diário de Notícias, 16/12/35, edição nº 9562, capa).

No jornal de Altamirando Requião, Goebbels destilará seu ódio contra os judeus que, segundo ele, estariam atuando por detrás da movimentação comunista internacional. Os discursos anti-semitas publicados no Diário de Notícias não se restringirão àqueles produzidos pelos intelectuais da direita brasileira. O material enviado pelo Ministério da Propaganda da Alemanha é que dará o tom editorial.

O combate à chave discursiva judaísmo-comunismo-liberalismo, levada a cabo pelo NSDAP, encontrava ressonância em diversos setores da sociedade brasileira, inclusive, como já citado, pelo próprio Altamirando Requião. Esta associação remetia aos significados: anti-cristão, anti-estado e anti-tradição, respectivamente.

A resposta a esta oposição de tríades recai na justificação histórica da atuação do judeu como elemento “desagregador” dos valores cristãos-ocidentais, desde que se cristalizou na história do cristianismo o imaginário do assassinato de Cristo por parte do povo israelita (Gholdagen, op., cit., p.62). Esta assertiva será potencializada no século XX e capitalizada pelo discurso nazifascista no mundo por outro tipo de argumento: a associação exaustiva da imagem do judeu com a agitação política dos movimentos de esquerda na Europa.

O advento da Revolução Russa, a primeira experiência socialista da História, contou com decisiva participação de militantes judeus, que há anos vinham sofrendo perseguições naquele país (os *pogrons*). A revolução social seria uma espécie de válvula de escape ante a situação histórica de constrangimentos. A primeira expressão organizada do Partido Bolchevique, liderado por Lenin, tratava-se de um partido judeu, a União dos Operários Judeus da Lituânia, Polônia e Rússia, o *Bund*. Até 1905, o *Bund* se constituiu na maior organização operária da Rússia (Clemesha, 1998, p.131).

Na opinião de Lowy (1989), o quadro acima enquadra-se na categoria interpretativa que ele denomina como Messianismo Judaico (Lowy, 1989, p. 23). Segundo o autor, no judaísmo antigo o mundo era percebido não como eterno ou imutável, mas como um produto histórico passível de ser transformado por uma ordem Divina. Essa construção, na sua concepção, agiria como uma espécie de combustível inconsciente que catapultaria muitos judeus para aventuras revolucionárias. Diz ele:

Para a tradição judaica (sobretudo bíblica), a mudança trazida pelo *Et Ketz*, o tempo do fim, é geral, universal e

radical. Não significa um aperfeiçoamento do mundo tal como existia até então, mas a criação de um mundo inteiramente outro (Lowy, *ibidem*, p.23).

Também no Brasil, associação da imagem do judeu como um elemento predisposto a transformar estruturas e subverter valores cristalizar-se-á de forma veemente no seio do Estado Novo e nos meios intelectuais que darão sustentação ao seu projeto político-ideológico e pedagógico.

Pode-se afirmar que o anti-semitismo praticado pelo Diário de Notícias, mediante a colaboração alemã, era estritamente político. O preconceito no Brasil não era necessariamente étnico, ainda que o judeu como raça fosse visto estereotipadamente por diversos veículos de imprensa da época (Carneiro, *op.*, cit., p. 442).

No Brasil, o então proscrito Partido Comunista contava com diversos militantes de origem judaica no comando da agremiação. De cidadania brasileira ou enviados do exterior pelo Komintern para preparar a revolução nacional, os comunistas judeus se constituíram como grupo de destaque no PCB.

Entre os estrangeiros, destacavam-se os judeus-alemães Harry Berger e Olga Benário, esta última enviada pelo Komintern para atuar como guarda-costas do líder comunista Luis Carlos Prestes, e Moisés Vinhas, o “Xangô”, como foi apelidado pelos estivadores da Cidade do Salvador o judeu romeno, de cabelos avermelhados, que imigrara para a Bahia na década de 30 (Risério, 2002, p.106). Brasileiros, militavam os irmãos Jacob e José Gorender e Leôncio Basbaum, entre outros. Como simpatizante do partido, destacava-se o pintor Lasar Segall, que foi implacavelmente perseguido pelo Integralismo (Carneiro, *op.*, cit., p.429).

O antisemitismo político desvelado nas páginas do Diário de Notícias encetará um discurso no qual o judeu-bolchevique estará à “espreita”, articulando em diversos campos – política, arte, imprensa, comércio etc... – no sentido de desestabilizar as ordens políticas nacional e internacional. A já citada obra apócrifa *Os Protocolos dos Sábios de Sião* é um emblema desse imaginário.

Nesse diapasão é que o Ministério da Propaganda alemão condenará o *Bolchevismo cultural, em Hollywood* (Diário de Notícias, 02/02/37, edição nº 9897, p.3), a indústria cinematográfica norte-americana que Goebbels identificava como um centro de controle da

“judiaria internacional”. Na edição citada, a exibição do filme *Próximo do céu* é tenazmente condenada pelo fato de apresentar um ator negro interpretando o personagem Jesus Cristo: “(...)Nosso Senhor, é um negro, que tem, para os problemas do mundo, sómente um riso jovial (...)” (Diário de Notícias, op., cit., p.03).

Na compreensão do Diário de Notícias, bolchevismo e judaísmo seriam uma só ideologia, porque o

communismo é o filho espiritual do judeu Mordochai mais conhecido sob o seu nome adquirido de Karl Marx. O objectivo e a intenção do communismo judaico são. Erigir uma hegemonia judaica universal, em cujo imperio o não judeu seria comndenado ao helotismo e á escravidão (Diário de Notícias, 09/07/36, edição nº 9728, p. 3).

A campanha veiculada nas páginas do Diário de Notícias utilizará, novamente, alguns termos que estabelecem a relação entre o bem e o mal. Imagens como a da figura mitológica da hidra, eliminada por Hércules, surge representando a extensão do mal. A civilização cristã deveria se unir “Contra a hidra vermelha!” (Diário de Notícias, 06/02/36, edição nº 9602, capa), pois, caso contrário, seria ameaçada de aniquilamento, conforme o discurso do artigo. No Diário de Notícias os líderes da Alemanha passarão a figurar como “anjos da guarda” da humanidade contra esta ameaça.

A Russia está sendo a alma damnada da situação européa; Hitler e Goering falam ao povo alemão, arrancando applausos delirantes e entusiasticos, diziam o título e o subtítulo de matéria publicada, em destaque, na capa do jornal em março de 1936. Acompanhando o título, o texto que dá continuidade ao enunciado, emoldurado no que a linguagem jornalística denomina de box, apresenta-se como editorial do jornal, ainda que o veículo destaque sua origem, a cidade alemã de Karlsruhe. Segue trechos do editorial *Hitler fala ao seu povo*:

O chanceler Adolf Hitler discursou, perante uma assistência calculada em 60.000 pessoas (...) A oração de Hitler, vibrante e entusiastica, representa seu espírito pacifista (...) A Alemanha já sentiu a ação do communismo, pelos seus efeitos desagregadores (...) que não deseja vêr o seu povo sem defesa perante o

communismo (...) porque o Nacional-Socialismo fez da Alemanha um País livre e feliz (...) (Diário de Notícias, 14/03/36, edição n.º 9633, capa).

O golpe do Estado Novo será alvo de diversas manifestações de solidariedade por parte do ministro Goebbles no Diário de Notícias. O combate ao comunismo e de resto à liberdade de expressão no país, desencadeado com veemência pelos órgãos de segurança do Estado brasileiro, encontrará respaldo na campanha desencadeada pelo NSDAP no jornal. Um desses momentos ocorre em maio de 1938: *O Ministro da Propaganda do Reich e o combate ao comunismo, no Brasil; Applausos à benemerita campanha do nosso governo*. Com origem de fonte em Berlim, a matéria versava sobre a opinião do ministro Goebbles sobre os acontecimentos no Brasil. Segue trechos:

Em diversas oportunidades tem manifestado sua profunda sympathia pelo Brazil e os brasileiros o dr. Goebbles, Ministro da Propaganda Reich (...) o dr. Goebbles teve palavras de irrestricto applauso às atitudes do presidente Getúlio Vargas, em sua benemerita campanha de combate ao communismo (...) o Ministro da Propaganda accentuou, tambem, a sympathya com que os nacionaes-socialistas allemães acompanham as transformações políticas recentemente registradas no Brazil (...) (Diário de Notícias, 05/01/38, edição n.º 10.165, p. 3).

Importante lembrar que nesse período as relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha se encontravam em crise em decorrência da atuação do NSDAP em solo brasileiro, denunciado por diversas autoridades. No entanto, a matéria enviada pelo ministro Goebbles, como visto, procurava se desvencilhar desse problema.

O grande líder

O destaque dado à figura de Adolf Hitler no Diário de Notícias, fosse na condição de líder maior do povo alemão ou encarnado na figura de “anjo da guarda” mundial contra o avanço do bolchevismo e da “judiaria” internacionais, transcenderá o status de fonte importante, posto que este se tratava do chanceler da Alemanha. A pessoa do Führer será publicizada em torno de uma figura mística, trabalhada e projetada pela propaganda nazista.

O Führer será o “condutor” da paz na Europa, o homem responsável por medidas “construtivas” no continente, sempre anunciado como aquele que faz “eloqüentes” proclamações no rádio, transcritas na íntegra para a publicação no jornal. Suas imagens veiculadas no vespertino baiano serão reproduzidas em poses bem trabalhadas, olhares de perfil projetando o futuro. O “libertador” da Alemanha é o profeta de um novo tempo no mundo, que “oferece” 25 anos de paz à França em atitudes de extrema compreensão para com aquele país.

Decerto que essa imagem construída pela propaganda do Reich e reproduzida no jornal baiano refletia o poder simbólico que a imprensa nazista procurava reificar com a figura do seu líder maior. O trabalho de comunicação perpetrado pelo NSDAP fora lastreado no esvaziamento da realidade (Arendt, op., cit., p.401).

Ficção essa que se mostrará presente de forma incisiva no jornal soteropolitano. Assim se dá quando manchetes estampam sobre as “*Medidas construtivas de Hitler*”, pois “*Hitler soube orientar os debates para o problema essencial e fundar a moral da comunidade européia*” (Diário de Notícias, 03/04/36, edição nº 9650, p. 3). Esta matéria versava sobre o Tratado de Locarno, o fórum de debates instituído entre a França e Alemanha após a Primeira Guerra para discutir as tensões fronteiriças que ficaram pendentes entre os dois países após o conflito. É sabido que Hitler não tinha o propósito de nada construir em termos de paz, e sim pavimentar o futuro conflito que em menos de quatro anos viria a ocorrer.

Importante ressaltar que as entrevistas do líder alemão enviadas e publicadas no Diário de Notícias, do ponto de vista do jornalismo diário e marrom (comercial), não buscavam extrair informações da fonte numa peleja que reuniria entrevistador e entrevistado. Faltava a tensão necessária, exercício que envolve, dialeticamente, questionamentos inerentes à essa prática. Estas soavam como “encomendas” e se restringiam apenas a dar o espaço necessário à argumentação do chanceler alemão.

As apresentações dessas entrevistas por parte do jornal serão sempre adornadas com títulos apologéticos, buscando destacar ao máximo o papel de Adolf Hitler no cenário internacional.

Adolf Hitler concede ruidosa entrevista sobre o actual momento europeu; se a França não permitiria Strasburgo sob os

canhões alemães, acredita Sarraut que seria agradável para a Alemanha permanecerem nossas cidades ameaçadas pelos canhões franceses?; Estou certo de que foi este o maior serviço que se tem prestado á causa da paz! (Diário de Notícias, 12/03/36, edição nº 9631, capa).

Além de ridicularizar, à época, o primeiro ministro francês Sarraut, a manchete do Diário de Notícias coloca as próprias palavras de Hitler em primeira pessoa no subtítulo que abre a entrevista do chanceler alemão.

Em outros momentos, as palavras do Führer da Alemanha serão extraídas, na íntegra, de pronunciamentos feitos nas emissoras das rádios teutas. Frise-se que esse destaque era proposital, posto que se buscava valorizar as palavras do chanceler pelo fato delas já terem sido veiculadas numa rádio, meio de comunicação de maior importância nesse período.

A supervalorização do pronunciamento do rádio que se reproduzia no jornal pode ser constatado em matéria veiculada em março de 1938: *Eloquente proclamação de chanceler Hitler; Lida ao microphonio das emissoras allemãs pelo Ministro de Propaganda Sr. Goebbels*.

Berlim 12 (Pelo aéreo) O Ministro da Propaganda, senhor Goebbels, acaba de ler ao microphone de uma das mais importantes estações radiotransmissora desta capital a seguinte proclamação do chanceler Adolf Hitler (...) (Diário de Notícias, 16/03/38, edição nº 10.222, p. 2).

A própria apresentação que antecede ao discurso de Hitler é ambientada ao leitor como se passasse em tempo real. O discurso fora proferido no dia 12 e no dia 16 estava sendo publicado no Diário de Notícias. No entanto, a despeito da questão temporal, este é anunciado como se estivesse tentando reproduzir num veículo da imprensa escrita a mesma sensação de imediaticidade do rádio.

Conforme Jean Marie Domenach, esses discursos buscavam o efeito de “balões de ensaio” mediante uma gigantesca propagação em todo o mundo. A tática consistia em despertar a opinião pública internacional afim de pavimentar o caminho para futuras medidas de política externa que viriam a ser tomadas pelo Terceiro Reich (Domenach, op., cit., p.65).

Esses “balões” eram reproduzidos como se tivessem origem em diversas fontes. Segundo o autor, “é a astúcia do feirante que aciona um parceiro para simular um suposto cliente que rasga elogios à sua mercadoria”.

A propaganda esfria

Ao longo do ano de 1939 a propaganda política do NSDAP no Diário de Notícias praticamente desaparece. Não sem razão. Conforme discutido na primeira parte deste capítulo, nesse ano as relações diplomáticas entre Brasil e Alemanha atravessarão um processo de deterioração. A Delegacia de Ordem Política e Social (Dops) identifica a participação de elementos nazistas no *putsch* integralista de maio de 1938 (Silva, op., cit., p. 268) e o governo se põe em alerta quanto à movimentação do NSDAP no país. Os órgãos de segurança fecham o cerco à atuação da mídia alemã, atingindo diretamente a agência Transocean, que operava como sucursal da agência de notícias Deutsche Nachrichtenbüro, diretamente ligada ao ministro Goebbels.

Ao longo desse ano pouquíssimas foram as demonstrações de simpatia do Diário de Notícias para com a Alemanha. Encerram-se, temporariamente, as participações dos “colaboradores” teutos no jornal assim como desaparecem das páginas do vespertino as colunas fixas e matérias sobre aquele país. A imagem de Adolf Hitler, que nos quatro anos anteriores fora exposta à exaustão, deixa de figurar no DN.

Todavia, como será constatado, esta não será uma mudança da linha editorial do jornal. A regularização das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha e as medidas adotadas pelo governo de Vargas para “resguardar” o país teuto de críticas ao seu regime e sua política externa²¹ revigorará no ano seguinte a atuação germânica na mídia nacional.

Com o início da Segunda Grande Guerra, o Diário de Notícias praticamente se transformará num panfleto de divulgação das ações militares da Alemanha. A política editorial será de inclinação total ao Terceiro Reich. Tratar-se-á de uma postura ainda mais explícita de simpatia ao regime de Adolf Hitler e à guerra que ele abraçara. Esta é a discussão do nosso próximo capítulo.

²¹ Assunto já discutido na primeira parte deste capítulo.

IIIº Capítulo
O panfleto de guerra
1940-1941

Iª Parte

A Segunda Grande Guerra já é realidade - O Diário de Notícias muda de dono

Em 1º de setembro de 1939 se inicia um dos mais cruéis conflitos que a humanidade já vivenciou, a Segunda Guerra Mundial. A Alemanha nazista invade a Polônia após ter anexado a Tchecoslováquia em 1938. O país é dividido ao meio e parte dele é ocupado pela União Soviética, que também invade as chamadas repúblicas bálticas: Lituânia, Estônia e Letônia. Um ano depois, em 1940, a União Soviética abriu uma frente de batalha contra a Finlândia.

A violência contra os estados eslavos foi decorrente do pacto de não agressão firmado entre Stalin e Hitler. Em 23 de agosto, Viacheslav Molotov, Comissário do Povo para os Negócios Exteriores da União Soviética, e Joachim von Ribbentrop, Ministro do Exterior do Terceiro Reich, assinavam o tratado em Moscou. O ato estremeceu o mundo. A França é ocupada logo em seguida pelos alemães e a Inglaterra posta-se sozinha na defesa do seu território. A guerra durou até agosto de 1945, deixando um saldo de 60 milhões de mortos.

Pela primeira vez na história o massacre de populações civis é planejado em escala industrial. O ensaio bélico durante a Guerra Civil Espanhola e as discussões ideológicas que se arrastaram por toda a década de 30 agora se cristalizavam no horror da intolerância étnica e política, levada às últimas consequências pela disposição nazista de conquistar o mundo. A Segunda Guerra mundial foi o conflito da era industrial. A ciência “avançou”. O computador, o tecido sintético, o radar, o foguete balístico foram desenvolvidos ao longo desse conflito. A bomba atômica também.

O horror se institucionalizou na Alemanha e nos países por ela ocupados. A humanidade se viu diante da luta entre o bem e o mal, um conflito de visões de mundo. No entanto, a prática stalinista da União Soviética demonstrara que, até 1941, o país não se enquadraria nessa dualidade. O pacto germano-soviético, responsável pelo desligamento de milhares de militantes comunistas de seus partidos em todo o mundo, provara que o país comandado por Stalin não queria ter a Alemanha como inimiga. Não se tratava, simplesmente, de não agressão, mas sim uma tática isolacionista em relação ao conflito. Para Stalin, a luta se

limitaria entre ingleses, franceses e norte-americanos contra alemães. O desgaste de ambos os lados lhe interessava.

No que tange a posição dos Estados Unidos, até o ataque japonês à base de Pearl Harbor, no Hawaii, ocorrida em dezembro de 1941, o governo norte-americano mostrava-se ambíguo em relação ao Japão. Quanto à Alemanha Nazista, a despeito da disputa por áreas de influência no comércio exterior, o movimento imperialista de Hitler era visto como um “antídoto” amargo mas necessário, que cumpriria seu papel de barrar o expansionismo bolchevique no continente europeu. Essa corrente isolacionista foi predominante na classe dominante norte-americana até 1941 (Coggiola, 1995, p.32 *in*).

Um Estado não tão distante dos acontecimentos

Enquanto o mundo mostrava-se apreensivo com o acirramento do conflito, na Bahia a Segunda Grande Guerra não despertou interesse entre a população local até o ataque japonês a Pearl Harbor (Sampaio, 1995, p.86). À medida que os fatos indicavam a generalização do conflito, a população baiana, com cerca de 88% dos habitantes vivendo no meio rural, timidamente procurava tomar partido dos acontecimentos (Sampaio, *ibidem*, p.86). Esse panorama consolida-se quando o conflito aponta para a inclusão do Brasil no palco de guerra. Os torpedeamentos de navios brasileiros pela marinha alemã indignou a população. A morte de 600 pessoas revoltou a população, que provocou saques e destruição de bens dos súditos dos países do Eixo.

As manifestações de rua em Salvador se avolumaram. Estudantes, profissionais liberais e o povo em geral exigiam a entrada do Brasil na guerra. É nesse palco de insatisfação popular que João Falcão (1998) situará, como já explicitada anteriormente, a posição do jornal Diário de Notícias frente a esses acontecimentos. Segundo o ex-militante do PCB no Estado, o vespertino da Rua Santos Dumont destoava politicamente do restante da imprensa local em relação ao pleito da população, principalmente da classe estudantil, que exigia que o Brasil entrasse na guerra contra as forças do eixo. De acordo com ele:

(A Comissão Central dos estudantes) deu grande impulso ao movimento patriótico, que quase diariamente tinha suas atividades noticiadas pela imprensa, notadamente pelo Imparcial e pelo Estado da Bahia, sendo que este mantinha a seção intitulada “Vida

Estudantil” (...) Os jornais A Tarde e Diário da Bahia davam também cobertura ao movimento patriótico. Enquanto isso, o Diário de Notícias, dirigido pelo ex-deputado Antonio Balbino de Carvalho, dava inteira cobertura à Alemanha nazista (Falcão, *ibidem*, p.198).

A assertiva de Falcão diz respeito a posição editorial do jornal na era Balbino, que continua a mesma à do antecessor, Altamirando Requião. O assunto já foi comentado no capítulo anterior. Todavia, a passagem da empresa para as mãos do segundo é permeada por alguns fatos que merecem ser analisados.

Um jornal revigorado

A perda do jornal por parte de Requião, ocorrida no final do ano de 1939, foi um acontecimento marcante na sua vida (Veiga, op., cit., p.94). A empresa entrara em séria dificuldade econômica, sendo vendida a Balbino que teve como avalista o coronel Franklin Lins de Albuquerque, como já visto no capítulo anterior. Com os novos donos, ainda que não tenha alterado sua linha editorial, o Diário de Notícias sofrerá radical transformação do seu projeto gráfico. O jornal ganha um desenho mais arrojado, moderniza-se. Mudam-se as fontes das letras e caracteres.

Surge a perspectiva do jornal incrementar seu parque gráfico. O fato é comunicado aos acionistas da empresa em assembléia geral extraordinária realizada a cinco de julho de 1940. A ata da assembléia indica que a decisão de renovar o setor industrial da empresa se deu durante estada de Balbino na capital federal. Na ocasião, o novo proprietário expõe a seguinte comunicação aos acionistas:

Depois de expor, em rápidas palavras, os passos que têm dado no sentido de desenvolver o jornal editado pela sociedade, inclusive relatando os objectivos da sua viagem ao Rio, o Director Presidente salientou a necessidade de se adquirir mais uma linotipo para o “Diário de Notícias” e reaparelhar suas officinas grafhicas, pondo a Assembléa ao corrente das demarch’s promovidar e declarando que lhe era particularmente grato manifestar á assembléa o seu desvannecimento pelo interesse demonstrado pelo

representante da Lynotipo, Sr. Landsberg, que se havia revelado um grande amigo do “Diário de Notícias”, no decurso de todos os entendimentos (...) ²²

Não temos informações referentes ao “Sr. Landsberg”, apresentado aos acionistas do Diário de Notícias por Antonio Balbino como um “grande amigo” do jornal “no decurso de todos acontecimentos”. No entanto, um fato nos parece extremamente significativo e este aponta a seguinte indagação: qual o efetivo interesse que movia Landsberg em “ajudar” o Diário de Notícias a adquirir mais um equipamento da Lynotipo?

Importante notar que nessa mesma assembléia Antonio Balbino de Carvalho faz outra comunicação relevante aos sócios da empresa: o poder total que o mesmo assumia naquela ocasião à frente da organização. O Diário de Notícias aumentara significativamente seu capital social subscrito. De um total de 200 contos de réis, divididos em lotes de mil ações de 200 mil réis cada, toma-se a decisão de substituir essas ações, cada uma, por outras de valor dobrado. Além dessa decisão, manda-se emitir mais mil ações no valor de 200 mil réis cada. Na verdade, o aumento do capital social e a entrada de novos acionistas residia no argumento da necessidade de novos investimentos do parque gráfico, o que demandaria um custo de 300 contos de réis, segundo informa a ata da assembléia.

Na verdade, o aumento do capital social do Diário de Notícias traduzia-se nos superpoderes que Balbino investia para comandar a organização. Ainda segundo a mesma ata, com a palavra Balbino:

PROPONHO que a Assembléia Geral Extraordinária do “Diário de Notícias”, S.A, aqui representada pela totalidade de suas acções em circulação, aprove o seguinte: “Fica o Director-Presidente da Sociedade Anonyma Diário de Noticias auctorizado a promover, quando lhe parecer opportuno e se ao seu juizo parecer de conveniencia para os interessados, digo, de conveniencia para os interesses sociaes, os meios necessarios para augmentar o Capital-social da S.A. “Diário de Notícias”, até o limite de seiscentos

²² Ata da Assembléia Geral Extraordinária, 05/07/1940, FL 35, Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb)

contos de réis em vez do capital actual de duzentos contos de réis,
dividido em acções de duzentos mil réis, cada (...) ²³

A empresa que se mostrava com sérias dificuldades financeiras no ano anterior agora recebia significativa injeção de capitais. O revigoração do Diário de Notícias acontece num período de grande dificuldade econômica no mundo. A guerra impusera racionamentos e a escassez de capitais era uma realidade.

Retomando a indagação da página anterior, os fatos expostos nos indicam que existiu um fio condutor entre os interesses demonstrados pelo empresário Landsberg, o “amigo do Diário de Notícias”, e o revigoração econômico do jornal.

Nessa perspectiva, rememorando o segundo capítulo, lembremos da movimentação da Embaixada Alemã em constituir uma rede de comunicação social no país e as possibilidades, aqui já bastantes plausíveis, do jornal baiano ter, de alguma forma, integrado esse circuito. Nesta segunda fase da empresa, sob a direção de Balbino, nos parece que a tão propalada “*Linha direta de colaboração com o Diário de Notícias da Bahia*” arrojara-se. Esta se daria, de agora em diante, mediante a participação financeira germânica na organização. Estaríamos diante de uma espécie de arrendamento econômico, conforme nos informou João Falcão.

Mais: Falcão também assegura que esse processo fora intermediado por um personagem peculiar da história da imprensa nacional, Antonio Geraldo Rocha Filho²⁴. Tio de Antonio Balbino de Carvalho, o baiano Geraldo Rocha, natural da cidade de Barra, oeste do Estado, era engenheiro civil formado pela Escola Politécnica de Salvador. Além de exercer as atividades de engenheiro, foi representante de diversas empresas estrangeiras no Brasil, jornalista e empresário de destaque da imprensa escrita do Rio de Janeiro.

Na Capital Federal, Geraldo Rocha foi proprietário dos seguintes jornais na década de 30: A Noite, publicado entre 1935 a 1930; e A Nota, que circulou entre 1935 e 1939. Foi também fundador da Agência Latina de Notícias, que atuou no ano de 1942, e posteriormente fundador do jornal O Mundo, publicado entre os anos de 1947 e 1957.

Falcão acredita que o que teria movido a ação de Geraldo Rocha na plausível intermediação envolvendo o Diário de Notícias e empresários alemães seriam apenas

²³ Ata da Assembléia Geral Extraordinária, 05/07/1940, FL 36, Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb)

interesses financeiros. “Ele (Geraldo Rocha) era um homem sem comprometimento ideológico”, afirma Falcão²⁵.

No entanto, a despeito dos interesses financeiros terem falado mais alto nessa plausível negociação, temos indicações que Geraldo Rocha alimentava simpatias ideológicas pelo nazismo, regime que ele via como uma experiência política modelo. Rocha, o qual podemos considerar um intelectual de terceiro escalão na sustentação ideológica do Estado Novo, mostrava-se entusiasmado quando,

“Os jornais alemães e italianos trazem documentos impressionantes, revelando o treinamento da mocidade, fortalecendo o corpo e disciplinando o espírito, constituindo as gerações de amanhã um todo homogêneo e coeso, sabendo mandar e obedecer, e podendo resistir aos combates dos dias incertos, reservados no futuro da humanidade” (Rocha, 1938, p.12 *in....*)

Geraldo Rocha era politicamente próximo a Getúlio Vargas. Esteve presente no Parlamento como deputado federal eleito pela Bahia nas legislaturas de 1921 a 1930 e de 1935 a 1937, tendo sido constituinte em 1934. Por conta da sua aproximação com Vargas, havia conseguido indicar Landulfo Alves, em 1938, como interventor do governo do Estado. Posteriormente, ele rompeu com o interventor pelo fato de não ter conseguido nomear afilhados políticos para cargos de destaque nas máquinas administrativas do Estado e da Prefeitura de Salvador (Abreu, op., cit., p.5088).

O jornalista foi violentamente atacado pelo Partido Comunista na década de 30. Em 1935 ele foi classificado pelo PCB como um empresário que traficava interesses utilizando como moeda de troca sua influência nos meios de comunicação. Segundo o partido, a imprensa do Brasil no ano de 1935 era “comprada e venal, dirigida por insaciáveis argentários e ladrões do estofo de Geraldo Rocha (...)” (Dutra, op., cit., p.211).

Ataques pessoais a Geraldo Rocha devem ser minimizados, posto que, por vezes, o calor da discussão ideológica suscita acusações que podem ser infundadas (“ladrões”). Todavia, fica patente que a insatisfação dos militantes comunistas quanto à atuação da

²⁴ A informação foi nos passada durante entrevista concedida em 26/09/01.

²⁵ Entrevista realizada em 26/09/01.

imprensa nacional, com destaque para Geraldo Rocha, decorre da sua vulnerabilidade de ser “comprada e venal”.

A partir de agora, analisaremos como se deu a segunda fase editorial do Diário de Notícias. O mundo estará em guerra, um conflito do qual Goebbles declarou que faria dentro dele sua guerra particular, a batalha que transcenderia os campos e se daria, não como menos força e poder de fogo, na mídia.

IIº Parte

A batalha no papel

No Diário de Notícias, o trabalho de informação à opinião pública sobre os objetivos alemães na guerra sofrerá variações em relação ao trabalho que fora realizado entre 1935 e 1938. Nesse período, além de fazer propaganda nazista, o jornal fora utilizado para neutralizar informações que se contrapusessem aos interesses alemães. Durante os anos de 1940 e 1941 novos recursos gráficos serão agregados a esses discursos, o que denotará um engajamento maior do jornal para com a causa nazista

Aproveitando o espaço dado pelas autoridades brasileiras à movimentação de mídia do NSDAP, conforme citado no segundo capítulo, a Segunda Grande Guerra será vista pelo Diário de Notícias como a possibilidade de levar ao leitor uma espécie de versão “correta” dos acontecimentos. Nesta perspectiva, instrumentaliza-se o discurso das vantagens econômicas que o Brasil e particularmente a Bahia teriam com a vitória alemã. A guerra se apresenta como um fabuloso nicho de negócios para os produtores locais de matérias primas.

Do ponto de vista ideológico, agora não é só a Nova Alemanha que se apresenta aos olhos do mundo. Também uma nova Europa está nascendo sob o domínio nazista, levando aquele continente à nova ordem política, traduzida na superação das velhas classes dirigentes locais, substituídas pela nova vanguarda política representada pelas forças do nazifascismo.

Para tanto, será necessário um esforço de explicação no sentido de fazer ver aos leitores “*Como elles torcem a verdade*” sobre os fatos, uma das colunas criadas para se contrapor à informação veiculada pelas agências de notícias ligadas aos países aliados. Outros espaços também serão introduzidos no jornal para acompanhar o desenrolar do conflito sob o ponto de vista alemão. *Sobre a guerra* será uma coluna diária, com notícias curtas, provenientes de Berlim, que dará as últimas informações sobre os acontecimentos na Alemanha e no front. A conjuntura internacional, por sua vez, ganhará destaque no espaço *Em derredor dos acontecimentos internacionais*, que reproduzia pronunciamentos de autoridades alemãs. Essa coluna, invariavelmente, ocupava um quarto de página do jornal.

Nessa ambientação, caberá até a explicação sobre os campos de batalha em forma de histórias em quadrinhos. *Vamos contar a história da guerra* é o título dado a esses

quadrinhos, publicados em forma de *storie board*. Essas inovações gráficas contemplarão também um reordenamento da disposição das fotografias no jornal. As imagens ganharão destaque, seja reportando cenas do cotidiano da vida na Alemanha, ou mesmo as representações de propaganda trabalhadas com Adolf Hitler. Fotografias do líder alemão, publicadas em montagens gráficas, apresentarão o ditador em contato pessoal com cidadãos do seu país, geralmente velhos, crianças e adolescentes.

Os ataques à União Soviética e à atuação do Komintern, por sua vez, cessam enquanto o Pacto Hitler-Stalin se mantinha. Nesse aspecto, merece ser ressaltada a mudança de eixo do discurso. O que outrora era visto como uma ameaça à humanidade, agora era entendido como uma nação parceira, que seguia uma política externa equilibrada, diferente da Inglaterra, Estados Unidos e França, países tidos como belicistas, agressivos e provocadores.

O jornal não deixará de continuar publicando as já citadas entrevistas com o Führer. Os discursos do líder nazista assim como de autoridades alemãs, a exemplo do ministro Goebbels, continuarão sendo reproduzidos nas páginas do vespertino baiano. Já os “colaboradores” alemães, que infestaram o jornal no período de 1935 a 1939, se retiram de cena.

Um fato, no entanto, deve ser ressaltado: as matérias sobre a Alemanha figurarão com mais intensidade, ganhando maior destaque nas capas do periódico. Manchetes sensacionalistas e apologéticas em relação ao Reich serão corriqueiras e a Agência de Notícias alemã Transocean terá uma penetração ainda maior, cujo material despachado ocupará a quase totalidade das páginas do Diário de Notícias.

Conforme esclarece Teixeira (2001 *in* O Globo), oito funcionários do Serviço de Imprensa alemão para a América do Sul, redatores e tradutores de espanhol e português, com salários que variavam entre 375 e 750 marcos, realizavam o trabalho de tradução dos despachos encaminhados pelas fontes de notícias alemãs. A equipe traduzia também os comunicados e programas da Rádio Difusora de Berlim, que no Brasil operava com 14 emissoras locais que foram arrendadas pelo Terceiro Reich (O Globo, 04/01/ 01, edição nº 24.615, p 03).

Da Rádio Difusora de Berlim, o Diário de Notícias passará a publicar a transcrição dos pronunciamentos dos dirigentes alemães, prática que, como já visto, vinha se dando desde a

era Altamirando Requião. No entanto, na era Balbino esses pronunciamentos serão publicados com periodicidade definida, semanalmente, na coluna *Em Derredor dos Acontecimentos Internacionais*.

O jornal, gradativamente, vai dando caráter secundário ao tratamento dispensado aos assuntos regionais e nacionais. Temas envolvendo a Bahia e o Brasil quase que desaparecem do Diário de Notícias entre os anos de 1940 e 1941. O Diário de Notícias se transforma, efetivamente, num panfleto de guerra.

O início da guerra e a posição do Brasil

Antes de adentrarmos na análise editorial do Diário de Notícias no período 1940 -1941, faz-se necessário estabelecer sucinto comentário sobre o cenário nacional em relação ao início do conflito mundial.

Quando a guerra inicia a diplomacia brasileira mantém uma política de neutralidade, posição que tecnicamente se estenderá até 1942 (Hilton, op., cit., p.241). Em relação à Alemanha, o Itamarati buscava contornar e superar a crise política que determinou a troca do diplomata Karl Ritter, adido cultural da embaixada, por conta da sua atuação na mídia nacional, fato anteriormente comentado.

Os norte-americanos, por sua vez, exerciam forte pressão para que o Brasil se distanciasse da neutralidade. Durante encontro ocorrido em 08 de março de 1939 entre o Ministro das Relações Exteriores do Brasil, Osvaldo Aranha, e o presidente dos Estados Unidos, Franklin Dellano Roosevelt, o mandatário norte-americano alertou o ministro brasileiro sobre a influência alemã na América do Sul e particularmente no Brasil. Roosevelt fora informado pelo *Intelligence Service* que o Governo e o Exército brasileiros estavam sendo monitorados por elementos germânicos (Silva, 1964b, p. 135-136).

Enquanto isso, o governo alemão apressava-se em contornar o mal entendido diplomático com o Brasil e restabelecer a normalidade das relações entre os dois países. Em 30 de março, Ernst Weizsäcker, Secretário de Estado do Reich, telegrafou a von Levetzow (Conselheiro da Embaixada alemã no Brasil) autorizando-o a prosseguir neste sentido (Silva, *ibidem*, b p.146).

Conforme Stanley Hilton (1977), a posição de neutralidade do Brasil era estratégica para a Alemanha. Com o avanço da crise política na Europa no final da década de 30, os analistas militares alemães mantinham atenção em relação à localização privilegiada da região nordeste do país (Hilton, *ibidem*, p.22). Sua projeção geográfica no Atlântico Sul possibilitava uma excelente ponta de lança para a Europa e as Américas. Assim como os portos brasileiros poderiam servir de base para a Marinha alemã. O Brasil era vital às pretensões militares do Terceiro Reich.

O assunto chegou a ser alvo de preocupação do Exército Brasileiro no ano de 1941. Cidades como Natal, Recife, Maceió e Cabedelo (PB) eram vistas como plausíveis locais de desembarques de tropas alemãs. O documento secreto intitulado Plano de Defesa do Exército do Nordeste²⁶, um comunicado do Comando do 5º Exército, sediado em Recife, enviado ao Comando das Forças Armadas, no Rio de Janeiro, alertava sobre a possibilidade de invasores no país, denominados de “inimigo extra-continental”.

Segundo o documento, era possível que os invasores atacassem Natal e Recife, simultaneamente, e posteriormente rumassem para o interior conquistando as cidades de Campina Grande (PB) e Garanhuns (PE). O documento previa também a mobilização de todo o quinto Exército (Região Nordeste) no sentido de resistir aos esperados ataques alemães. A ameaça existiu, de fato. Ainda que não tenha ocorrido nenhum desembarque, navios brasileiros, como já visto, foram afundados pelos submarinos alemães, um ano depois, na costa do Nordeste.

Retomando, do ponto de vista político, a despeito da crise diplomática de 1938, os alemães consideraram o governo de Vargas um regime amigo até 1942. O governo brasileiro havia demonstrado, em diversas ocasiões, a vontade de trilhar uma política externa mais independente em relação aos Estados Unidos. As tentativas de atrair capitais externos viam na Alemanha uma grande possibilidade para esse intento. A crise de 1938 não havia comprometido o comércio bilateral com o Brasil. Ao contrário. No mês de março desse ano o governo brasileiro encomendara à Fábrica Krupp uma grande quantidade de material bélico (Silva, *op.*, cit., *b*, p.276).

²⁶ Plano de Defesa da Região Nordeste/1941. Recife (PE). CPDOC/ucigm. 01/09/1941

Os interesses em estreitar os laços comerciais com os alemães não ficavam por aí. O governo brasileiro nutria grande esperança que empresários germânicos participassem da construção da Usina Siderúrgica de Volta Redonda (Silva, *ibidem.*, p.388). No início de 1938 a empresa alemã Demag foi procurada pelo governo de Vargas para orçar a construção da usina. A Demag calculou a obra em 20 milhões de marcos. Esse dinheiro seria pago com o lucro das exportações de minérios, um total estimado em 15 milhões de toneladas/ano. Além disso, a Demag ficaria encarregada de instalar as ferrovias necessárias para o escoamento da produção. A proposta não foi adiante. O consórcio que a Demag projetara para o empreendimento com outras duas organizações patricias, a Krupp e a Stahlunion, foi desfeito. O governo alemão não demonstrou muito interesse em realizar a operação (Falcão, *op.*, cit., p. 143)

Internamente, todavia, as autoridades nacionais mostravam-se alertas com a atuação da espionagem alemã no país. A *Abwehr* (que significa defesa, resistência), organismo de investigação do Departamento do Exterior do Alto Comando das Forças Armadas da Alemanha (*Oberkommando der Wehrmacht*), mantinha por aqui, desde 1935, o almirante Wilhelm Canaris comandando a organização. Canaris era considerado um ardente nacionalista e anticomunista (Hilton, *ibidem.*, p.17). Essa espionagem mantinha ramificações também na Bahia. Com a palavra Hilton:

O emissário da Abwehr, Josef Staziazny, ou “Lucas”, enviou um subordinado a Salvador para operar a espionagem de navios britânicos a partir desta capital. Tratava-se de Karl Megge. O contato em Salvador era o empresário Werner Stark (...) Stark era dono de uma firma em Salvador que representava fabricantes de vários artigos, especialmente equipamentos de laboratório (...) Stark tinha outra qualidade importante: era Parteigenosze, tendo-se filiado ao Partido Nazista de São Paulo em 1935, e era defensor ardente do Terceiro Reich (...) (Hilton, *ibidem.*, p.141)

O Governo Vargas, por sua vez, mantinha entre seus quadros grande número de simpatizantes do nazismo. Às vésperas da Segunda Grande Guerra, a ala germanófila do varguismo polarizava com o grupo liderado por Osvaldo Aranha, pró Estados Unidos. Filinto Muller, chefe de polícia do Distrito Federal, era um deles. Anticomunista feroz, Muller via na vitória das forças nazifascistas da Europa uma trincheira na luta contra o bolchevismo.

As expectativas alemãs quanto à inclinação do Brasil para o Terceiro Reich aumentaram quando da divulgação do discurso do presidente Vargas no dia da Marinha, em 11 de junho de 1940. O pronunciamento, feito a bordo do porta aviões Minas Gerais, no Rio de Janeiro, foi um discurso enfático, que chamou atenção da imprensa de todo o mundo. Vargas dava sinais que a ala germanófila do seu governo estava ganhando a queda de braço com os setores mais liberais. A valorização dos regimes fortes e corporativistas foi a tônica da palavra do presidente, que, dava a entender, justificativa a ação militar alemã. Seguem trechos do texto intitulado *No limiar de uma nova era*:

(...) Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo das suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que se desmorona e tomba em ruína. É preciso, portanto, compreender a nossa época (...) assistimos à exacerbação dos nacionalismos, as nações fortes impondo-se pela organização baseada no sentimento da Pátria e sustentando-se pela convicção da própria superioridade. Passou a época dos liberais impoventados, das demagogias estereis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordens (...) (in Silva, *ibidem*, p. 211-212)

Um mês antes do pronunciamento de Vargas, Osvaldo Aranha dera declaração afirmando que 90% da população brasileira se posicionava ao lado dos aliados. Todavia, os 10% favoráveis à Alemanha se organizavam “cada vez melhor” (Silva, *ibidem*, p.209).

O discurso de Vargas causou embaraços para a Diplomacia brasileira com os Estados Unidos e as demais nações aliadas. A agência de notícias norte-americana *Associated Press* divulgara o documento para o mundo minutos após o encerramento da solenidade. Jornais de diversos países entenderam que o presidente brasileiro praticamente declarara apoio às forças do Eixo, o que deixou as autoridades estadunidenses extremamente preocupadas. Nas palavras do repórter John W. White, do *The New York Times*, este seria “o primeiro discurso francamente fascista feito por um presidente sul-americano” (Silva, *ibidem*, p.215).

O mal estar causado pelo discurso foi contornado no dia 13 de junho. O embaixador brasileiro em Washington, Carlos Martins, se encarregou de dar uma nova versão dos fatos, explicando para o governo norte-americano que aquelas palavras teriam sido mal

interpretadas por todos. Mais: Martins afirmava também que o Brasil estava coeso com os demais países das américas e não lhes faltaria lealdade.

Entre os anos de 1940 e 1941 o Brasil efetivamente manteve-se neutro em relação ao conflito. Nesse período, a ação de mídia alemã no país atuará com desenvoltura, sem embaraços de ordem política que pudessem inibir a propaganda perpetrada pelo III^o Reich sobre a atuação da Alemanha na guerra.

A Segunda Guerra vista pelo Diário de Notícias

A entrada das tropas alemãs na Polónia no mês de setembro de 1940 estremecerá o mundo. O turbilhão de notícias sobre a agressão nazista àquele país não cessa. Mas no Diário de Notícias a Alemanha será vista como uma nação que apenas se defende ante às possíveis investidas do exército polonês sobre seu território. Nos primeiros meses do ano de 1940 o jornal se limita a publicar comentários dos articulistas alemães, que sempre buscavam dissimular o teor da agressão bélica germânica.

A partir do mês de abril a estratégia muda. Séries de matérias começam a ser publicadas no jornal sobre o conflito. Estas procuravam esclarecer sobre a “verdade” dos fatos quanto às versões que eram divulgados pela maior parte da imprensa internacional. A participação da agência de notícias Transocean torna-se não só freqüente, mas também opinativa. As palavras dessa empresa servem como um referencial para avaliar os fatos sobre a guerra, “diz a Transocean” ou a “Transocean desmente” passam a ser alguns dos clichês constantes nos preâmbulos dos textos enviados pela agência.

As reportagens, comunicados, artigos e séries de matérias despachadas pela Transocean quase sempre terão conteúdos de denúncias sobre “articulações sórdidas” contra o Terceiro Reich. Dossiês envolvendo judeus, ingleses e franceses contra a Alemanha eram invariavelmente publicados com títulos sensacionalistas no sentido de despertar o interesse dos leitores, convocados diariamente pelo jornal a meditar e realizar, “com isenção”, um julgamento “sereno” sobre os fatos. Título publicado pelo jornal no mês de abril de 1940 é sugestivo: *“A T.O. diz que um “psychometro” não seria agradável aos aliados; verdades e inverdades de propaganda de guerra”*. De acordo com a Transocean,

Os orientadores da propaganda anglo-franceza ver-se-iam em sérios embaraços, caso alguém se lembrasse de aplicar-lhes o “psychometro”, a fim de descobrir a veracidade das suas alegações. Estas, todavia, são de tal forma contradictorias que a opinião publica mundial não necessita daquelle novo instrumento, destinado a perscrutar a verdade, no fundo das almas, pois as inverdades da propaganda alliada sobrenadam na superfície, sendo

portanto, facilmente perceptíveis (...) (Diário de Notícias, 02/04/1940, edição nº10.847, p. 3).

O editor do Diário de Notícias, por sua vez, procurava justificar aos leitores os motivos que levavam o jornal a publicar os despachos da Transocean. Essas explicações tinham sentido didático, comentando o problema que seria exposto numa tática de “preparação” prévia, opinativa, sobre o acontecimento narrado. Um desses momentos ocorre quando da divulgação, com enorme sensacionalismo, dos dossiês do famoso “Livro Branco”, supostos documentos que estariam em posse do exército alemão revelando as pretensões “expansionistas e belicistas” da Polônia, o que estaria ameaçando a integridade da nação germânica. Diziam os editores do Diário de Notícias:

A sensação causada pelo “Livro Branco” que é um depósito dos documentos sobre a guerra, divulgados pelo governo alemão, tem sido tamanho que, como demonstração do nosso interesse em bem informar os leitores do “Diário de Notícias”, iniciamos, hoje, sua publicação(...) (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº10.846, p.4).

O jornal dispensa meia página ao texto, recheado de acusações contra poloneses, ingleses e franceses, imbuídos que estavam no sentido de agredir a Alemanha, que, numa ação proativa, fizera a guerra para defender-se, atacando a Polônia.

Outra dessas séries é publicada com o título *A história verdadeira da guerra contra a Polônia; O início das operações militares – Os comunicados do Alto Commando do Exército do Reich – Os objectivos polonezes de natureza anti-germânica*. Novamente o jornal “prepara” o leitor sobre a importância das matérias enviadas pelo serviço da Transocean. Desta vez, enaltecendo o papel da agência no contexto do início da Segunda Grande Guerra.

A “Agencia Transocean” que, pela sobriedade de seus comentários e pela abundância do seu serviço informativo, se tem feito acreditar como uma das mais conceituadas e prestigiosas do mundo, nos fez chegar, agora, um serviço interessantíssimo sobre a “verdadeira história da guerra contra a Polônia”, cuja publicação começamos hoje. É o novo serviço constituído pelos comunicados

do exército alemão, dia a dia, nas três semanas em que lutou contra a Polónia, dominado-a por completa, e pelas “informações” de outras fontes, também relatadas dia a dia. Do cotejo de uma e outras, o leitor inteligente, que já sabe do desenrolar dos acontecimentos, poderá ajuizar quaes as que são merecedoras de fé. E tudo isso servirá como documentos para a história exacta e fiel da grande guerra que está ensanguentando a Europa (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº 10.858, capa).

O texto da matéria, que é ilustrada com uma foto de Adolf Hitler projetando um olhar distante, limitava-se a explicar aos leitores as táticas de guerra inovadoras utilizadas pelo Exército alemão para invadir a Polónia. A guerra-relâmpago, a *Blitzkrieg*, fora comentada de forma sensacionalista e a heroificação das forças armadas alemães dará o tom do texto. O soldado germânico será tratado como um homem destemido, um herói que buscava lavar a honra do seu país “tão violentamente injustiçado pelo Tratado de Versalhes”.

Está encerrado o primeiro acto da guerra alemã contra o dictado de Versalhes. Ella (a guerra) revela o character da technica militar, com os meios technicos desenvolvidos após a guerra mundial. Coube á arte da guerra allemã (...) fazer surgir a guerra relâmpago (...) Enche esse feito uma dessas paginas da chronica de um povo, que inspirarão gerações futuras (...) (Diário de Notícias, 08/04/1940, edição nº 10.858, capa).

A guerra prossegue. A Alemanha ocupa a França, a Bélgica e a Holanda e prepara-se para subjugar o restante da Europa. Feito o pacto com Stalin, o inimigo agora é a Inglaterra, único Estado europeu ocidental que resiste ao imperialismo nazista. Esse panorama será refletido nos despachos da Transocean, que remete ao Diário de Notícias diversas matérias e artigos cujos objetivos eram julgar a posição política adotada pelo primeiro ministro inglês Winston Churchill, que assumira o Gabinete inglês no final de maio de 1940.

A indignação alemã para com o novo chefe de Estado britânico residia no fato de que Churchill estava impondo uma política externa diferente do seu antecessor, Chamberlain. Este, enquanto estivera à frente do gabinete, buscara uma política de apaziguamento com a Alemanha, que se daria mediante a participação de Benito Mussolini.

A Inglaterra e a França pagariam um preço alto por essa estratégia. Os dois países deveriam fazer concessões de suas colônias no Mar Mediterrâneo à Itália em troca da neutralidade do Duce, que faria gestão junto à Adolf Hitler no sentido de estabelecer um plano de paz para o continente (Forster, 1973, p.75). Da Inglaterra, Mussolini queria as ilhas de Chipre e Malta, e da França o mandatário italiano exigia Nice, a Savóia, a Córsega e a Tunísia. Queria também a internacionalização do Estreito de Gilbratar, além de estabelecer protetorados no Egito, Síria, Iraque e Sudão.

O Gabinete de Churchill jogara uma pá de cal nessa negociação. Empreendendo uma política externa mais dura para com a Itália e a Alemanha, o primeiro ministro britânico agudiza o conflito e crê na possibilidade concreta de resistir e destruir as forças alemãs na Europa. Churchill convocara a população inglesa para o grande sacrifício, de “resistir até o último cidadão”. A apreensão do Terceiro Reich é notória. A Alemanha inicia ampla campanha junto à comunidade internacional no sentido de desqualificar e desacreditar o governo inglês.

A politica do sr. Wilson Churchill perante o tribunal na historia, era o título do texto despachado pela Transocean e publicado na capa do Diário de Notícias em 20 de julho de 1940. Criticando a posição do líder inglês, o material da agência alemã classificava a postura de Churchill como uma “loucura política”.

Sua loucura política parte do simples facto de que o sr. Churchill, sem qualquer sentido de responsabilidade, toma sobre seus hombros o risco de que Londres soffra o destino de Varsovia e Rotterdam (...) Deve ser colhido com risos esse grande esforço desse coveiro do Imperio Britanico de formar em todas as partes do mundo frentes contra a Allemanha e a Italia (...) (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940, capa).

As matérias jogavam com o sadismo. O jornal de Antônio Balbino trabalhará o material enviado pela Transocean aplicando títulos aos textos. *Para se acostumar ao que virá*, por exemplo, era um desses títulos. A nota informava sobre um terremoto ocorrido na Escócia na madrugada do dia 19 de julho de 1940. Ironizando o desespero da população escocesa ante o sinistro, o jornal comenta, de forma irônica, o pânico que tomou as pessoas na hora do

terremoto, o qual, segundo o jornal, foi confundido com os “(...) efeitos de qualquer nova arma secreta dos allemães” (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940, capa).

No Diário de Notícias, *O fim da Inglaterra será o início da nova Europa; A Europa continuará a ser a mãe-patria dos demais continentes, e esta Europa deve estar prestes a dar á luz um novo mundo reorganizado*, conforme o título e subtítulo dados à matéria assinada pelo dr. Karl Mergele, anunciado pelo jornal como membro do Reich e diretor e redator-chefe do jornal germânico *Berlim-Boersen-Zeitung*. A matéria de Mergele atacava a “incapacidade da democracia liberal”, que, segundo ele, tinha na Inglaterra seu principal berço ideológico. Conforme Mergele:

A França tornou-se victima da Democracia liberal, e este mesmo systema será o coveiro da Inglaterra. Pois a Democracia liberal não teve forças para enfrentar os dois grandes problemas dos nossos dias: o problema social, que já antes da Guerra Mundial (a primeira) se encontrava em estado maduro, e a criação de uma nova ordem na Europa depois da catastrophe da Guerra Mundial (...) (Diário de Notícias, 16/09/40, edição nº 10.989, p. 8).

Frise-se: o jornal não só reproduzia o material alemão como também destacava os textos enviados e publicados com títulos apologéticos. Faz-se necessário estabelecer uma sucinta observação acerca desse procedimento do “fazer jornalístico”. A titulação de uma matéria é inerente ao editor, que arbitra, conforme o conteúdo trabalhado no texto, o que deve ser enunciado sobre o mesmo. Ou seja, é de inteira responsabilidade do editor como a matéria será titulada.

A despeito da Transocean enviar as matérias, o Diário de Notícias se encarregava de “dourar” as mesmas. Em boa parte delas os títulos eram formados pelas frases dos líderes alemães, como o próprio Hitler. Títulos que chamavam atenção sobre as vitórias das forças alemães no conflito serão um dos recursos largamente utilizados, reforçando sempre a opinião das lideranças germânicas acerca dessa perspectiva, a exemplo do texto que se segue:

Se Churchill recusar o ultimo appello allemão Hitler assegura o anniquilamento do maior Imperio Mundial: a Inglaterra. Allemanha, Italia e Russia encontram um denominador commum e

se entendem perfeitamente; Bem abastecida e melhor armada, a Alemanha tem um destino: a Victoria; “Não proponho como vencida e sim falo como vencedor num derradeiro apêlo ao senso commum – o que, pelo menos, valerá como alívio á minha consciência” – diz Hitler (Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10.940, capa).

Os título e subtítulo referem-se à matéria enviada pela Transocean que comentava sobre os ataques que a Real Força Aérea britânica realizava sobre Berlim. As palavras de Hitler, novamente ilustradas com sua foto em olhar distante, são destacadas no Diário de Notícias e publicadas em cabeça de página, na capa. Estas buscavam reforçar a invencibilidade da Alemanha no conflito, que “*só tem um destino: a Victoria*”. O enunciado da matéria (títulos e subtítulos) pretendia explicar o fato com certa riqueza de detalhes não muito comum na prática jornalística, posto que essa explicação recai, quase sempre, no texto e não nos títulos. Se chamava atenção da informação de forma enfática.

A contrainformação à política internacional de imprensa da agência inglesa Reuters e da rádio BBC de Londres será outro flanco dessa luta midiática. As palestras do Conselheiro Ministerial do Reich, Hans Fritzsche, pronunciadas na Rádio de Berlim e reproduzidas na coluna *Em Derredor dos Acontecimentos Internacionaes*, se constituíam em ataques às informações divulgadas por esses organismos de imprensa sobre as batalhas aéreas travadas nos céus da Inglaterra e Alemanha entre suas respectivas aviações militares.

A preocupação da comunicação alemã residia na intensa atuação que a BBC, já à época o maior parque radiofônico da Europa, começava realizar em diversas partes do globo, inclusive no Brasil. A primeira transmissão da rádio para o país em língua portuguesa aconteceu no dia 14 de março de 1938. A manchete do primeiro programa, apresentado pelo jornalista Manuel Braune, o “Aimberê”, era: “*O senhor Hitler entrou hoje à noite em Viena*” (www.bbcbrasil.com.br). A BBC começara o que ficou registrado na sua história como a “era de ouro” da emissora. O impacto da rádio inglesa, que repercutia por todo o mundo os pronunciamentos dos líderes britânicos, a exemplo do próprio Wilson Churchill, político dotado de oratória invejável, era constante motivo de atenção por parte dos colaboradores alemães do Diário de Notícias.

Segundo Hans Fritzsche, Churchill levava os povos da Inglaterra e França à guerra. Na verdade, as mensagens do conselheiro embutiam o discurso da impossibilidade de qualquer povo do mundo resistir à Alemanha. A Polônia, França e Holanda eram “exemplos” que deveriam servir para todos os povos que buscassem se contrapor à política expansionista nazista.

A intenção era o descredenciamento das informações dos órgãos noticiosos sediados nos Estados Unidos e Inglaterra. De acordo com o conselheiro germânico, essas informações eram “viciadas e distorcidas”. Ele apontava um suposto controle da informação por parte do governo britânico, que, no seu entender, coibia a liberdade de imprensa manipulando a atuação dos correspondentes estrangeiros que se encontravam na Inglaterra. Essa iniciativa, segundo Fritzsche, visava esconder os danos causados pelos bombardeios alemães à Inglaterra. Segue trecho de um desses pronunciamentos, realizado em Berlim em 13 de agosto de 1940 e publicado no Diário de Notícias dez dias depois.

“(...) Facto é que quase todos os correspondentes estrangeiros se acham praticamente, amarrados em Londres, pois não lhes é permitido viajar para os pontos em que a luta se desenrola. Hoje, soubemos, novamente, que aos americanos se faria uma excepção. Mas a cousa ficou no annuncio, pois os americanos se encontram em Londres (...) (Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696, p. 2).

Outra estratégia da contrainformação germânica verificada na páginas do Diário de Notícias residia na confrontação dos fatos divulgados pelas agências ligadas aos países aliados. Na coluna *Como elles Torcem a Verdade* o material despachado por essas agências para outros órgãos de imprensa era confrontado com as “verdadeiras notícias” divulgadas pela Transocean. A forma de confrontação consistia em arrolar as informações das agências dos países aliados e estabelecer um ponto crítico sobre cada uma delas. Geralmente, os primeiros parágrafos dessas colunas continham tons hilariantes, desdenhando do ponto de vista adversário.

A guerra entrou numa nova phase, simultaneamente, a guerra dos nervos causa sempre um numero crescente de victimas, sobretudo entre os propagandistas britanicos, cujos dados

numericos, a respeito das perdas alemãs, celebram verdadeiras orgias, e que descobrem coisas que apenas existem na sua propria phantasia (...) (Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977, capa).

Na coluna *Sobre a Guerra*, as notícias a respeito do conflito eram alvo de comentários de jornalistas supostamente brasileiros. No entanto, o tom desses comentários em nada diferia dos enviados pela agência Transocean, o que coloca em dúvida a real procedência desses textos. Esses comentaristas poderiam estar utilizando pseudônimos para assinar suas notas. Bernardo Só, J. Almeida e Alberto Silva eram os que figuravam com maior frequência. A coluna não só se encarrega de criticar a Inglaterra como também chamava atenção sobre o problema judaico.

Acompanhando o estilo de texto da Transocean, a coluna *Sobre a Guerra* brincava com o leitor a respeito de problemas que envolviam mortes em massa. É o que se observa, por exemplo, num comentário de Bernardo Só, de título *Entrando na onda*, sobre a possibilidade dos Estados Unidos entrarem na guerra para auxiliar a Inglaterra.

(...) Muito embora ninguém acredite que, nessa phase da guerra e com o Japão irrequieto nos mares asiaticos, vão os Estados Unidos “comprar barulho” e “pegar um rabo de foguete”, fica-se um tanto impressionado com essa idéa dos amigos da Inglaterra, de tomar-lhe o pulso e a tensão arterial a ver se está na hora do balão de oxygenio (...) (Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº10.696, p. 3).

Em outra coluna, o *Semanário de Guerra do Reich*, eram detalhados os pormenores das batalhas e as armas usadas nas mesmas. Os textos eram escritos por militares do exército alemão e destacavam os equipamentos utilizados nos combates. Num desses semanários, o general Waldemar conde von Stillfried, comentando as operações militares germânicas nos mares Ártico e Negro, destaca “os famosos ‘*stukas*’, que constituem o pesadelo de seus inimigos” (Diário de Notícias, 11/07/41, ed. nº 11.238, p.03). A coluna, que sempre trazia fotos das armas alemãs, figurava todas as sextas-feiras no jornal.

“Ajuda” à humanidade

Enquanto o mundo assistia o início da barbárie nazista, pavimentando a “solução final” com a implantação de diversos campos de concentração na Europa para o extermínio em massa de judeus, ciganos, doentes mentais, deficientes físicos, homossexuais e opositores políticos, no Diário de Notícias o Terceiro Reich é o Estado que se preocupa com os destinos da humanidade.

A Allemanha Ao Serviço Da Medicina; Si a existencia humana hoje é mais digna de ser vivida do que antes, trabalho e pesquisas allemãs podem vangloriar-se de ter contribuido em innumeras etapas para a construcção dessa estrada gloriosa (Diário de Notícias, 28/09/40, edição. nº 11.000, p. 3).

O texto citado é, respectivamente, título e subtítulo de matéria assinada por Wilhelm R. Mann, cidadão apresentado pelo jornal como membro da diretoria da *I. G. Farbenindustrie A G.*, *Especialmente para o Diário de Notícias*. A matéria, que ocupa toda a terceira página do vespertino, faz amplo comentário sobre o desenvolvimento da ciência na Alemanha, pois os “*exitos alli alcançados são os mais valiosos, visto se referirem directamente á vida do homem, á sua saude, á sua capacidade de trabalho e á alegria de viver*”.

Os progressos da medicina alemã são apresentados no Diário de Notícias enquanto no país teuto cientistas nazistas realizavam experiências genéticas com seres humanos com o objetivo de desenvolver um “super- homem alemão”. No início de 1941, 70 mil doentes mentais foram assassinados pelo regime nazista (Kurtz, 2002, *in* www.intercom.org.br). A reportagem integrava uma série de matérias no mesmo estilo: discutir os progressos científicos da Nova Alemanha. Esses textos eram publicados em intervalos de uma semana e, na maioria das vezes, ocupavam uma página.

A vitória alemã é melhor para o Brasil

As possibilidades econômicas alemãs no Brasil eram significativas, conforme visto no segundo capítulo e na primeira parte deste. Em guerra, a nação germânica continuará buscando exercer influência nas relações comerciais com o governo de Vargas. O cacau, o fumo, o algodão, diversos outros produtos agrícolas, matérias primas e a exploração de reservas minerais atraíam o interesse germânico. Stanley Hilton (1977) chama-nos atenção a respeito da enorme comunidade alemã existente no Brasil nesse período. E boa parte dela, de

acordo com Hilton, era constituída por empresários que exerciam grande influência na indústria local.

Nesse contexto, o papel editorial exercido pelo Diário de Notícias sob o comando de Balbino, no tocante aos aspectos econômicos que estariam em jogo no conflito, diferirá em alguns pontos em relação ao discurso trabalhado na fase Requião. A partir de 1940, o vespertino baiano destacará com mais veemência as vantagens que o Brasil e a Bahia teriam com uma possível vitória alemã na Segunda Grande Guerra, então recém iniciada.

E esse discurso será explícito, ocupando, muitas vezes, chamadas de capa. Num exercício de “futurologia”, os textos afirmavam o triunfo do Reich e as medidas econômicas que seriam tomadas em relação ao Brasil numa situação posterior. A palavra das autoridades financeiras e econômicas da Alemanha dará peso a essas matérias, cujos conteúdos serão, quase sempre, reprodução de discursos dessas autoridades.

Menos de um ano após iniciada a guerra, o Diário de Notícias estampa na capa da edição de 26 de julho de 1940 um sugestivo título: *“Terminada a guerra a Alemanha encetará a grande campanha economica de permuta dos seus productos industriaes por matérias primas – diz o ministro Funck; O cacau e o fumo da Bahia entram em larga escala no programa de compensações do Reich”*. Título e subtítulo não deixam dúvidas quanto à intenção dessa comunicação. Falam por si só. As palavras são de Walter Funck, presidente do Reichsbank e ministro da Economia da Alemanha à época. A entrevista ocupa uma página. O ministro fala de uma “nova Europa” que se ergue sob a hegemonia alemã. No que se refere às possibilidades de incremento dos negócios com os países da América do Sul, Funck foi enfático:

(..) o dr. Funck citou como exemplos vários productos, como o petróleo, o chá, o café e o cacau, e afirmou que durante a guerra a Alemanha melhorou consideravelmente a sua base de materias primas e, depois de victoriosa, alcançará um potencial de exportação sem precedentes, especialmente com respeito ao carvão, potassa, ferro, madeira, productos syntheticos e novos materiais (...) (Diário de Notícias, 26/07/40, edição nº 10.946, p 8).

Ao longo de todo o processo de propaganda política do nazismo observado no Diário de Notícias, pela primeira vez se estabelece no jornal um discurso direto, o qual diz claramente o porque do interesse da vitória alemã por parte do jornal. A matéria não deixa dúvidas quanto a intenção de “ganhar” o leitor para a causa. Interessante notar que a entrevista do ministro do Reich é abrangente e pontua diversos assuntos da economia internacional face ao momento de guerra que o mundo atravessava.

Registre-se também que no mesmo texto é desvelado, de forma clara e objetiva, o embate entre os Estados Unidos e a Alemanha quanto à influência econômica de ambos na América do Sul. Diz o ministro alemão: “*Para poder commerciar com os estados sul-americanos não necessitamos da mediação dos Estados Unidos*”.

Nessa mesma linha, o jornal dá outro título sugestivo à matéria da Transocean: “*Um triunfo allemão seria mais proveitoso para a America Latina*” (Diário de Notícias, 18/09/40, edição nº10.991, capa). O texto da agência repercutia o posicionamento do jornal espanhol *El Mundo* sobre os acontecimentos internacionais. A posição editorial do jornal franquista ganha destaque de título de capa no Diário de Notícias.

Com o mesmo discurso, a matéria de título e subtítulo *A Allemanha como futuro consumidor de café; Resta saber se o Brasil conseguirá caminhos e meios para aproveitar as possibilidades*, falava sobre o mercado alemão e as chances que se apresentavam aos produtores locais face aos interesses germânicos.

(...) Paiz eminentemente productor de café, o Brasil toma conhecimento desses factos com especial interesse, pois deprehende-se das informações assim divulgadas que a Allemanha tem a intenção de cultivar, no futuro próximo, com especial carinho, o consumo do principal producto de exportação do Brasil (...). (Diário de Notícias, 17/09/40, edição nº10.989, p. 8).

Essas matérias, invariavelmente, comentavam o bloqueio marítimo exercido pela Inglaterra, o que impossibilitava a intensificação do comércio germânico com as Américas. Assunto de suma importância para os interesses alemães, este, em diversos momentos, será tratado no Diário de Notícias sob o ponto de vista do próprio Führer. Vários posicionamentos do líder nazista eram destacados em títulos no jornal, como segue o exemplo abaixo:

“A guerra demonstrou que outras potencias não podem substituir a Alemanha nos mercados da América do Sul. Ambas as partes esperam com interesse o dia em que poderá ser reiniciado o commercio normal” (Diário de Notícias, 05/08/40, edição nº 10.953, p. 8).

Esta matéria registra um detalhe que julgamos não poder passar despercebido. O texto é ilustrado com a foto do navio Parahyba, pertencente à Marinha Mercante brasileira. Na sua legenda encontra-se o seguinte texto: “*Um navio nacional, dos poucos que na phase actual ainda frequenta o nosso porto*”. Interessante notar que a frase é publicada em primeira pessoa. O “nosso porto” indica não um porto localizado em território brasileiro, mas sim alemão. A imagem do Parahyba e o texto que a compõem foram enviados pela Transocean. O discurso denota o nível de penetração editorial que a agência exercia sobre o Diário de Notícias. A matéria deixa confusa, propositadamente ou por “descuido” dos editores do jornal, qual a nacionalidade do vespertino, se alemã ou brasileira.

Outro título emblemático foi publicado na capa do jornal um mês depois: “*Estamos fartos de receber prescrições da Inglaterra sobre se podemos tomar café ou não; Agora prefiro combater até chegar a uma situação clara – Sensacional discurso de Hitler*”. Um recurso gráfico é utilizado para destacar a frase de Hitler, onde as duas primeiras palavras, “Estamos fartos”, têm seus caracteres aumentados significativamente, tomando toda a extensão horizontal da cabeça da página. Aqui achamos necessário demonstrar a imagem desse título. Segue abaixo:



Diário de Notícias, 05/09/40, ed. nº10.980, capa

O discurso do Führer enviado pela Transocean atacava o bloqueio continental inglês, a maçonaria e o judaísmo internacional. O texto é ilustrado com a fotografia de Hitler que traz a seguinte legenda: *“Adolph Hitler, supremo chefe da Alemanha, que teve, hontem, oportunidade de pronunciar mais um discurso de repercussão universal”*. Segue trechos do discurso:

(...) Para isso (a normalização do comércio entre a Alemanha e as américas) deve-se acabar duma vez por todas com o abuso que consiste em uma só nação poder bloquear um continente inteiro (...) agora prefiro combater até chegar a uma situação clara (...) A situação do nacional-socialismo é interpretada alhures pelas concessões sociaes e tão odiada pelo judaismo internacional e pela maçonaria, porque taes elementos estão convencidos que é preciso acabar com o desenvolvimento salutar, a que nos propuzemos (...)(Diário de Notícias, 05/09/40, edição nº10. 980, capa).

Discursos do Führer no Diário de Notícias não eram algo inusitado, muito pelo contrário até freqüentes. Todavia, com o desenrolar do conflito passaram a ser publicados pronunciamentos mais contundentes do líder alemão, cujos trechos eram aproveitados pelo jornal como títulos das matérias de capas. A causa alemão vai gradativamente se deslocando

para a primeira página e, como visto no exemplo anterior, a utilização da primeira pessoa nesses títulos será uma constante. O jornal efetivamente se engajara, destinando quase que todo seu espaço ao material despachado pela Transocean.

Nessa fase, quem terá participação freqüente comentando sobre a política externa germânica é o ex-embaixador Karl Ritter. Personagem central do mal estar diplomático entre o Brasil e seu país no ano de 1938, o diplomata Ritter buscará dizer nos seus comentários como a nova Alemanha estava reorganizando o tabuleiro econômico da Europa e do mundo. No entanto, os artigos do diplomata não tangenciavam o Brasil, resumiam-se à realidade européia.

Vale registrar que, assim como Ritter, outros funcionários do segundo e terceiro escalões do Reich também tinham participação nas páginas do Diário de Notícias, a exemplo de Gustav Schlotterer, apresentado como "*Director ministerial no Ministério da Economia do Reich*". Os textos desse funcionário não diferirão em conteúdo aos de Ritter. Ambos comentavam sobre a nova economia que se estabelecia no mundo com o sucesso alemão na guerra.

O jogo das imagens

A preocupação com a imagem era corrente na propaganda nazista. Não sem razão que Joseph Goebbels acreditava que uma boa imagem tinha poder de persuasão mais do que "mil palavras". A fotografia, o cinema e as artes visuais em geral compunham os mais importantes instrumentos de propaganda do Terceiro Reich (Domenach, op., cit., p.52).

Vamos contar a história da Guerra eram quadrinhos que tinham como objetivo informar didaticamente o leitor sobre o conflito, assim como entrete-lo. A seção era publicada na capa do Diário de Notícias e relatava alguns detalhes sobre as diversas batalhas ocorridas durante os anos de 1940 e 1941 envolvendo a Alemanha e a Inglaterra. Segue a gravura abaixo como exemplo:



Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999, capa

Este *storie board* busca conduzir o leitor ao palco dos acontecimentos da batalha pela posse do estreito de Narvik, no Atlântico Norte. Os desenhos expressam movimento ao relato e, num exercício de ficção, tentam reproduzir, até mesmo, expressões de preocupação do primeiro ministro Wilson Churchill ante à derrota da Marinha Britânica nessa batalha.

Nessa “historinha”, o navio Hunter, da Real Marinha Britânica, sofre pesado ataque dos navios de guerra alemães. Diz a legenda do nono quadrinho: *“Avariados pelo fogo intenso das unidades alemãs e, apesar disso, os barcos ingleses insistiram, teimosamente, numa luta, que importaria na inevitável derrota que de facto se verificou”* (Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº10.999, capa).

Entretenimento e informação articulam-se. Aqui novamente nos deparamos com a heroificação do soldado e das forças militares alemãs, dessa vez lançando mão de recurso de linguagem que enseja a emoção. Informa a legenda do quadrinho de número oito:

“O numero de feridos sobe então a considerável somma. No fragor da tormenta, provocada pela inopinada agressão das unidades inglesas, os marinheiros das unidades alemãs carregam seus companheiros atingidos pelos estilhaços” (Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº10.999, capa).

A fotografia de guerra publicada no *Diário de Notícias* era um outro recurso visual voltado a “emocionar” o leitor com os fatos. Diferente das fotografias de Adolf Hitler publicadas no jornal desde 1935, as novas imagens que passam a figurar no vespertino fugirão à única representação da figura do estadista sempre em pose oficial. As novas representações fixarão a figura do Führer em situações diversas do seu dia-dia, transmitindo também momentos da vida na Alemanha e do *front* da guerra.

As imagens objetivavam apresentar uma Alemanha vitoriosa, conduzida por um grande líder, sorridente e amável e que mantém contato direto com seu povo. As reuniões do Reichstag mostrarão as lideranças do partido nazista em posições uniformes, braços direitos levantados saudando o Führer e tendo ao fundo seus estandartes e símbolos. Por outro lado, as fotos denunciarão a “agressão” sofrida pelo povo germânico por parte dos ingleses, expondo enterros de civis alemães, inclusive crianças, vitimados pelos ataques britânicos.

Parte dessas fotografias enviadas pela Transocean buscava projetar a figura carismática de Adolf Hitler. Assim ocorre, por exemplo, nas montagens de imagens publicadas numa das capas do mês de setembro de 1940. O texto-legenda é uma ode à figura do líder alemão. Na composição de um grupo de fotos, o Führer é passado como uma pessoa comum, que lê um livro distraidamente, que abraça crianças e velhos e se desdobra em gargalhadas numa alegria esfuziante. Segue o texto e em seguida a imagem:

HITLER NA INTIMIDADE – Difficilmente se ha de encontrar na Historia um nome tão discutido. Uns o idolatram. Outros o odeiam. Ninguém, no entanto, lhe negará as virtudes de grande conductor de povos. Este homem tão poderoso, hoje, não se esquece, porém, de que é homem. E a gravura no-lo mostra em flagrantes de alto interesse (*Diário de Notícias*, 02/09/40, ed. nº 10.977, capa)

A imagem que se segue complementa o texto:



Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977, capa

Em outros momentos a figura do líder alemão é publicada em perfil tendo ao fundo lideranças menores do IIIº Reich, a exemplo do marechal Hermann Goering, um dos seus auxiliares diretos e homem de extrema confiança do Führer. A imagem demonstrada na página seguinte foi largamente utilizada pelo Diário de Notícias entre os anos de 1940 e 1941.



Conforme a leitura de Jorge Pedro Sousa (1998) sobre a “dramatização” da imagem na imprensa escrita na década de 30,

(...) Pelos finais dos anos trinta, a proliferação de fotos, maiores e mostrando mais acção, emoção e detalhe (...), não evitou, contudo, que (...) parte dessas imagens fossem o que designamos por *pseudo-fotografias-jornalísticas*, isto é, fotografias encenadas, fabricadas especialmente para serem objecto de discurso fotojornalístico, especialmente por políticos e seus promotores de notícias (...) que alimentam o mito do herói nas sociedades modernas (Sousa, 1990, in www.bocc.ubi.pt).

A guerra narrada por intermédio de quadrinhos e as formas apologéticas de representação das fotografias, sempre dramatizadas, conduz-nos à avaliação que o Diário de Notícias atuou na perspectiva do fascismo cultural. Introduz-se esteticamente a barbárie num meio de comunicação de massa como instrumento de propaganda política e, ao mesmo tempo, utilizando esse recurso como possibilidade de entretenimento.

Buscava-se desvelar emoção na representação dessas imagens. Conforme o crítico de cinema alemão Hans Feld (1996), a exibição das imagens dos líderes nazistas em perfis, os braços estendidos saudando o líder e os *close-ups* dos rostos em devoção ao Führer “atuavam como uma força programada” (Feld, 1996, in TV nacional, O Quarto Poder). Era a política em movimento. O discurso do poder, Conforme Foulcault, remete à possibilidade de induzir prazer e formar saber (Foulcault, 1998, p.08).

1941 - O ano das grandes manchetes

À medida que a guerra avançava para seus desfechos mais dramáticos, o Diário de Notícias vai conduzir a cobertura do conflito retomando o discurso de combate ao bolchevismo, agora vinculado à perspectiva da destruição física da União Soviética. Do mesmo modo que permanece em pauta o esmagamento do Reino Unido. Em ambas as frentes de combate a Alemanha estará lutando contra o marxismo e o liberalismo inglês “decadente”, ideologias que serviam como pano de fundo à atuação da “judiaria internacional”.

O discurso sobre a neutralidade do Brasil se dará paralelo a esses temas. O jornal desenvolverá intensa campanha no sentido de explicar a política externa do país, que, segundo

o Diário e Notícias, não se poria contrária à do Eixo. Nessa perspectiva, tanto os países que compunham esta aliança quanto o governo de Vargas tinham um traço em comum: o combate ao comunismo.

A “dança” diplomática

A questão da neutralidade do Brasil merece sucinto comentário. A postura editorial do Diário de Notícias, como de resto à de outros jomais brasileiros que também faziam propaganda nazista, refletia a influência que a Alemanha exercia no Brasil já em plena guerra. O subvencionamento de jornais por parte da embaixada alemã havia despertado a preocupação dos diplomatas norte-americanos no país, fato já comentado no capítulo anterior.

Mas não só a ação de mídia. O assédio econômico e o trabalho de espionagem alemães em solo brasileiro vinham preocupando as autoridades norte-americanas e inglesas. Para eles, essa influência era perigosa às pretensões estratégicas dos Aliados. Nesse período, conforme Hilton (1977), por conta das facilidades dispensadas aos interesses germânicos, o regime de Vargas será alvo de intenso monitoramento. Estava prevista até mesmo uma intervenção militar no país caso o governo local se mantivesse na órbita de Berlim de forma mais contundente:

Em Washington, durante uma época, houve discussões de alto nível sobre a possibilidade (da influência alemã no Brasil ser prejudicial aos aliados) (...) A Escola de Guerra do Exército (Army War College) completou um estudo secreto que visava determinar quantas tropas norte-americanas seriam necessárias para suprimir um levante nazi-fascista no Brasil, e dessas discussões e estudos surgiram os famosos planos *Rainbow*, o primeiro dos quais constituía-se no plano básico de defesa nacional dos EUA e incluía o Nordeste do Brasil dentro do perímetro defensivo norte-americano (Hilton, op., cit., p.242).

A despeito da apreensão dos líderes aliados e da pressão exercida pelo presidente dos Estados Unidos, Franklin Delano Roosevelt, Getúlio Vargas encontrava-se titubeante quanto aos destinos da guerra e do Brasil no conflito. Até meados de 1941 seu governo mantinha

inalteradas as relações comerciais com a Alemanha, buscando inclusive proteger os navios mercantes daquele país que se encontravam ancorados nos portos brasileiros.

O objetivo era assegurar o cumprimento dos contratos de compra e vendas de produtos com a Alemanha. Vargas conduziu uma relação extra-diplomática com as autoridades germânicas. Ele excluía o ministro das Relações Exteriores, Osvaldo Aranha, do circuito, e mantinha conversações paralelas com a Embaixada Alemã (Cohen, op., cit., p.83).

A posição política de Vargas, de alguma forma, era contrária as decisões tomadas pela diplomacia brasileira um ano antes durante a Conferência de Havana, iniciada em 21 de julho de 1940. Os Estados Unidos ainda não estavam em guerra com as forças do Eixo, ainda que instrutores e militares norte-americanos já se encontrassem na Inglaterra auxiliando os britânicos. Mas a pré-situação de guerra entre o governo norte-americano e os países nazifascistas já era uma realidade. A entrada dos Estados Unidos no conflito era só questão de tempo, de pouco tempo.

Na reunião de Havana, o Brasil fora signatário de um documento no qual as nações do continente fizeram um pacto de defesa mútua:

qualquer tentativa por parte de um Estado não-americano contra a integridade ou inviolabilidade do território, soberania ou independência política de um Estado será considerada ato de agressão contra todos os Estados que formaram a presente declaração (Silva, op., cit., b, p.240)

A ata foi aprovada pelo governo brasileiro em 23 de setembro de 1940. No entanto, como visto, na prática essa sintonia com os interesses norte-americanos ainda não se afinara. A atuação do Diário de Notícias no ano de 1941 espelhará a indefinição do governo de Vargas quanto aos destinos do Brasil na guerra. A ação de mídia alemã continuará ocupando todos os espaços disponíveis possíveis.

Não só o Diário de Notícias. A cadeia de mídia organizada pela propaganda do NSDAP na América do Sul estará em pleno funcionamento. No Rio de Janeiro, os jornais Meio Dia e o Diário Carioca terão atuação similar à do jornal de Balbino. Realizarão ampla campanha de guerra para o Terceiro Reich. Não temos imagens do segundo veículo citado, no entanto, segue foto de capa do jornal Meio Dia em edição desse período:



Fig. 1. Página de abertura do jornal "O Dia", 17/01/41, p.01.

A guerra é a “paz”

Em 1941 a Segunda Grande Guerra já apresentava sua face mais violenta. A Alemanha ocupa boa parte da Europa e o Japão prepara-se para atacar a base norte-americana de Pearl Harbor, no Pacífico. Milhares de indivíduos se encontravam presos em dezenas de campos de concentração na Europa para serem exterminados e a carnificina estava presente em todas as frentes do conflito.

Pela ótica do Diário de Notícias, a Alemanha continuava lutando contra a opressão inglesa. Segundo o jornal, o Terceiro Reich não estava agredindo a Inglaterra e sim reagindo contra *“o poderio que (a Inglaterra) julga exercer no mundo, em proveito exclusivo de traficâncias e rapinagens irritantes e consuetudinárias que garantem aos onzenários judeus e plutocratas o empanturrio monetário”* (Diário de Notícias, 17/01/41, p.03).

Esta assertiva trata-se de um trecho de amplo comentário que fora publicado no jornal na coluna *Sobre a Guerra*. Nessa mesma edição, o império britânico é violentamente atacado, expondo, segundo os propagandistas nazistas, todas as arbitrariedades perpetradas pelos ingleses nas suas colônias, como a Índia, a Palestina, o Chipre, Hong-Kong, Honduras, Malta, Malaca, Gilbratar e Ceilão.

Outras críticas são desveladas ao bloqueio continental que a Inglaterra exercia no Atlântico. A medida havia imposto uma série de obstáculos ao retorno da Alemanha do navio mercante brasileiro Siqueira Campos. A embarcação transportava o último lote de armamentos comprados pelo governo de Vargas, em 1938, à fábrica alemã Krupp. O navio ficara impedido de cruzar o Atlântico e foi necessária forte gestão diplomática para liberar a mercadoria. Os ingleses desconfiavam de contrabando de armas e a diplomacia brasileira teve que provar o contrário.

No entendimento do Diário de Notícias, se a Inglaterra era o país que dificultava o convívio entre os povos, a Alemanha era a nação que buscava firmar a paz entre os países. Ainda que o mundo se mostrasse horrorizado com a fúria nazista na Europa, no jornal de Antonio Balbino os nazistas “preocupavam-se” efetivamente com a questão “pacifista”, conforme título dado pelo jornal à publicação do discurso de Hans Fritzsche, conselheiro do Terceiro Reich:

“Os alemães Procuram Estabelecer a Paz Entre os Povos da Europa; A Segurança Contra Os Opressores e a Justiça Social Interna”; Essa é a resposta aos políticos ingleses, que fizeram com que os povos da Europa, se armassem uns contra os outros” (Diário de Notícias, 17/01/41, edição nº 11.092, p.03).

O texto, que ocupa um quarto de página, é a reprodução, na íntegra, do discurso de Fritzsche, no qual ele finaliza: “*A Europa de hoje organiza e garante a sua paz sem o auxílio do palpite inglêz. E este é o verdadeiro sentido da revolução européa*”.

A comemoração dos oito anos da posse do Führer na chancelaria alemã não passará despercebida no jornal: “*Há Oito Annos, Na Data de Hoje, Adolf Hitler Subia Ao poder Na Alemanha*”. O título da edição de 30/01/41 é completado com um texto que se traduz numa ode à figura do ditador alemão:

(...) na data de hoje subia ao poder na Alemanha o sr. Adolf Hitler. Homem de origem humilde, soldado combatente nas trincheiras da primeira grande guerra – o “führer” do Reich chegou ao posto de chanceler por escolha de Hindenburgo (...) o que foi sua obra, nestes oito annos, está na memória de todos. A

Allemanha se transformou. Ressurgiu. E passou a ser a maior potencia militar do mundo. Hitler, hoje, é um nome de significação histórica. (Diário de Notícias, 30/01/41, edição nº 11.103, p.03).

Ainda que com um certo atraso (em 02/02/41), o Diário de Notícias não deixa de publicar também, na íntegra e na capa do jornal, a mensagem de final de ano (de 1940) de Adolf Hitler. O discurso enviado pela Transocean ocupa metade da primeira página e é ilustrado com a foto do chanceler. O título comunica: *“A íntegra da Mensagem de Fim de Anno Dirigida Pelo Fuehrer Alemão aos seus soldados e ao povo”* (Diário de Notícias, 02/02/41, edição nº 11.106, capa).

O discurso do mandatário alemão, uma manifestação de votos de final de ano aos soldados e ao povo do seu país, ocupa metade da capa do Diário de Notícias e é publicado dois meses depois de ocorrido. Recheado de ataques à Inglaterra, à França, à comunidade judaica e ainda poupando a União Soviética, o pronunciamento esforçar-se para explicar as origens do conflito que, segundo ele, teve como causa a ambição dos ingleses e franceses. Um clichê que havia se tornado usual nas páginas do Diário de Notícias.

O jornal editou o discurso destacando alguns dos seus trechos no corpo do texto, recurso denominado na linguagem jornalística como “olhinhos” ou “janelas”. Forma de diagramação que busca chamar atenção do leitor para as idéias da fonte da matéria que o editor julga mais importantes de serem destacadas. Nesta edição, Edgar Pitangueira, redator-chefe do jornal à época, deu destaque às seguintes considerações de Hitler: *“No anno de 1940 deram-se decisões como jamais haviam tido lugar na historia dos povos, com tal extensão e tamanha rapidez”*. O outro destaque foi: *“Aos financistas democraticos era indifferente que esta guerra, sem motivo algum, podesse dictar a vida e a saúde de milhões de pessoas”*.

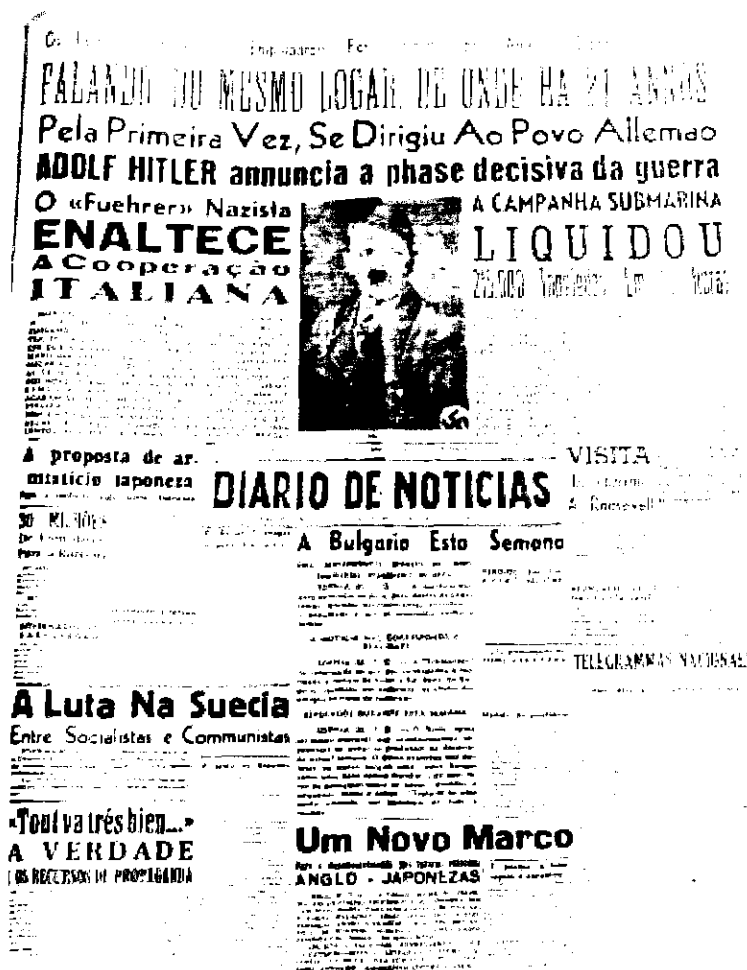
A presença do ministro da propaganda alemão Joseph Goebbels nas páginas do Diário de Notícias se deu com mais frequência a partir de 1935. Num primeiro momento combatendo o comunismo e alertando contra o “perigo judaico”, conforme visto na primeira parte deste capítulo. Ao longo da cobertura da Segunda Guerra, o auxiliar de Hitler explicará no Diário de Notícias a *“criação do primeiro estado social da Terra”* (Diário de Notícias: 1941), que se daria, conforme ele, com a vitória alemã:

“(...) a plutocracia, para qual a guerra não é outra coisa senão a defesa dos privilégios da classe favorecida, que não quer compreender que o domínio do dinheiro passou definitivamente (...)” (Diário de Notícias, 12/02/41, edição nº 11.114, capa).

Assim como Goebbels, Hans Fritzsche, o conselheiro do Terceiro Reich, continuava sua ação de contra-propaganda à comunicação dos aliados. Seus pronunciamentos na Rádio de Berlim eram transcritos no jornal, como indica o seguinte título: *“Falar Pelo Radio; A Propaganda Alemã já está sendo considerada pelos próprios ingleses como precisa e fiel”* (Diário de Notícias, 14/02/41, edição nº 11.116, p. 8). No rodapé do título, o seguinte comentário: *“Palestra do notável conferencista dr. Hans Fritzsche”*. No texto, os mesmos ataques à Inglaterra, à judiaria internacional etc.

O destaque dado à guerra pelo Diário de Notícias no início de 1941 superou, até mesmo, a cobertura dos festejos do Carnaval desse ano na capital baiana. Na edição da quarta-feira de cinzas, de 26/02/41, nada se comentou sobre o evento, limitando-se apenas a uma sucinta observação sobre o Carnaval do Rio de Janeiro, que ocupou menos que 1/8 de página.

A despeito da guerra, de alguma forma, ter ofuscado o brilho da festa nesse ano, essa não foi a postura dos demais órgãos de imprensa de Salvador, que cobriram e comentaram a folia momesca da cidade. Tal fato nos confirma o distanciamento gradativo do veículo em relação aos acontecimentos da sua localidade, uma postura que o jornal vinha assumindo desde que o conflito eclodira. Na edição desse dia, quase toda a capa do vespertino é tomada por informes da agência de notícias Transocean. A fotografia de Hitler fora publicada no meio da parte de cima da capa, como sempre em destaque. Segue gravura na página seguinte:



Diário de Notícias, 26/02/41

Como se vê, o Carnaval que o Diário de Notícias pretendia destacar não era outro senão a festa nazista pelo anúncio do Führrer em antecipar uma nova fase da guerra. O título principal é apologético: *“Falando, do mesmo lugar, de onde há 21 anos Pela Primeira Vez, Se Dirigiu Ao Povo Alemão; Adolf Hitler anuncia a phase decisiva da guerra”*. Apenas um assunto toma toda a capa do jornal: a guerra. Vista, é claro, pelo ponto de visto alemão.

A matéria, anunciada com estardalhaço pelo jornal de Antonio Balbino, versava sobre a entrada em ação dos novos submarinos alemães, cujas tripulações foram treinadas para participar das batalhas nos mares. Merece destaque o fato de que o texto refere-se ao pronunciamento de líder ocorrido no dia anterior à edição do jornal, 25/02, e publicado poucas horas depois. Um serviço de informação bastante eficiente para o período. O texto da Transocean mantinha-se no mesmo nível de estilo e conteúdo, utilizando sempre citações do próprio Hitler, como se pode observar na próxima página. Segue:

Munich, 25 (T.O) - Hitler, discursando ontem, deu a conhecer que a guerra marítima vai começar agora, pois as tripulações dos novos submarinos alemães acabam de ser instruídas e já podem entrar em acção (...) “As minhas esperanças repousam no exito de um mundo melhor” (...) (Diário de Notícias, 26/02/41, edição nº 11.125, capa).

Apologética também foi a capa do Diário de Notícias quando da ocupação da Grécia pelo Exército Alemão. O país já se encontrava sob o jugo das forças italianas, que se mostravam incompetentes para assegurar a manutenção da ilha. O exército de Hitler invadiu a Grécia no dia cinco de abril. O general Kurt Student comandou o primeiro ataque aerotransportado que se teve conhecimento na História, reunindo na ilha 500 aviões de transporte, 70 planadores e uma considerável força de bombardeiros. O general neozelandês Freyberg, comandante de uma tropa mista de 14 mil homens, entre ingleses, neozelandeses e gregos, não resistiu ao ataque, capitulando às forças germânicas.

Comemorando o feito, o Diário de Notícias estampa sua edição do dia 19 de abril de 1941: “*A bandeira do Exercito alemão já está tremulando, vitoriosa, nos cismos do Olimpo; O avanço das forças allemãs nos despenhadeiros gregos torna inevitável a derrocada da Grécia*” (Diário de Notícias, 19/04/41, edição. nº 11.169, capa).

À semelhança da matéria anterior, esta também ocupará a cabeça da capa do jornal, utilizando como destaque de ilustração imagens do exército alemão em desfile. O texto do título da capa e as fotos utilizadas articulam-se. Na composição, busca-se frisar e consolidar a potência das forças militares alemãs. Novamente braços erguidos em saudação ao líder e homens enfileirados. Joga-se com a emoção, com a vibração: “... *a bandeira alemã tremulando nos cismos do Olimpo...*”. No Diário de Notícias, a cobertura da guerra pelas suas manchetes ganha narrativa novelesca. Segue imagem da capa do jornal na página seguinte.



Diário de Notícias, 19/04/41

E o texto da Transocean trabalha com linguagem de panfleto:

“Informa-se, de fonte competente, que os alemães expulsaram os ingleses de suas posições fortificadas, na Grécia Septentrional (...) As tropas alemãs continuarão seu vitorioso avanço, embora o inimigo se encontre nos picos dos desfiladeiros. (Diário de Notícias, 19/04/41, edição nº 11.169, capa).

Importante notar que a “matéria” não se refere às duas partes em guerra. A informação remete-se aos alemães, e “seu vitorioso avanço”, em contraponto com seus “inimigos”. Note-se também que, à semelhança da capa anterior comentada, esta não dispensa nenhuma notícia sobre a praça de Salvador ou o Estado da Bahia, dando um mínimo espaço à nota de aniversário do presidente Getúlio Vargas, a qual é ilustrada com a fotografia oficial do mandatário da nação.

Com o desenrolar do conflito e a pavimentação de uma aliança militar cada vez mais concreta com o Japão por parte do Terceiro Reich, o jornal terá algumas participações de comentaristas japoneses, que tecerão considerações sobre a guerra. Esses ocuparão a coluna de nome *A colaboração estrangeira*. O nome dado a esse espaço não pode passar despercebido. À essa altura dos acontecimentos, ao que parece, o estrangeiro não dizia mais respeito à participação alemã no jornal, e sim à japonesa.

Um dos que figuraram nessa coluna foi o ministro do Exterior do Japão, Yosuke Matsuoka. Um dos artigos da autoridade japonesa é publicado na edição do dia 19/04/41 com o título *A nova Ordem no Mundo*. O comentário de Matsuoka não diferia do discurso lugar-comum apresentado pelo jornal: ataques à Inglaterra e aliados e as virtudes do Estado nacional-socialista que estava revolucionando a Alemanha e revolucionaria o mundo. Vale observar que a participação dos comentaristas nipônicos eram eventuais, aparecendo poucas vezes no jornal.

Defendendo o mundo contra o comunismo

Não sem razão que a aliança estabelecida entre a Alemanha, a Itália e posteriormente o Japão autointitulou-se de Pacto Anti-Komintern ainda na década de 30. Barrar a expansão mundial do comunismo foi um objetivo político das forças nazifascistas no mundo e era alimentando esse ideário que a direita mundial acenava com a possibilidade de fragmentar a aliança que se opôs contra a expansão nazista na Europa.

Em 22 de junho de 1941 a Alemanha invadia a União Soviética. A operação *Barbarossa* reuniu três milhões de soldados para destruir aquele país e seu povo. O exército alemão, tendo a colaboração de tropas fascistas da Hungria, Itália, França e Ucrânia, entre outras, chegou às portas da cidade de Stalingrado, não conseguindo transpor àquela cidade-trincheira para acessar os campos de petróleo dos Urais. A Alemanha começava a perder a guerra e se concretizava a profecia feita pelo próprio Adolf Hitler alguns anos antes: “*quando a URSS entrar em marcha, o mundo reterá sua respiração*” (Broué, 1995, p.66).

O início da marcha sobre o território soviético assim foi descrita pelo Diário de Notícias na edição de 30/06/41: “*Falou o Alto Comando Alemão: 4.107 aviões Perderam os russos em 7 dias; Vitória contra as forças bolchevistas definitivamente assegurada*”. O título citado, graficamente destacado em grandes fontes, encabeça a capa desta edição, totalmente tomada por matérias e informes da Transocean sobre a operação de guerra alemã. No mesmo espaço gráfico, duas *janelas* chamam à atenção do leitor sobre o ocorrido, sugerindo a posição do jornal, em primeira pessoa, sobre o fato:

Em legítima defesa, diante do grave e iminente perigo que ameaçava a fronteira de leste da Alemanha, os nossos exércitos, no dia 22 de junho, às 3 horas da madrugada, iniciaram a ofensiva contra o governo soviético. (Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228, capa).

O texto de abertura da matéria, que teve como fonte o Alto Comando Alemão, enceta o discurso apologético sobre a campanha do Terceiro Reich na URSS:

BERLIM, 29 (T.O.) – Conforme havia previamente anunciado, o Alto Comando do Exército Alemão, em repetido

comunicados especiais emitidos do Quartel General do Führer, deu conhecimento ao povo alemão da marcha das operações militares desenvolvidas (...) contra o governo soviético. Os comunicados especiais tiveram a maior divulgação pela imprensa e pelo rádio e foram acolhidos com manifestações de indescritível entusiasmo em face das espetaculares vitórias obtidas pelas armas da Alemanha (...) (que) asseguram (..) a vitória final contra as forças bolchevistas (...) (Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228, capa).

Novamente o uso da primeira pessoa: “nossos exércitos”. No pequeno editorial do jornal, citado na página anterior e que abre uma série de notas e matérias na mesma edição sobre a recém iniciada operação *Barbarossa*, fica difícil de discernir o que seria a postura editorial do Diário de Notícias ou da agência Transocean. Vale frisar que o uso da primeira pessoa estará presente em toda matéria, que ocupa quase a totalidade da edição desse dia.

O mesmo discurso se dá quando ocorre o cerco alemão à cidade de Odessa, na República da Rússia: “*A maior cidade da Rússia Meridional completamente cercada pelas nossas tropas; Estará terminada, em breve, a luta em que nos empenhamos para arremessar o inimigo ao mar*”. O título abre a matéria mais uma vez ocupando toda a capa do jornal, na qual o exército soviético é, resumidamente, identificado como o “inimigo”.

“Para manter a cidade a todo transe (...) o inimigo lançou urgentemente à luta (...) militares, marinheiros, operários de fábricas, chauffeurs e outros homens (...) ameaçados pelos revólveres dos comissários judeus, os russos lutam até morrer” (Diário de Notícias, 25/08/41, edição. nº 11.276, capa).

E o inimigo defendia-se, como visto, “sob a ameaça dos judeus”. A guerra contra a União Soviética se assume como uma trincheira internacional contra o comunismo, retomando a tríade discursiva onde o liberalismo, o judaísmo, o marxismo e, de quebra, a maçonaria, seriam ideologias e instituições que se auto-cooperavam para destruir o mundo civilizado. Só que desta vez com o “auxílio” da Inglaterra, país aliado dos soviéticos. Para o Diário de Notícias:

A plutocracia judengo-maçônica tirou, enfim, a sua máscara (...) O Judaísmo combinou-se finalmente com o comunismo. Não podia baixar mais o despudor desse bando de aventureiros internacionais. Hoje, o judeu inglês abraça-se ao comunista russo (...) E o mundo cristão presencia, surpreso e horrorizado, a Inglaterra, ‘paladina da democracia’ auxiliar fortemente (...) a maior de todas as desgraças sociais: o comunismo russo (...) Estremece de pavor a alma da humanidade cristã (...)” (Diário de Notícias, 14/07/41, edição nº 11.240, p.3).

A convicção de que a *“Alemanha extinguirá o comunismo da Europa”*, se daria em *“Uma campanha de defeza contra uma expansão perigosa”*, conforme, respectivamente, título e subtítulo dados à capa do jornal da edição de 03/07/41. A matéria que dá sequência aos enunciados na verdade era um discurso transcrito do conselheiro do Hans. Abrindo o pronunciamento de Fritzche, o jornal tece o seguinte comentário:

A idéa duma solidariedade européa está si consolidando, em virtude da cruzada contra o bolchevismo que tantos vestígios sangrentos deixou na Alemanha, Italia, Hungria, Rumania, França e Espanha (Diário de Notícias, 30/07/41, edição. nº 11.231, p.03).

As palavras do conselheiro que se seguem ao comentário-editorial do vespertino expunham o discurso “senso-comum” do Diário de Notícias quanto à natureza do conflito, resumido na luta alemã contra o complô da “plutocracia inglesa e o bolchevismo soviético”, tendo como intermediários os “elementos judeus”.

Além das matérias referentes às batalhas que se traduziam em vitórias alemãs, o Diário de Notícias não deixará de continuar publicando os discursos de Adolf Hitler no calor dos acontecimentos. Neles, o Führer “explicava” a luta contra o bolchevismo, a qual, segundo ele, se constituía numa mediada proativa ante a escalada soviética na Europa e no resto do mundo. Nesses discursos, o líder alemão alertava as nações sobre o perigo que a “hidra comunista” representava. Para a publicação desses pronunciamentos, o jornal reservava toda a capa da edição.

No decorrer dos dois primeiros anos da Segunda Grande Guerra, a cobertura do Diário de Notícias buscou cristalizar a imagem do líder alemão como o homem que transcendia à figura do líder político para se constituir numa personalidade mítico-religiosa, assumindo o compromisso, perante a humanidade, de debelar o “mal do comunismo”. No editorial “*O Führrer e os povos latinos*”, publicado na edição do dia 15/07/41, o jornal de Balbino deposita uma espécie de esperança messiânica no líder nazista. O Diário de Notícias desvela apoio irrestrito ao projeto militar de Adolf Hitler, utilizando como argumento a postura do ditador português Salazar, que se declarara formalmente pró-Alemanha, uma posição que deveria ser seguida, segundo o vespertino, por todos os povos latinos.

(...) Enquanto a mocidade (alemã) se arregimenta em corpos expedicionários, para combater o bom combate contra os bolchevistas, todos os corações se elevam a Deus, intercedendo pelo êxito das legiões libertárias, que Hitler conduz na linha avançada de uma Civilização, ameaçada pelo judaísmo de Londres e pela infâmia de Moscou (...) Chegou a vez de Portugal, e nós, brasileiros, não podemos deixar de nos identificar aos destinos de nossos irmãos de além-mar (...) a alma luso-brasileira desconhece fronteiras, na comunhão dos mesmos sentimentos e dos mesmos ideais (...) Itália, França, Espanha e Portugal – marcos milenares e fulgentes da formação rácica – se encontram ao lado da causa germânica, hoje transformada em guerra santa da Humanidade, em demanda angustiada de Deus (...) Hitler, em virtude de um desses desconcertantes paradoxos históricos, extirpando, cerce o cancro comunista (...) Os povos latinos, sem exceção, embora neutros os que o são, emprestam toda sinceridade ao apoio moral de suas tradições á santa cruzada cristã, dirigida, providencialmente, pelo Führrer (...) a causa que o Reich defende não é apenas uma causa de direito e imediato interesse da comunidade humana, senão também uma moderna reconquista da consciência cristã, abençoada e dirigida por Deus! (Diário de Notícias, 15/07/41, edição nº 11.241, p. 3).

Pelo entendimento do Diário de Notícias, as ações “libertárias” de Adolf Hitler se constituíam numa “santa cruzada cristã”, projetando-se como uma barreira de defesa dos valores morais da sociedade ocidental. Nessa perspectiva, o “Problema Judaico” no jornal continuará sendo pauta constante. Artigos de Azevedo Amaral chamarão atenção sobre a presença dos israelitas no país e o que isto representava de ameaça à integridade da pátria brasileira.

O alerta do pensador correspondia à política antisemita em curso que o Estado Novo perpetrava. Segundo Amaral, o Congresso Internacional Judaico, que se realizava nesse mesmo mês nos Estados Unidos e iniciava uma série de denúncias sobre o holocausto nazista, já posto em prática no período, tinha apenas a intenção de excitar a comunidade israelita da América do Sul, fato que, para ele, se revestia em sérias ameaças ao Brasil.

Nesta perspectiva, no sentido de legitimar seu discurso antisemita e de franco apoio às investidas das forças alemãs, o Diário de Notícias não cessará de frisar a ponte ideológica existente entre as figuras de Adolf Hitler, Mussolini, Franco e o presidente Getúlio Vargas. Na opinião do jornal, a Alemanha não era uma ameaça e sim um país aliado na trincheira antiliberal, antijudaica e antibolchevique, pois,

No Brasil, antes de tudo, precisamos compreender o sentido da unidade política, cultural e econômica do Estado Novo. Os alemães possuem o seu Führer; os italianos o seu Duce; os espanhóis, o Caudilho; e nós, brasileiros, o nosso grande presidente. (Diário de Notícias, 01/12/41, edição nº 11.360, pág 8).

A guinada do Diário de Notícias

O texto acima foi uma das últimas associações feitas pela jornal entre o regime de Getúlio Vargas e a ideologia nazifascista. A política externa conduzida pelo governo brasileiro sofrerá alterações, colocando o país em rota de colisão com os interesses alemães e dos demais países do Eixo. Externamente, a pressão exercida pelo governo norte-americano surtiu efeito, aproximando o Brasil da sua órbita de interesses. Internamente, crescia o movimento anti-fascista. O quadro mudara.

“O mundo aguarda confiante nos aliados o dia em que serão justificados os promotores desta guerra”. O título é da capa da edição de 11 de julho de 1942. O Diário de Notícias já

não mais publicava despachos da agência Transocean e a propaganda nazista desaparecera do jornal. O início do processo de mudança da postura editorial do periódico baiano acontece após o Japão atacar a base norte-americana de Pearl Harbor. Os Estados Unidos declaram guerra ao império nipônico e, no Brasil, o governo de Vargas acirra a perseguição ao Partido Nazista para, logo em seguida, romper relações diplomáticas com os países do Eixo, o que aconteceu em janeiro de 1942. O título citado reflete esse momento.

Conforme Esther Cohen (1988), as medidas tomadas pelo governo brasileiro visavam impedir qualquer manifestação política organizada, principalmente de elementos comprometidos com atividades nipo-nazi-fascistas. Essas medidas foram conduzidas pela Seção de Segurança Nacional do Ministério da Justiça e dos Negócios Interiores. Ainda assim, os governos estaduais foram informados por esse órgão para conter quaisquer ações agressivas por parte de populares para com os súditos do Japão, Itália e Alemanha. O torpedeamento de navios brasileiros deixara a população indócil com esses grupos estrangeiros residentes no Brasil.

O corrido mobiliza a população de Salvador. Em 12 de março de 1942 os comunistas baianos organizam, segundo João Falcão, “o primeiro grito de guerra contra o nazismo no Brasil”. O povo baiano vai às ruas mostrar sua indignação para com os agressores e populares depredam lojas e estabelecimentos pertencentes a cidadãos alemães e italianos. Por ordem do Ministério da Justiça, o Clube Alemão de Salvador e a Casa D’Itália, onde funcionavam os respectivos consulados, são fechados, assim como o Colégio Alemão, um dos estabelecimentos de ensino mais conceituados de Salvador (Sampaio, op., cit., pp. 86-95). A partir dessas mobilizações, outras vieram a ocorrer na capital até a entrada do Brasil na IIª Grande Guerra, o que ocorre em 1944 com o envio da Força Expedicionária Brasileira (FEB) aos campos da Itália.

Não havia mais espaço político no Brasil para ações de mídia do NSDAP. Internamente, o governo de Getúlio Vargas assistia a disputa política entre Osvaldo Aranha e Filinto Muller, acirrada a partir de março de 1942. Muller é destituído do cargo de Chefe de Polícia do Distrito Federal, o que provoca reações enérgicas por parte da Embaixada alemã, que trata o Brasil como um “protetorado dos Estados Unidos” (Hilton, op., cit., p.293). Muller estava protegendo espões alemães presos pela Delegacia de Ordem Política e Social (DOPS).

As ações nazistas em solo brasileiro estavam sendo desbaratadas. A espionagem teuto fora desmantelada com a desarticulação da *Abwehr*, o serviço secreto germânico no país, fato que ocorre em de março de 1942.

O trabalho de imprensa também foi afetado. Ainda assim, com a impossibilidade de atuação dos funcionários da embaixada, o NSDAP investirá em jornalistas brasileiros para continuar realizando o serviço. Um deles era o cearense Geraldo Melo Mourão, que trabalhava no jornal pró-nazista do Rio de Janeiro *Gazeta de Notícias* (já comentado). Mourão, militante integralista desde 1935, “mantinha íntimas ligações com representantes da agência de notícias alemã Transocean” (Hilton, op., cit., p.298).

A iniciativa das autoridades alemãs não surtiu efeito. Os jornais diários pró-nazistas mudaram suas orientações editoriais. A partir de agosto de 1942, o *Diário de Notícias* passa a trabalhar apenas com despachos da agência inglesa Argos, desconfigurando totalmente o discurso produzido ao longo dos últimos sete anos. Nesse mesmo ano o jornal fora vendido ao condomínio dos *Diários Associados*. O país também iniciava seu processo de mudanças rumo à democracia. Passara-se mais uma fase das trevas nas imprensas da Bahia e do Brasil.

Considerações finais

O entendimento do comportamento editorial de um veículo de imprensa passa, necessariamente, pela compreensão da sociedade na qual o mesmo está inserido. Trata-se da relação do jornal com seu público, o que enseja opinião, aprovação, desaprovação, composição, oposição, distanciamento ou aproximação. Esta dinâmica, de alguma forma, elucida aspectos referentes às opções editoriais abraçadas pelos órgãos de imprensa e seu nível de repercussão na opinião pública.

Como visto no início deste trabalho, o campo jornalístico reflete uma seara de tensões, disputas e negociações entre os diversos agentes que permeiam sua prática. Nesta perspectiva, buscaremos levantar algumas questões referentes à trajetória do Diário de Notícias no período em estudo, posto que o jornal baiano fora uma referência política no Estado.

Aceitação? Indignação? Indiferença? Qual teria sido o posicionamento da sociedade baiana frente à atuação do jornal Diário de Notícias durante os anos de 1935 e 1941? Surtiu algum resultado a campanha pró-nazista desenvolvida pelo vespertino? As indagações não encontram respostas definitivas. No entanto, alguns aspectos relativos à cultura política local naquele momento histórico merecem ser comentados no sentido de apontarmos elementos que possam auxiliar esta análise.

O Diário de Notícias atuou, no período em estudo, numa sociedade marcada pela polarização. Autonomistas e juracistas disputavam o espaço político regional. Os primeiros não se conformavam com a interrupção do processo sucessório que se dera antes da Revolução de 30, o qual elegera para governador do Estado Pedro Lago, que não tomou posse. O movimento dos tenentes interrompera o processo. Chegou a se pensar numa resistência confiando nos efetivos da Polícia Militar e na força dos coronéis das regiões da Chapada Diamantina e do São Francisco (Tavares, 2001, p.382). O que não ocorreu.

Ao contrário, tais lideranças, como já citado, formaram a base política de sustentação da interventoria e posteriormente do governo de Juracy Magalhães, garantindo-lhe a formação de expressivas bancadas majoritárias na Assembléia Constituinte de 1934 e na Constituição Baiana de 1935.

Vale registrar que foi com o apoio de Juracy Magalhães que o proprietário e editor-chefe do Diário de Notícias, Altamirando Requião, se elegeu deputado federal em 1934. O Diário de Notícias era um jornal ligado ao poderes local e nacional. O apoio a Getúlio Vargas se deu sob o comando de Requião assim como com o ex-autonomista e deputado Constituinte em 1934, Antônio Balbino, que já havia se afinado com a política varguista quando assumiu o controle da empresa no final de 1939. Os dois momentos merecem ser discutidos em separado, embora ambos se dialoguem e forneçam elementos à conclusão desta análise.

O momento Requião

O apoio à revolução de 30 e à interventoria de Magalhães por parte de Requião colocou o Diário de Notícias em oposição aos interesses da maioria das lideranças políticas regionais. Opondo-se ao Movimento Autonomista, Requião abriu um flanco de luta com Ernesto Simões Filho e seu jornal A Tarde, um porta-voz da corrente e crítico pertinaz de Juracy Magalhães. A frente oposicionista no Estado unia remanescentes do calmonismo e do seabrismo assim como da ascendente corrente do mangabeirismo. Todas essas tendências se aglutinavam na Legião de Ação Social e Política (LASP), que no plano federal se posicionava contra o governo de Vargas.

Tal situação sugere um plausível isolamento do veículo em relação à maioria dos agrupamentos políticos locais no momento em que o jornal inicia a tórrida campanha pró-nazista e abria razoável espaço às notícias da Ação Integralista Brasileira, entidade que arregimentava contingentes no meio universitário soteropolitano, particularmente na Faculdade de Direito. Talvez aí se registrasse uma primeira contradição político-editorial do vespertino, já que Juracy Magalhães se postou como um algoz da AIB na Bahia.

O Integralismo, a nível regional, de acordo com Rubem Nogueira, se mantinha eqüidistante das disputas políticas locais, não se envolvendo com o juracisismo nem com o autonomismo (Nogueira, op., cit., p. 113). O autor sustenta que o que levava Juracy Magalhães a perseguir a AIB no Estado fora o fato da agremiação ter conseguido grande penetração no interior da Bahia. A organização, assim como o interventor, procurou se aproximar dos coronéis rurais a fim de ampliar suas bases políticas (Tavares, op., cit., p.393). A AIB cresce no interior. Segundo Nogueira, esta teria sido a razão da discórdia com esta agremiação política por parte de Juracy Magalhães.

A posição do Diário de Notícias, por sua vez, refletia a tensão existente entre sua postura editorial, pró Juracy, e sua aproximação com o Integralismo. Concomitante à esta situação o jornal se esmerava em noticiar propagandisticamente o regime do Terceiro Reich. Nas suas páginas, tanto se falava de Magalhães, quanto de Hitler assim como do Integralismo.

Esse nível de tensão certamente refletia o imaginário político da conservadora elite política baiana daquele período, que tinha na aguda e incisiva campanha anticomunista movida pelo jornal um ponto aglutinador que, de alguma forma, dissimulava essas contradições. Por outro lado, a atuação da ANL no Estado era pífia, caracterizada por Tavares (2001) como um “fantasma”. De acordo com o autor, os aliancistas não chegaram ao número de 90 no período de dois meses em que a entidade atuou na Bahia, enquanto o Integralismo naquele momento ganhava numerosos adeptos locais.

O “Caso dos Perdões”, outro fato envolvendo o Diário de Notícias no período Requião, merece ser destacado. A briga entre o jornalista e o arcebispo Primaz do Brasil, Dom Augusto Álvaro da Silva (1879-1968) ganhou dimensão nacional. O religioso pernambucano havia tomado posse na Arquidiocese de Salvador em 21 de maio de 1925. Posteriormente, viera a ser o primeiro cardeal do Brasil na década de 50.

Homem extremamente influente na esfera política local, Dom Augusto, assim como Requião, apoiou o movimento de 1930. Quando os batalhões revolucionários adentram Salvador no dia 25 de outubro, os tenentes que os lideravam, Juracy Magalhães, Joaquim Monteiro e Hanequim Dantas, trataram de comunicar as diretrizes do novo governo a Dom Augusto, fato ocorrido nesse mesmo dia (Tavares, op., cit., p.385).

O religioso não só mantinha seu poder político na sociedade baiana como tratava de afirmá-lo perante os vitoriosos que chegavam ao Estado. A posição de Dom Augusto refletia a da Igreja Católica do Brasil, que via na República de 30 a oportunidade de recompor o prestígio perdido ao longo de toda a República Velha, de orientação laica.

O “Caso dos Perdões” colocou os dois personagens em rota de colisão. No dia 07 de abril de 1936 um incidente envolveu Dom Augusto Álvaro da Silva e a freira Maria José de Sena, regente do Recolhimento do Senhor Bom Jesus dos Perdões e diretora do Educandário do Sagrado Coração de Jesus, entidades seculares mas subordinadas à Arquidiocese do Salvador, ambas situadas no bairro do Santo Antônio. A primeira entidade abrigava moças e

senhoras viúvas da sociedade baiana e a segunda se equiparava ao status de colégio normal (formação de professores).

De acordo com informações de pesquisadores que se debruçam sobre o assunto²⁷, a freira se indispôs com o arcebispo pelo fato de não ter acatado as determinações da Arquidiocese, que exigiu que a irmã Maria José transferisse os cargos a outra religiosa. Segundo consta, Dom Augusto teria agredido²⁸ a freira por conta da sua posição reticente. O fato motivou a reação da sociedade quanto à plausível atitude do arcebispo. O incidente resultou num processo envolvendo Dom Augusto e Altamirando Requião cerrou fileiras entre aqueles que se levantaram contra o religioso, movendo forte campanha desfavorável ao arcebispo nas páginas do Diário de Notícias.

Dom Augusto enfrentou a ação judicial tendo como advogado de defesa Medeiros Neto. No decorrer dos acontecimentos, ele ameaçou de excomunhão a todos que se postaram contra sua pessoa, inclusive Altamirando Requião, fato que, em relação ao jornalista, não chegou a se efetivar.

A postura do Diário de Notícias no “Caso dos Perdões”, à medida que marca a posição do jornal quanto ao suposto ato de arbítrio, por outro lado abria um outro flanco de desgaste, desta vez com o principal líder religioso do Estado. A liderança de Dom Augusto era incontestada e se traduzia em enorme prestígio político não só junto às classes dirigentes da Bahia, mas também em relação à alta cúpula da Igreja Católica Apostólica Romana. O arcebispo Primaz do Brasil era homem de confiança do Papa Pio XII.

Tais fatos indicam que Requião era um jornalista polêmico, que não se curvava a alguns “consensos” do meio político baiano, não temendo inclusive autoridades do porte do arcebispo Dom Augusto, a quem, que se saiba, poucos tiveram a audácia de enfrentar no Estado.

Requião usou seu jornal para realizar campanhas e fazer política para causas que, julgamos, ele simpatizasse, como registrado ao longo deste trabalho. Um jornalista que atuava numa imprensa engajada no modelo capitalista, à frente de um jornal moderno, mas que não se mostrava distante da posição de “homem de letras”, escritor, pensador e editorialista

²⁷ A mestrandia em História Social pela UFBA, Solange Dias de Santana, está escrevendo dissertação sobre a trajetória de Dom Augusto Álvaro da Silva à frente da Arquidiocese do Salvador.

preponderantemente opinativo. O jornalista reproduziu traços no Diário de Notícias da chamada imprensa literária.

O momento Balbino

A passagem de Balbino à frente do Diário de Notícias foi “meteórica”. O curto período (1939-1942) no comando do jornal induz a algumas observações pertinentes quanto ao propósito da sua presença. A própria operação de aquisição do veículo é norteadada por algumas particularidades. Como já registrado, Walfrido Moraes (2003) e Consuelo Novais (2001) dão conta da interferência do coronel Franklin Lins de Albuquerque nesta operação. Este teria financiado a compra do veículo para Balbino que, de acordo com Walfrido Moraes, não teria recursos financeiros para bancar a operação. “Era um pobretão”, afirma Walfrido Moraes, referindo-se às condições econômicas de Balbino naquele período.

Franklin Lins de Albuquerque, o “coronel” da cidade de Pilão Arcado e avalista de Balbino, era o proprietário do jornal O Imparcial, que nos idos de 1935 postara-se como porta-voz do Integralismo no Estado (Sampaio, op., cit., p. 107). E Lins de Albuquerque, vale registrar, se dizia pró-nazista por uma questão “angular²⁹” (Moraes:2003) (Nogueira:2003).

Outra interferência se registra no Diário de Notícias nesse momento. A plausível intermediação de Geraldo Rocha estabelecendo a ponte entre o jornal e os interesses alemães (Falcão: 2001) denota que a operação de venda do veículo talvez tenha sido arquitetada fora das fronteiras do Estado, na Capital Federal à época, no Rio de Janeiro.

A influência exercida por Geraldo Rocha no governo federal foi responsável pela indicação de Landolfo Alves à interventoria da Bahia em 1938 (Abreu, 2001, p.5088). Rocha tinha acumulado capital político suficiente. Havia sido deputado federal pela Bahia nas legislaturas de 1921 a 1930 e de 1935 a 1937, além de constituinte em 1934. Dono de jornais conceituados no Rio de Janeiro, usava a imprensa como capital político para catapultar seus projetos pessoais.

²⁸ Existem controvérsias sobre este fato.

²⁹ Segundo o Michaelis, Moderno Dicionário da Língua Portuguesa, *angular* significa, também, “o que faz a força de um instituição”. Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos, São Paulo: 1998.

Retomando a questão da negociação de venda do Diário de Notícias a Balbino, esta envolveu uma das maiores lideranças do coronelato do interior da Bahia, Franklin Lins de Albuquerque, o empresário e jornalista Geraldo Rocha, e, é presumível, os agentes alemães interessados em dar continuidade no veículo à propaganda política do Terceiro Reich, desta vez de forma mais consistente. Esta é uma suposição.

É nesse momento que Consuelo Novais aponta o incremento da tiragem do Diário de Notícias, ainda que não indique números relativos a esse fato (2001: p.1848). Esta situação sugere que o apoio dos capitais alemães ao jornal resultou numa maior circulação do veículo, ampliando seu público leitor. No nosso entendimento, a ampliação do número de leitores foi resultado da boa qualidade que o produto adquiriu nesse período, modernizando-se do ponto de vista gráfico (fato já comentado no capítulo anterior).

Em suma, a passagem de Balbino à frente do Diário de Notícias foi marcada pela composição política com as classes dirigentes locais e nacionais. De ex-deputado autonomista eleito em 1934, Antônio Balbino se transformou num fiel escudeiro do regime de Vargas ao tempo que seu jornal empreendeu veemente campanha política para a Alemanha Nazista, já em guerra.

Conclusão

Entre um momento e outro existe o fio condutor da disposição do jornal em defender e propagandear o regime nazista e se colocar na defesa do regime de Vargas. Esta foi a principal característica editorial do jornal ao longo dos sete anos em estudo. Apesar das suas posições e contradições políticas a nível regional, durante os anos de 1940 e 1941 as questões relativas à Bahia ficaram numa espécie de segundo plano, ao contrário do que fora registrado durante o período Requião.

A passagem do primeiro ao segundo momento é permeada pelo aumento da circulação do vespertino, o que indica um maior esforço por parte dos proprietários em atingir o público local. Claro. O jornal fora instrumentalizado para propagandear de forma mais eficiente. Todavia, ao que nos parece, o público soteropolitano não teria absorvido de forma passiva e descompromissada o posicionamento do Diário de Notícias.

Ainda que as elites intelectuais e políticas de Salvador fossem preponderantemente conservadoras, a situação nacional, de alguma forma, alterou o quadro local no que tange ao

posicionamento em relação à guerra. As investidas das forças alemãs em águas brasileiras, excitou e revoltou a população. O Brasil fora agredido e o episódio da guerra, que conforme Consuelo Novais, “de início não havia chamado a atenção da população de Salvador”, ganha dimensão no Estado, principalmente na capital, onde ocorrem as primeiras manifestações no país de setores organizados contra as potências agressoras do Eixo.

A declaração de guerra à Alemanha, Itália e Japão deu a visibilidade necessária à insatisfação da população de Salvador quanto ao posicionamento do Diário de Notícias. A população protestou de forma veemente, chegando às vias de ameaçar empastelar o jornal de Balbino. Certamente tínhamos aí a explosão de um descontentamento impossível de ocorrer nos anos anteriores da ditadura do Estado Novo. Apesar da população soteropolitana não ter se interessado pelos fatos da guerra no seu início, esta tinha consciência do que se processava no Diário de Notícias nos últimos anos.

Segundo Consuelo Novais, é nesse momento que “a situação do jornal torna-se insustentável”. De acordo com a autora, Balbino entrega o periódico ao seu avalista, Franklin Lins de Albuquerque, que passa a imprimi-lo na gráfica do Imparcial até o órgão ser adquirido pelo Condomínio dos Diários Associados.

A “insustentabilidade” do jornal resultou na retirada de Balbino do cenário da imprensa baiana. Um político que passa menos de três anos à frente de um órgão de imprensa, nas circunstâncias verificadas, e por conta de protestos da população resolve entregar “sua” empresa ao avalista/financiador que o ajudara a adquirir é um episódio no mínimo intrigante. E este nos obriga a raciocinar sob o ponto de vista de que a permanência de Balbino à frente do Diário de Notícias na verdade é a ponta de um *iceberg* muito maior. Interesses comerciais, de alemães e brasileiros, atuaram como agentes capazes de nortear a política editorial do veículo num momento de trevas da história da humanidade, colocando-o a serviço dos mais obscuros intentos.

Bibliografia

Livros, artigos, teses e sites

1. ABREU, Alzira Alves de (org.) – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. FGV/CPDOC, Volume, Rio de Janeiro: 2001.
2. AGOSTINO, Gilberto – O Trabalho enobrece; Trabalho e cultura política no nacional-socialismo *in* www.ifcs.ufrj.br/tempo/gilbrtoagostinho4 .
3. ALBUQUERQUE, Afonso de – Manipulação editorial e produção da notícia: Dois paradigmas da análise da cobertura jornalística da política. Texto apresentado por ocasião do 6º Encontro Anual da COMPOS, São Leopoldo/RS: 1997.
4. ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de – A Construção da Verdade Autoritária. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas; Universidade de São Paulo Humanitas, São Paulo: 2001.
5. ARENDT, Hanna – Origens do Totalitarismo, Companhia das Letras, São Paulo: 1988.
6. BAHIA, Juarez – Jornal, História e Técnica; História da Imprensa Brasileira. Ática. São Paulo: 1990.
7. BERTONHA, João Fábio. Entre Mussolini e Plínio Salgado: o Fascismo italiano, o Integralismo e o problema dos descendentes de italianos no Brasil. *Rev. bras. Hist.*, 2001, vol.21, no.40, p.85-104. ISSN 0102-0188.
8. BOBBIO, Norberto – Direita e esquerda; Razões e significados de uma distinção política. Unesp, 2ª Edição, São Paulo: 2001.
9. BOERSNER, Demetrio - Relaciones Internacionales de America Latina. Editorial Nueva Sociedad, 5ª Edición, Caracas: 1996.
10. BOURDIE, Pierre – O poder simbólico. Bertrand Brasil, 4ª Edição, Rio de Janeiro: 2001.
11. BOURDIE, Pierre – Sobre a televisão. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro: 1997.
12. BROUÉ, Pierre – O espectro da fênix: liberação e reconstrução no fim da Guerra *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.
13. BUCCI, Eugênio – Sobre ética e imprensa. Companhia das Letras, São Paulo: 2000.
14. CARNEIRO, Maria Luiza Tucci – O antisemitismo na Era Vargas (1930-1945), Editora Braziliense, São Paulo: 1988.
15. CHALHUB, Samira – Funções da linguagem. Ed. Ática, 4ª Edição, São Paulo: 1990.

16. CLEMESHA, Arlene – Marxismo e Judaísmo; História de uma relação difícil. Boitempo Editorial; Xamã Editora, 1ª Edição, São Paulo: 1998.
17. COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói: 1988.
18. COGGIOLA, Osvaldo – O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.
19. CONWELL, John - O Papa de Hitler; A História secreta de Pio XI. Editora Imago. Rio de Janeiro: 2000.
20. CORSI, Francisco Luiz – Estado Novo: Política externa e projeto nacional, Editora Unesp, São Paulo: 2000.
21. DE FELICE, Enzo – Entrevista sobre o fascismo, Civilização Brasileira: Rio de Janeiro: 1988.
22. DOMENACH, Jean Marie – A propaganda política; Difusão Européia do Livro, 2ª Edição, São Paulo:1963.
23. DUTRA, Eliana de Freitas – O ardil totalitário; Imaginário político do Brasil dos anos 30. Editoras UFRJ e UFMG. Rio de Janeiro, Belo Horizonte: 1997
24. ELIAS, Norbert – Os alemães; A luta pelo poder e a evolução dos habitus nos séculos XIX e XX. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1997.
25. FALCÃO, João – O Brasil e a Segunda Guerra Mundial. Editora UNB. Brasília: 1997.
26. FALCÃO, João – O Partido Comunista que eu conheci. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1988.
27. FAUSTO, Boris – A Revolução de 1930; Historiografia e História, Companhia das Letras, 16ª Edição, São Paulo: 1997.
28. FORSTER, Mark Arnold – Mundo em guerra. Record. São Paulo: 1973.
29. FOULCAULT, Michel – Microfísica do poder. Ed. Graal, 13ª edição, Rio de Janeiro: 1979.
30. FRANCISCATO, Carlos Eduardo. A construção da notícia política nos jornais de Sergipe; Uma análise dos constrangimentos e influências na produção jornalística. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas na Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1998.
31. GAMBINI, Roberto – O duplo jogo de Getúlio Vargas; Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: 1977.

32. GENRO FILHO, Adelmo. O segredo da pirâmide – para uma teoria marxista do jornalismo. Ed. Tchê, Porto Alegre: 1987.
33. GERTZ, René E. – Influência política alemã no Brasil na década de 1930, UFRG in www.tau.ac.il/eial/VII_1/index.html#articulos: 2002.
34. GOLDHAGEN, Daniel Jonah – Os carrascos voluntários de Hitler, Companhia das Letras, São Paulo: 1997.
35. GRAMSCI, Antonio – Maquiavel, a política e o estado moderno. 4ª Edição, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1980.
36. GRAMSCI, Antonio – Os intelectuais e a organização da cultura, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1968.
37. HABERMAS, Jürgen – Mudança estrutural da esfera pública. Biblioteca Tempo Universitário, nº 76. Rio de Janeiro: 1984.
38. HILTON, E. Stanley – Suástica Sobre o Brasil; A História da Espionagem Alemã no Brasil, Coleção Retratos do Brasil, volume 105, Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1977.
39. HITLER, Adolf - Minha luta. Centauro. São Paulo: 2001.
40. HOBSBAWM, Eric - A era dos extremos, Companhia das Letras, 2ª Edição. São Paulo: 1996.
41. KUNCZIK, Michael – Conceitos de jornalismo Norte e Sul (Manual de Comunicação). Edusp. São Paulo: 1997
42. KURTZ, Adriana Schryver – Holocausto judeu e estética nazista: Hitler e a arquitetura da destruição. Artigo disponível no site da Intercom, pesquisado em 24/08/2002. www.intercom.org.br : 2002.
43. LAGE, Nilson – Ideologia e técnica da notícia. Vozes, 2ª Edição. Petrópolis: 1981.
44. LOWY, Michel –Redenção e Utopia; Companhia das letras. São Paulo: 1989.
45. MAFESSOLI, Michela – A violência totalitária. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro: 1981.
46. MARCONDES FILHO, Ciro – Comunicação e Jornalismo; A saga dos cães perdidos. Hecker Editores. São Paulo: 2000.
47. MARCONDES FILHO, Ciro – O capital da Notícia. Ática, 2ª Edição. São Paulo: 1989
48. MICHAELIS: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa. Melhoramentos, São Paulo: 1998.

49. MIGUEZ DE OLIVEIRA, Paulo César - A organização da cultura na “Cidade da Bahia”, Tese de Doutorado. Universidade Federal da Bahia, Salvador: 2002.
50. MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.
51. MORAIS, Fernando – Olga, Companhia das Letras, 16ª Edição, São Paulo: 1994.
52. NOGUEIRA, Rubem – O homem e o muro, Memórias políticas e outras; Ed. GRD. São Paulo: 1997.
53. OLIVEIRA, Lúcia Lippi; VELLOSO, Mônica pimenta; GOMES, Angela Maria de Castro – Estado Novo; Ideologia e poder. Zahar Editores. Rio de Janeiro: 1982.
54. ORLANDI, Eni P. – Análise de discurso; Princípios e procedimentos, 4ª Edição, Ed. Pontes. São Paulo: 1999.
55. PORTELLI, Hugues – Gramsci e o bloco histórico, Paz e Terra. São Paulo: 1983.
56. PORTO, Sérgio; MOUILLAND, Maurice (org.) – O jornal; Da forma ao sentido. Coleção Comunicação, Editora UNB, Brasília: 2002.
57. RAMOS, Bandeira - A crise da economia fumageira do Recôncavo baiano entre os anos de 1870 e 1930. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador:1990.
58. RANGEL, Eleazar Díaz – La información internacional en America Latina; Monte Avila Editores, 1ª Edición, Caracas: 1991.
59. REICH, Wilhem - Psicologia de Massas do Fascismo, Editora Martins Fontes 2ª Edição. São Paulo: 1988.
60. RIBAS, Antônio de Lara – Punhal Nazista no Coração do Brasil. Delegacia de Ordem Política e Social de Santa Catarina, Florianópolis: 1944, p. 205 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.
61. RISÉRIO, Antonio – Adorável Comunista. Versal Editores, Rio de Janeiro: 2002.
62. ROCHA, Geraldo – Providência inadiável, Revista Educação, Rio de Janeiro: 1938 *in* CARNEIRO, Maria Luiza Tucci– O antisemitismo na Era Vargas (1930-1945), Editora Brasiliense, São Paulo: 1988.
63. ROSSI, Clovis – O que é jornalismo; Coleção Primeiros Passos – Ed. Brasiliense, 10ª Edição. São Paulo: 2000.
64. SAMPAIO, Consuelo Novais - A Bahia na Segunda Guerra Mundial *in* Revista O Olho da História, Edufba, Salvador: 1995.

65. SAMPAIO, Consuelo Novais – Movimentos Sociais na Bahia de 1930: Condições de vida do operariado *in* Revista Universitas, 1ª edição – Centro Editorial e Didático da Universidade Federal da Bahia, Salvador: 1968.
66. SAMPAIO, Consuelo Novais – O Diário de Notícias da Bahia *in* ABREU, Alzira Alves de (org.) – Dicionário Histórico-Biográfico Brasileiro. FGV/CPDOC, 2001, p.1847. Rio de Janeiro: 2001.
67. SAMPAIO, Consuelo Novais – Poder e Representação; O Legislativo na Bahia na Segunda República 1930-37. Assembléia Legislativa da Bahia. Salvador: 1992.
68. SANTOS, José Weliton Aragão dos – Formação da grande imprensa na Bahia. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Salvador: 1985.
69. SEINTENFUS, Ricardo Antônio da Silva – O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos 1930-1942. – Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1985, p.81 *in* COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense. Niterói: 1988.
70. SILVA, Hélio – 1938; Terrorismo em Campo Verde. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1964.
71. SILVA, Hélio – 1939: Véspera de Guerra; Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 1972.
72. SILVEIRA, Joel; MORAES, Geneton – O pacto Maldito. Record. Rio de Janeiro: 1990.
73. SODRÉ, Nelson Werneck – A História da Imprensa no Brasil; Ed. Paz e Terra, São Paulo: 1980.
74. SOUSA, Jorge Pedro – Uma história crítica do fotojornalismo ocidental *in* Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, www.bocc.ubi.pt. Porto: 1998.
75. SOUZA, Américo de – A retórica da verdade jornalística *in* Biblioteca on-line de ciências da comunicação, www.bocc.ubi.pt. Porto: 2001
76. TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia. 10ª Edição, Editora Unesp; EDUFBA: São Paulo, Salvador: 2001.
77. TEIXEIRA, Francisco Carlos – Fascismo, resistência e cultura de massas: uma releitura *in* www.ifcs.ufri.br/tempo/pesquisadores . pesquisado em 04/07/2001.
78. TRAQUINA, Nelson – Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”. Coleção Comunicação e Linguagem, Lisboa: 1999.
79. VEIGA, Cláudio – Atravessando um século; A vida de Altamirando Requião. Ed. Record. Rio de Janeiro: 1993.

80. WILLEMS, Emílio – A Aculturação dos alemães no Brasil. Brasileira, Companhia Editora Nacional .Volume 250, 2ª Edição. São Paulo: 1980.
81. WYKES, Alan – Goebbels; História Ilustrada da 2ª Guerra Mundial. Ed. Renes, Vol. 7. Rio de Janeiro: 1975.

Edições do Diário de Notícias

1. Diário de Notícias, 12/01/35, edição nº 9287
2. Diário de Notícias, 29/01/35, edição nº 9302
3. Diário de Notícias, 19/08/35, edição nº 9466
4. Diário de Notícias, 21/08/35, edição nº 9468
5. Diário de Notícias, 23/08/35, edição nº 9470
6. Diário de Notícias, 24/08/35, edição nº 9471
7. Diário de Notícias, 17/09/35, edição nº 9490
8. Diário de Notícias, 24/09/35, edição nº 9490
9. Diário de Notícias, 11/10/35, edição nº 9511
10. Diário de Notícias, 18/10/35, edição nº 9570
11. Diário de Notícias, 07/11/35, edição nº 9321
12. Diário de Notícias, 11/11/35, edição nº 9533
13. Diário de Notícias, 12/11/35, edição nº 9534
14. Diário de Notícias, 06/12/35, edição nº 9554
15. Diário de Notícias, 07/12/35, edição nº 9555
16. Diário de Notícias, 16/12/35, edição nº 9562
17. Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563
18. Diário de Notícias, 17/12/35, edição nº 9563
19. Diário de Notícias, 18/12/35, edição nº 9564
20. Diário de Notícias, 18/12/35, edição nº 9564
21. Diário de Notícias, 27/12/35, edição nº 9751
22. Diário de Notícias, 06/02/36, edição nº 9602
23. Diário de Notícias, 12/03/36, edição nº 9631
24. Diário de Notícias, 13/03/36, edição nº 9632
25. Diário de Notícias, 14/03/36, edição nº 9633
26. Diário de Notícias, 03/04/36, edição nº 9650
27. Diário de Notícias, 15/05/36, edição nº 9683

28. Diário de Notícias, 23/06/36, edição nº 9640
29. Diário de Notícias, 09/07/36, edição nº 9728
30. Diário de Notícias, 22/07/36, edição nº 9739
31. Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749
32. Diário de Notícias, 03/08/36, edição nº 9749
33. Diário de Notícias, 05/10/36, edição nº 9801
34. Diário de Notícias, 16/10/36, edição nº 9810
35. Diário de Notícias, 09/11/36, edição nº 9828
36. Diário de Notícias, 02/02/37, edição nº 9897
37. Diário de Notícias, 11/02/37, edição nº 9903
38. Diário de Notícias, 15/03/37, edição nº 9930
39. Diário de Notícias, 17/04/37, edição nº 10.127
40. Diário de Notícias, 31/05/37, edição nº 9993
41. Diário de Notícias, 05/01/38, edição nº 10.165
42. Diário de Notícias, 12/01/38, edição nº 10.170
43. Diário de Notícias, 22/01/38, edição nº 10.179
44. Diário de Notícias, 16/03/38, edição nº 10.222
45. Diário de Notícias, 02/04/38, edição nº 10.237
46. Diário de Notícias, 27/03/39, edição nº 10.102
47. Diário de Notícias, 15/09/39, edição nº 11.134
48. Diário de Notícias, 04/01/40, edição nº 10.776
49. Diário de Notícias, 02/04/40, edição nº 10.847
50. Diário de Notícias, 08/04/40, edição nº 10.846
51. Diário de Notícias, 08/04/40, edição nº 10.858
52. Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940
53. Diário de Notícias, 20/07/40, edição nº 10940
54. Diário de Notícias, 26/07/40, edição nº 10.946
55. Diário de Notícias, 05/08/40, edição nº 10.953
56. Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº 10.696
57. Diário de Notícias, 23/08/40, edição nº 10.696
58. Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977
59. Diário de Notícias, 02/09/40, edição nº 10.977
60. Diário de Notícias, 05/09/40, edição nº 10.980

61. Diário de Notícias, 16/09/40, edição nº 10.989
62. Diário de Notícias, 17/09/40, edição nº 10.989
63. Diário de Notícias, 18/09/40, edição nº 10.991
64. Diário de Notícias, 27/09/40, edição nº 10.999
65. Diário de Notícias, 28/09/40, edição nº 11.000
66. Diário de Notícias, 17/01/41, edição nº 11.092
67. Diário de Notícias, 30/01/41, edição nº 11.103
68. Diário de Notícias, 02/02/41, edição nº 11.106
69. Diário de Notícias, 12/02/41, edição nº 11.114
70. Diário de Notícias, 14/02/41, edição nº 11.116
71. Diário de Notícias, 26/02/41, edição nº 11.125
72. Diário de Notícias, 19/04/41, edição nº 11.169
73. Diário de Notícias, 30/06/41, edição nº 11.228
74. Diário de Notícias, 11/07/41, edição nº 11.238
75. Diário de Notícias, 14/07/41, edição nº 11.240
76. Diário de Notícias, 15/07/41, edição nº 11.241
77. Diário de Notícias, 30/07/41, edição nº 11.231
78. Diário de Notícias, 25/08/41, edição nº 11.276
79. Diário de Notícias, 01/12/41, edição nº 11.360
80. Diário de Notícias, 11/07/42, edição nº 11.410

Outros órgãos de imprensa

- 1- Jornal O Globo, 04 de janeiro de 2001, edição nº 24.615, p. 03

Documentos pesquisados e citados

- 1- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Tribunal de Segurança Nacional – Proc.3752: p.12 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro:1996.
- 2- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – II 1328 *in* MORAES, Luiz Edmundo – Ein volk, Ein Reich, Ein Führer; A seção brasileira do Partido Nazista e a questão nacional. Dissertação de Mestrado, UFRJ, Rio de Janeiro: 1996.
- 3- Arquivo Nacional, Rio de Janeiro – Documentos do Ministério da Justiça – Seção do Poder Executivo – II 1422 e II1362 *in* COEHN, Ester – O governo Federal e o Partido Nazista no Brasil; Dissertação de Mestrado, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói : 1988.
- 4- Arquivo Público do Estado da Bahia, Setor Republicano. Despacho de 6 de novembro de 1943 do secretário de Segurança Pública da Bahia, Major Hoche Pulchário sobre o militante nazista e joalheiro Herman Volz. Caixa 15, pacote 01, folha 14.
- 5- Junta Comercial do Estado da Bahia (Juceb). Ata da Assembléia Geral Extraordinária da Sociedade Anônima Diário de Notícias da Bahia , em 05/07/1940, folha nº 36.
- 6- FGV - CPDOC/ucigm. 01/09/1941. Plano de Defesa da Região Nordeste/1941. Recife (PE).

Audiovisuais

- 1 – TV Nacional, Fundação Padre Anchieta. Documentário *Goebbels*. Programa *O Quarto Poder*. Apresentação do jornalista Alberto Dines. Exibido em 23/07/1996.

Entrevistas

1 - João da Silva Falcão. Militante comunista nas décadas de 40, 50 e 60, advogado e jornalista. Fundador da Revista Seiva e dos jornais O Momento e Jornal da Bahia. Concedeu entrevista em 26/09/2001.

2 - Walfrido Moraes. Advogado, jornalista e escritor. Pertence à Academia Baiana de Letras. Atuou na imprensa baiana na década de 30 como repórter dos jornais O Imparcial e Diário de Notícias. Concedeu entrevista em 21/03/2003.

3 – Rubem Nogueira. Militante integralista na década de 30, foi advogado, jornalista e deputado federal entre 1961 e 1971. Atuou como repórter do jornal Diário de Notícias de março a dezembro de 1935.